



TUDO QUE VOCÊ PRECISA É MATAR
HIROSHI SAKURAZAKA

ALL YOU NEED IS KILL

HIROSHI SAKURAZAKA

Tradução de Alessandro Ciapina
Título Original: All You Need Is Kill
(オール ユー ニード イズ キル)

EPUBR I CLUB
2016

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

All You Need Is Kill (オールユーニードイズキル) © 2004 by Hiroshi Sakurazaka
All rights reserved. First published in Japan in 2004 by SHUEISHA Inc., Tokyo

Ilustração da capa de Olly Jones, 2014 – Fonte:
<http://olyjns.tumblr.com/post/78437053464/all-you-need-is-kill-illustration-2014>
Tradução para o português por Alessandro Ciapina

Esse é um trabalho de tradução amadora, feito sem fins lucrativos.
É terminantemente proibida a comercialização ou distribuição do material com fins lucrativos.

A posse e utilização dessa tradução não configura crime conforme o artigo 184 do código penal brasileiro, que trata da violação dos direitos do autor, desde que não se configure o intuito de lucro direto ou indireto, conforme disposto nos parágrafos de 1 a 4.

Caso você goste do livro recomendo a compra do original em inglês, através de sites conceituados como www.amazon.com.br, como forma de recompensar o trabalho do autor.

Alguns termos como Full Metal Bitch, siglas ou termos militares não foram traduzidos intencionalmente.

Para mais traduções, dicas de livros e resenhas, visite o site:
<http://leiturasparalelas.wordpress.com/>

[Capítulo 1 - Soldado Kiriya](#)

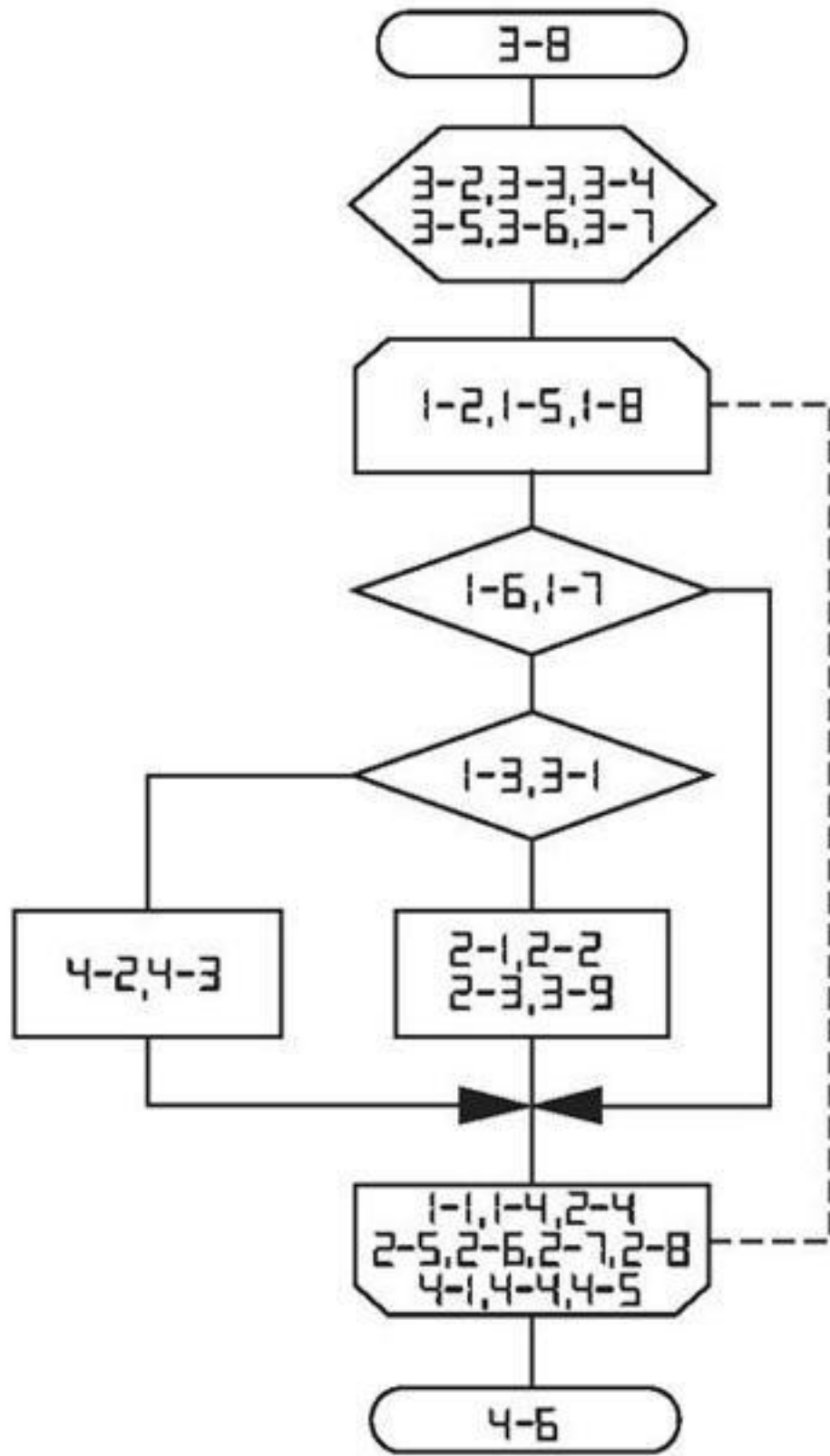
[Capítulo 2 - Sargento Ferrell](#)

[Capítulo 3 - Full Metal Bitch](#)

[Capítulo 4 - Killer Cage](#)

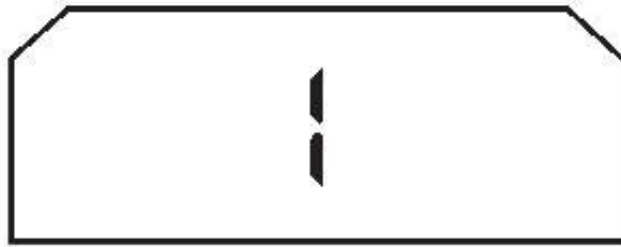
[Pós-fácio](#)

[Notas de Tradução](#)



Capítulo - 1

Soldado Kiriya



1

Quando as balas começam a voar, é apenas uma questão de tempo até que o medo alcance um soldado.

Então ali está você, com a morte de aço assobiando pelo ar.

Cápsulas à distância trovejam baixo e abafadas, um som oco que você sente mais do que escuta. As mais próximas soam alto e claro. Elas gritam com uma voz que chocalha os seus dentes, e você sabe que elas são aquelas endereçadas a você. Elas cortam fundo no chão atirando para cima um véu de poeira que fica suspenso, esperando pela próxima saraivada que virá rasgá-lo.

Milhares de cápsulas, queimando pelo céu – pedaços de metal não maiores que o seu dedo – e só é necessário uma para matá-lo. Só uma transforma seu melhor amigo em um pedaço de carne fumegante.

A morte vem rapidamente, em uma batida de coração, e ela não é exigente quanto a quem ela irá levar.

Os soldados que ela leva rapidamente – antes que eles saibam o que os atingiu – são os sortudos. A maioria morre em agonia, seus ossos estilhaçados, seus órgãos rasgados, derramando um mar de sangue no chão. Eles esperam sozinhos na lama pela chegada sorrateira da morte por trás deles para arrancar suas últimas gotas de vida com suas gélidas mãos.

Se existe um céu, é um lugar frio. Um lugar escuro. Um lugar

solitário.



Estou aterrorizado.

Eu agarro o gatilho com dedos rígidos; meus braços tremem quando eu envio uma chuva de aço abrasador sobre o inimigo. O rifle dá coices enquanto atiro. *Vunk. Vunk. Vunk.* Uma batida mais constante que a do meu coração. O espírito de um soldado não está em seu corpo. Está em sua arma. O cano aquece até que brilhar, o calor transformando medo em fúria.

Fodam-se os generais cheios de estrelas e suas malditas desculpas pelo suporte aéreo!

Fodam-se os figurões de colarinho branco e seus planos que não valem nada quando a merda começa a voar!

Foda-se a artilharia por ficar recuada no flanco esquerdo!

Foda-se o bastardo que conseguiu se matar!

E mais do que tudo, foda-se qualquer coisa e tudo que está apontando para mim! Empunhe sua fúria como um punho de aço e esmague a cara deles.

Se a coisa se move, foda-se!

Eu tenho que matar todos eles. Fazer com que parem de se mover.



Um grito encontra seu caminho através dos meus dentes cerrados.

Meu rifle dispara 450 tiros de 20 mm por minuto, por isso ele pode queimar um pente rapidamente. Mas não faz sentido poupar balas. Não importa quanta munição você tem quando se está morto. Hora de um novo pente.

“Recarregar!”

O soldado para quem eu estava gritando já estava morto. Minha ordem morreu no ar, um pulso de estática sem sentido. Eu apertei meu gatilho novamente.

Meu camarada Yonabaru recebeu um dos primeiros tiros que eles dispararam sobre nós – um daqueles javelins. O acertou em cheio, passou rasgando sua armadura. A ponta saiu coberta de sangue, óleo, e alguns fluídos não identificados. Sua armadura fez uma *danse macabre* por cerca de dez segundos antes de finalmente parar de se mover.

Não havia necessidade em se chamar um médico. Ele tinha um buraco abaixo de seu peito de cerca de dois centímetros de diâmetro, que saía direto pelas suas costas. A fricção tinha cauterizado a beirada da ferida, deixando uma chama laranja opaca dançando em torno da abertura. Isso tudo aconteceu no primeiro minuto depois da ordem de atacar.

Ele era o tipo de cara que provocava você com as coisas mais estúpidas, ou que dizia para você quem tinha feito o quê antes que você terminasse o primeiro capítulo. Mas ele não merecia morrer.

Meu pelotão – os 146 homens da 17ª Companhia, do 3º Batalhão, do 12º Regimento da 301ª Divisão de Infantaria Blindada – foi enviada para reforçar o norte da ilha de Kotoiushi. Eles nos levaram de helicóptero para emboscar o flanco esquerdo do inimigo por trás. Nosso trabalho era varrer os corredores quando o assalto frontal inevitavelmente começasse a fazê-los recuar.

Faltou muito para o inevitável.

Yonabaru morreu antes da luta sequer começar.

Eu fiquei imaginando se ele sofreu muito.

Nessa hora eu percebi o que estava acontecendo, meu pelotão estava exatamente no meio da batalha. Nós estávamos recebendo fogo inimigo tanto quanto das nossas próprias tropas. Tudo que eu podia ouvir eram gritos, choros e “Merda! Merda! Merda! Merda!”. Os palavrões voavam tanto quanto as balas. Nosso líder de esquadrão estava morto. Nosso sargento estava

morto. O zumbido dos rotores dos helicópteros de suporte já tinha sumido há muito tempo. Comunicações foram cortadas. Nossa companhia foi feita em pedaços.

A única razão pela qual eu ainda estava vivo era porque eu estava sobre cobertura quando Yonabaru recebeu o dele.

Enquanto os outros mantinham posições e lutavam, eu estava escondido na proteção da minha armadura, tremendo como uma vara verde. Esses Mechs eram feitos de um composto japonês para armadura que era invejado em todo o mundo. Ele o cobria como o branco do grão de arroz. Eu imaginei que se um Mech resistisse com a primeira camada ele jamais resistiria com a segunda. Então se eu ficasse fora de vista o suficiente, o inimigo poderia ir embora quando eu saísse, certo?

Eu estava apavorado.

Como qualquer recruta recém-saído do campo de treino eu poderia atirar com um rifle ou com um bate-estaca, mas eu ainda não sabia como fazer isso valer merda alguma. Qualquer um poderia apertar um gatilho. *Bang!* Mas saber quando atirar, onde atirar quando se estava cercado? Pela primeira vez eu percebi que não sabia o básico sobre a guerra.

Outro javelin traçou o ar sobre minha cabeça.

Eu senti o gosto de sangue na minha boca. O gosto de ferro. Prova de que eu ainda estava vivo.

Minhas mãos estavam úmidas e viscosas dentro das luvas. As vibrações do Mech me diziam que a bateria estava quase no fim. Eu senti cheiro de óleo. O filtro estava capengando, e o fedor do campo de batalha estava lutando para entrar no meu traje, o cheiro dos corpos dos inimigos como o cheiro de folhas amassadas.

Eu não tinha sentido nada abaixo do meu peito por um tempo. Eu devia ter me ferido onde eles me atingiram, mas eu não me feri. Eu não sei se isso foi bom ou ruim. A dor faz com que você saiba que ainda não está morto. Pelo menos eu não tinha que me preocupar com a urina no meu traje.

Acabaram-se as granadas incendiárias. Sobraram apenas trinta e seis projéteis de 20 mm. O pente ficaria vazio em menos

de cinco segundos. Meu lança foguetes – que tinha sido fornecido com apenas três foguetes, diga-se de passagem – perdeu-se antes que eu pudesse ter disparado um maldito foguete. Minha câmera do capacete estava perdida, a blindagem do meu braço esquerdo estava esfaqueada, e até mesmo na força máxima meu Mech estava trabalhando com apenas 40 por cento. Miraculosamente, o bate-estacas do meu ombro esquerdo tinha sobrevivido sem um arranhão.

Um bate-estacas é uma arma de combate corpo a corpo que usa uma carga explosiva para disparar espetos de carvão de tungstênio – bons somente contra inimigos ao alcance do braço. As cápsulas de pólvora que disparam cada um são tão grandes quanto o punho de um homem. Sob um ângulo de impacto de noventa graus, a única coisa que pode resistir a isso é a armadura frontal de um tanque. Quando me disseram pela primeira vez que um pente tem vinte tiros, eu não acreditava que alguém pudesse viver o suficiente para usar tantos. Eu estava errado.

O meu ainda tinha quatro tiros.

Eu tinha atirado dezesseis vezes, e tinha errado quinze – talvez dezesseis.

O visor do capacete do meu traje estava travado. Eu não conseguia ver merda nenhuma onde ele estava inclinado. Poderia ter um inimigo parado bem na minha frente e eu nunca teria sabido disso.

Eles dizem que um veterano que está acostumado como traje pode ver o que está à sua volta sem mesmo usar a câmera. É preciso mais que olhos em uma batalha. Você tem que sentir o impacto passando através das camadas de cerâmica e metal e em seu corpo. Ler o puxão do gatilho. Sentir o chão através das solas de suas botas. Ler números de um caleidoscópio de medidores e saber o que está no campo de batalha em um instante. Mas eu não podia fazer nada disso. Um recruta em sua primeira batalha não saberia de merda nenhuma.

Inspirar. Expirar.

Meu traje estava ensopado com suor. Um cheiro terrível. Ranho estava pingando do meu nariz, mas eu não podia limpá-lo.

Eu chequei o cronômetro no meu visor. Sessenta e um minutos tinham se passado desde que a batalha começou. Era merda demais. Parecia como se eu estivesse lutando por meses.

Eu olhei para a esquerda, para a direita. Para cima, para baixo. Eu apertei um punho dentro de uma luva. Não podia fazer muita força, eu tinha que me lembrar disso. Faça força demais e sua mira seria prejudicada.

Sem tempo para chegar o *Doppler*. Tempo de disparar e esquecer.

Thak thak thak thak thak!

Uma nuvem de poeira ergueu-se.

Os disparos do inimigo pareciam montados no vento sobre a minha cabeça, mas os meus pareciam mudar de rumo assim que deixavam o tambor, como se o inimigo simplesmente os estivesse desviando. Nosso sargento de treinamento disse que armas podem ser engraçadinhas assim. Se você me perguntar, pareceria justo se o inimigo pudesse sentir as cápsulas gritando sobre eles também. Nós poderíamos todos então ter a vez de sentir o bafo da Morte nas nossas nuças, amigos ou inimigos.

Mas como a aproximação da Morte pareceria a um ouvido inumano? Eles sequer sentiriam medo?

Nossos inimigos – os inimigos da Força de Defesa Unida – eram monstros. Mimics, assim os chamávamos.

Minha arma estava sem balas.

A silhueta de um orbe disforme materializou-se em uma nuvem marrom cor de barro. Era mais baixo que um homem. Ele provavelmente chegaria ao ombro de um soldado com Mech. Se um homem era uma vara de pé em uma extremidade, um Mimic seria um barril de chope – um barril com quatro membros e um rabo, aliás. Algo como o corpo inchado de um sapo, como gostávamos de dizer. Dando ouvidos ao que diziam os ratos de laboratório, eles tinham mais em comum com as estrelas do mar, mas isso era apenas um detalhe.

Eles eram um alvo menor que um homem, então naturalmente eram mais difíceis de acertar. Além de seu tamanho, eles pesavam mais que nós. Se você pegasse um desses barris

enormes, do tipo que os americanos usam para destilar Bourbon, e enchê-los com areia molhada então você estaria quase acertando. Não o tipo de massa que poderia esperar-se de um mamífero, que tem 70 por cento de água. Um simples tapa de um de seus membros podia enviar um homem pelo ar em centenas de pedacinhos. Seus javelins – projéteis disparados de orifícios de seus corpos, tinham o poder de projéteis de 40 mm.

Para lutar com eles, nós usávamos máquinas para nos tornar mais fortes. Nós escalávamos os Mechs mecanizados – última e maior criação da ciência. Nós nos uníamos a uma pele de aço tão resistente que uma espingarda disparada à queima roupa sequer nos arranhava. Era assim que nós encarávamos os Mimics, e mesmo assim éramos inferiores.

Mimics não causam o medo instintivo que você encontra quando enfrenta um urso protegendo seus filhotes, ou quando encontra o olhar de um leão faminto. Mimics não rugem. Eles não são assustadores de se olhar. Eles não abrem as asas ou erguem-se em suas patas traseiras para se fazerem mais intimidadores. Eles simplesmente caçam como máquinas incansáveis. Eu me senti como um cervo surpreendido por faróis, congelado no caminho de um caminhão. Eu não conseguia entender como me encontrava nessa situação.

Eu estava sem balas.

Adeus, mãe.

Eu vou morrer na merda de um campo de batalha. Em alguma ilha esquecida por Deus, sem amigos, sem família, sem namorada. Com dor, com medo, coberto em minha própria merda por causa do medo. E eu não podia erguer a única arma que me restava para defender-me do bastardo que disparava em minha direção. Era como se toda minha energia tivesse me deixado com os últimos disparos.

O Mimic vindo em minha direção.

Eu podia ouvir a respiração da Morte em minha orelha.

Sua figura agigantava-se na tela do meu capacete.

Agora eu a via; seu corpo manchado com um vermelho sangrento. Sua foice, um Behemoth com dois metros de

comprimento, com o mesmo tom vívido. Era mais um machado de batalha que uma foice. Em um mundo onde amigos e inimigos vestiam a mesma camuflagem poeirenta, ela exibia um vermelho de brasa em todas as direções.

O Anjo da Morte correu para frente, mais rápida até mesmo que o Mimic. Uma perna carmesim chutou e eu voei.

Minha armadura é esmagada. Eu paro de respirar. O céu torna-se o chão. Meu visor afoga-se em luzes de aviso vermelho e piscantes. Eu cuspo sangue, poupando o trabalho dos avisos luminosos.

Então meu bate estacas dispara. A explosão me atira pelo menos dez metros no ar. Pedacos da blindagem do meu traje espalham-se pelo chão. Eu aterrisso de cabeça para baixo.

A Morte balança seu machado de guerra.

Metal grita quando ela corta o que não podia ser cortado. O machado guincha como um trem de carga travando as rodas para parar.

Eu vejo a carapaça do Mimic viajando pelo ar.



Foi preciso apenas um golpe para reduzir o Mimic a um monte imóvel. Areia cinzenta vazava da ferida aberta. As duas metades da criatura estremeciam e se contorciam cada uma mantendo seu próprio ritmo estranho. Uma criatura cujas maiores invenções tecnológicas da humanidade mal podiam arranhar, jazia arrasada por uma arma bárbara de um passado milenar.

A Morte virou-se lentamente para me encarar.

Em meio à esmagadora quantidade de luzes de advertência vermelhas que lotavam meu visor, uma única luz verde piscava. Uma transmissão de entrada aliada. "... como um pouco... kay?" Uma voz de mulher. Impossível de entender por cima do barulho. Eu não podia suportar. O Mech estava exaurido, e assim estava eu

também. Eu usei tudo que me restava apenas para rolar pelo lado direito para cima.

Após uma inspeção mais cuidadosa, eu não estava, de fato, na companhia do Anjo da morte. Era apenas mais um soldado em um Mech. Não um Mech exatamente como o meu, uma vez que estava equipado com um enorme machado de batalha onde normalmente deveria estar um bate estacas. A insígnia no ombro não mostrava JP, mas US. No lugar da usual camuflagem para o deserto com uma mistura de tons de areia e café, o traje brilhava da cabeça aos pés em um vermelho metálico.

A Full Metal Bitch.

Eu tinha ouvido estórias. Uma viciada em guerra sempre perseguindo a ação, não importa onde ela a levasse. Dizia-se que ela e seu esquadrão de Forças Especiais do exército americano, tinham feito metade de todas as mortes confirmadas de Mimics. Talvez alguém que pudesse ter lutado tanto e ainda vivido para contar a história fosse realmente o Anjo da Morte.

Ainda carregando o machado de batalha, o Mech vermelho veio em minha direção. Sua mão estendeu-se e mexeu em um interruptor sob a blindagem de meu ombro. Um interruptor de comunicação.

“Tem algo que eu gostaria de saber.”

Sua voz preencheu meu traje, clara como cristal. Um tom suave, leve, que não combinava com os dois metros de machado e a carnificina que ela tinha acabado de criar com ele.

“É verdade que o chá verde que servem no Japão ao final das refeições é grátis?”

A areia condutora que se derramava do Mimic caído dançava com o vento. Eu podia ouvir o grito distante de cápsulas voando. Este o campo de batalha, a desolação queimada onde Yonabaru, Capitão Yuge e o resto do meu pelotão haviam morrido. Uma floresta de cápsulas de aço. Um lugar onde seu traje enchia-se com sua própria urina e merda. Onde você arrastava-se por um atoleiro de sangue e imundice.

“Eu já me meti em confusão por acreditar em tudo que leio. Então eu pensei que deveria tomar cuidado, e perguntar a um

local," ela continuou.

Aqui estou eu, meio morto, coberto em merda, e você quer falar sobre chá?

Quem vai até alguém, atira-o para o chão com um chute, e ainda pergunta sobre chá? O que estava passando pela merda da cabeça dela? Eu queria dar a ela uma amostra do que estava pensando, mas as palavras não saíam. Eu podia pensar nas palavras que queria dizer, mas minha boca tinha esquecido como funcionar – uma litania de palavrões que pararam no portão.

"Esse é o problema com os livros. Na metade do tempo o autor não sabe sobre que diabos está escrevendo – especialmente aqueles romancistas de guerra. Agora que tal você soltar seu dedo do gatilho e tomar uma boa e profunda respirada."

Bom conselho. Levou um minuto, mas eu comecei a enxergar direito novamente. O som da voz de uma mulher sempre tinha o efeito de me acalmar. A dor da qual eu tinha me esquecido no campo de batalha retornou às minhas tripas. Meu traje lia incorretamente minhas cãibras musculares, enviando leves espasmos ao Mech. Pensei na dança que o traje de Yonabaru fez logo antes de morrer.

"Dói muito?"

"O que você acha?" Minha resposta não era mais que um sussurro rouco.

O Mech vermelho ajoelhou em frente a mim, examinando a blindagem rasgada sobre meu estômago. Eu arrisquei uma pergunta. "Como está indo a batalha?"

"O 301º foi exterminado. Nossa principal linha recuou para a costa para se reagrupar."

"E quanto ao seu esquadrão?"

"Não precisa se preocupar com eles."

"Então... como eu pareço?"

"Ele perfurou a frente, mas a placa interna da armadura o parou. A queimadura está feia."

"Quanto?"

"Feia."

"Merda." Eu olhei para o céu. "Parece que está começando a

clarear.”

“Sim. Eu gosto do céu aqui.”

“Por quê?”

“É claro. Ninguém pode bater as ilhas quando trata-se de céu limpo.”

“Eu vou morrer?”

“Sim,” ela me disse.

Eu senti lágrimas nos meus olhos. Eu estava grato, então, pelo meu capacete esconder meu rosto de sua vista. Manteve minha vergonha como uma coisa particular.

O Mech vermelho manobrou para gentilmente segurar minha cabeça. “Qual o seu nome? Não a sua graduação ou o seu número de série. Seu nome.”

“Keiji. Keiji Kiriya.”

“Eu sou Rita Vrataski. Eu vou ficar aqui até você morrer.”

Ela não poderia ter dito nada que eu preferisse mais ouvir, mas eu não ia deixá-la perceber isso. “Você vai morrer também se ficar.”

“Eu tenho uma razão. Quando você morrer, Keiji, eu vou pegar a bateria do seu Mech.”

“Está frio.”

“Não é necessário lutar contra isso. Relaxe. Pode ir.”

Eu ouvi um ruído eletrônico – um sinal de uma comunicação de entrada no capacete de Rita. Era a voz de um homem. A conexão entre nossos Mechs automaticamente retransmitiu a voz para mim.

“Calamity Dog, aqui é o Chefe Criador.”

“Estou copiando.” De volta aos negócios.

“Servidor Alpha e arredores sobre controle. Estimamos que possamos segurar por treze minutos, no máximo. Hora de pegar aquela pizza.”

“Calamity Dog copiou. Entrando em silêncio daqui para frente.”

O Mech vermelho ergueu-se, cortando nosso elo de comunicação. Atrás dela uma explosão ressoou. Eu senti o chão tremer através da minha espinha. Uma bomba guiada a laser

tinha caído do céu. Ela mergulhou fundo no chão, perfurando o leito de pedra antes de detonar. O chão de areia branca inchou como uma panqueca que passou do ponto; sua superfície rachou e vomitou solo mais escuro, da cor de xarope de bordo, pelo ar. Uma chuva de lama salpicou minha armadura. O machado de batalha de Rita brilhou na luz.

A fumaça dissipou-se.

Eu podia ver a massa se contorcendo no centro da enorme cratera deixada pela explosão: o inimigo. Pontos vermelhos de luz ganharam vida na minha tela de radar, tantos que cada ponto estava tocando outro.

Eu pensei ter visto Rita acenar com a cabeça. Ela saltou para frente, voando pelo campo de batalha. Seu machado subia e descia. Cada vez que ele brilhava, a casca de um Mimic voava longe. A areia que era derramada de suas feridas espiralava nos turbilhões traçados por sua lâmina. Ela os cortava como um laser cortando manteiga. Seus movimentos seguiram um círculo em minha volta, protegendo-me. Rita e eu passamos pelo mesmo treinamento, mas ela era como um rolo compressor, enquanto eu estava caído no chão, um brinquedo estúpido que tinha gastado as baterias. Ninguém tinha me obrigado a estar ali. Eu tinha me arrastado para essa desolação de campo de batalha, e eu não estava fazendo merda nenhuma por ninguém. Teria sido melhor se eu estivesse junto de Yonabaru. Pelo menos eu não teria colocado outro soldado em perigo enquanto tentava me proteger.

Eu decidi não morrer ainda tendo três disparos no meu bate estacas.

Eu ergui uma perna. Coloquei uma mão em um joelho.

Ergui-me.

Eu gritei. Eu me forcei a continuar.

O Mech vermelho virou-se para mim.

Eu ouvi algum ruído em meus fones de ouvido, mas não podia dizer o que ela estava tentando dizer.

Um dos Mimics separou-se do resto do grupo. Não que ele parecesse diferente dos outros. Apenas outro sapo inchado. Mas havia algo nele que o diferenciava. Talvez a proximidade da morte

tivesse aguçado meus sentidos, mas de alguma forma eu sabia que esse era o que eu estava destinado a enfrentar.

Então foi isso que eu fiz. Eu saltei em direção ao Mimic e este me atacou com sua cauda. Eu senti meu corpo ficar mais leve. Um dos meus braços tinha sido cortado fora. O braço direito – deixando o bate-estacas no esquerdo intacto. Sorte minha. Eu puxei o gatilho.

A carga explodiu, em um perfeito ângulo de noventa graus. Mais um disparo. Um buraco abriu-se na carcaça da coisa. Mais um disparo. Eu apaguei.

2

O livro de bolso que eu estava lendo estava ao lado do meu travesseiro.

Era um romance de mistério sobre um detetive americano que supostamente era algum tipo de expert no oriente. Eu estava com meu dedo indicador marcando uma cena onde todos os personagens encontraram-se para um jantar em um restaurante japonês em New York. O cliente do detetive, um italiano, tentava pedir um expresso depois da sua refeição, mas o detetive o impediu friamente. Ele começou a falar sobre como em restaurantes japoneses eles traziam chá verde depois do jantar, e que você não tinha que pedir nada. Então ele discursou sobre como o chá verde combinava bem com o molho de soja, ah, e por que na Índia eles apimentavam seu chá com leite? Ele finalmente tinha reunido todos envolvidos no caso em um lugar, e falava pelos cotovelos sobre tudo, exceto sobre o mistério.

Eu esfreguei os meus olhos.

Passando minha mão sobre minha camisa eu senti meu estômago através do tecido. Eu pude perceber um pneu de cerveja recém-formado que não estava lá meio ano atrás. Nenhum sinal de fermentos, nenhuma carne queimada. Meu braço direito estava onde deveria estar. Só boas notícias para todo

lado. *Que droga de sonho.*

Eu devo ter caído no sono enquanto lia o livro. Eu deveria saber que algo estava acontecendo quando Mad Wargarita começou com a conversa fiada sobre romances de mistério. Agentes Especiais Americanos que atravessaram todo o Oceano Pacífico, apenas para sentir o gosto de sangue, não tem tempo para ler os últimos best-sellers. Se eles tivessem tempo livre, eles provavelmente gastariam seu tempo ajustando seus Mechs.

Que maneira de começar o dia. Hoje eu sentiria pela primeira vez o gosto da batalha. Por que eu não sonhei que tinha detonado alguns bandidos, recebendo uma promoção de um ou dois graus?

No beliche acima de mim um rádio com uma batida grave guinchava uma música – algum tipo de rock pré-histórico tão antigo que nem o meu pai teria reconhecido. Eu podia ouvir os sons da base começando a acordar para a vida, uma barulho incoerente vindo de todas as direções, e acima de tudo, o DJ com uma voz de overdose de cafeína chilreando a previsão do tempo. Eu podia sentir cada palavra furando o meu crânio. Claro e ensolarado nas ilhas, assim como ontem, com um alerta de UV para a tarde. *Cuidado com as queimaduras solares!*

O alojamento não era mais que quatro folhas de madeira resistente ao fogo pressas uma as outras. Um pôster de uma beldade de biquínis com a pele bronzeada estava pendurado em uma das paredes. Alguém tinha trocado a cabeça dela com foto do primeiro ministro retirada de um jornal. A cabeça da garota sorria desenxabida de seu novo lar sob o corpo de um musculoso trabalhador de construção civil em um pôster próximo. A cabeça do construtor estava MIA^[1].

Espreguiceei no meu beliche. A estrutura de alumínio soldado gritou em protesto.

“Keiji, assine isso.” Yonabaru esticou o pescoço para o lado da cama de cima. Ele parecia ótimo para um cara que tinha acabado de ser empalado. Dizem que as pessoas que morrem em sonhos supostamente vivem para sempre.

Jin Yonabaru tinha se alistado três anos antes de mim. Três

anos a mais aparando a gordura e cultivando músculos. Quando ele era um civil ele tinha sido magro como uma vara. Agora ele parecia ter sido cortado da pedra. Ele era um soldado, e ele se encaixava no papel.

“O que é isso?”

“Uma confissão. Aquela que eu tinha lhe contado.”

“Eu assinei isso ontem.”

“Sério? Isso é estranho.” Eu podia jurar ter ouvido ele mexendo em papéis acima de mim. “Não, não está aqui. Bem, assine uma para mim novamente, certo?”

“Você está tentando armar para mim?”

“Apenas se você voltar em um saco para corpos. Além disso, você só pode morrer uma vez, então que diferença faz quantas cópias você irá assinar?”

Soldados da UDF na linha de frente tinham uma tradição. Um dia antes da operação eles esgueiravam-se para o PX^[2] e roubavam alguma bebida. Beba e seja feliz, porque amanhã morreremos. A injeção que lhe dariam antes da batalha destruiria qualquer acetaldeído que ainda restasse na corrente sanguínea. Mas se você fosse pego, eles o levariam até uma comissão disciplinar – talvez uma corte marcial se você estragasse tudo para valer – depois do balanço de inventário depois que a batalha tivesse terminado e todos voltassem à base. É claro, era difícil julgar um corpo em uma corte marcial. É por isso que todos nós deixávamos notas antes da batalha explicando como o assalto tinha sido sua ideia. Certamente, quando a investigação começasse descobririam que um pobre coitado que tinha sido morto tinha idealizado a coisa toda. Era um bom sistema. As pessoas que administravam o PX eram sábias em deixar algumas garrafas que não fariam muita falta separadas das demais. Você pode achar que eles deviam liberar algumas bebidas na noite antes da batalha – para erguer a moral, pelo menos – mas não, era sempre a mesma velha história. Boas ideias não tem a menor chance contra uma boa burocracia.

Eu peguei o papel de Yonabaru. “Engraçado, eu pensei que estaria mais nervoso.”

“Tão cedo? Guarde para o dia certo, cara.”

“O que você quer dizer? Nós vestiremos os trajes nesta tarde.”

“Você está louco? Há quanto tempo você planeja vestir essa coisa?”

“Se eu não usar hoje, quando o farei?”

“Que tal amanhã, na data programada para o ataque?”

Eu quase caí da cama. Por um instante, meus olhos pousaram sobre o soldado deitado no beliche ao lado do meu. Ele estava folheando uma revista pornô. Então eu olhei para o rosto de Yonabaru.

“O que você quer dizer com amanhã? Eles adiaram o ataque?”

“Não, cara. Sempre foi amanhã. Mas nossa missão secreta para se embriagar começa hoje às dezenove horas. Nós beberemos até cair e acordaremos com uma ressaca infernal pela manhã. Um plano que nenhum QG jamais poderia estragar.”

Espera. Nós tínhamos invadido o PX ontem à noite. Lembrou-me da coisa toda. Eu estava nervoso, pois seria meu primeiro combate, então eu decidi ir dormir um pouco mais cedo. Eu voltei para a minha cama e comecei a ler meu romance de mistério. Eu até me lembro de ajudar Yonabaru subir em sua cama depois que ele veio cambaleando de sua festa com as senhoras.

A não ser que – a não ser que eu tivesse sonhado isso também?

Yonabaru sorriu. “Você não parece estar muito bem, Keiji.”

Eu peguei o romance que estava em minha cama. Eu o levava comigo para ler em meu tempo livre, mas tinha estado tão ocupado com o treinamento que ele tinha ficado enfiado no fundo da minha mala. Eu me lembro de como era apropriadamente irônico que eu não tivesse tido tempo de começar a ler até o dia anterior em que eu provavelmente morreria. Eu abri o livro na última página que tinha lido. O detetive americano que era um suposto expert em oriente estava discutindo o assunto do chá verde, como eu me lembrava. Se hoje era o dia antes da batalha, quanto eu tinha lido o livro? Nada estava fazendo sentido.

“Escute. Não tem nada demais com a operação de amanhã.”

Eu pisquei. “Nada demais, né?”

“Apenas vá para casa sem atirar em ninguém pelas costas, e

você ficará bem.”

Eu grunhi em resposta.

Yonabaru moldou sua mão em uma arma e apontou o dedo indicador para a cabeça dele. “Eu estou falando sério. Sue muito e você vai se transformar em sucata para reciclagem – terminará perdendo sua mente antes mesmo de ter uma chance de explodir os miolos.”

O cara que eu tinha substituído tinha ficado um pouco maluco, de modo que eles o tinham retirado da linha de frente. Dizem que ele começou a encher as linhas de comunicação sobre como a humanidade estava condenada. Não era o tipo de merda que você gostaria que os pilotos dos Mechs da UDF ficassem ouvindo. Nós até podíamos não perder tantos assim quanto perdíamos para o inimigo, mas não era bonito de qualquer forma. Na batalha, a menos que você esteja em perfeito estado de corpo e mente, você torna-se um passivo para ser administrado. Eu tinha apenas acabado de chegar à linha de frente – ainda não tinha visto ação alguma – e já estava tendo alucinações. Quem sabe que luzes de advertência estavam acendendo na minha cabeça.

“Se quiser saber, qualquer um que sai de uma batalha sem agir de forma um pouco estranha tem um ou três parafusos soltos.” Yonabaru sorriu.

“Ei, não assuste a carne fresca,” eu protestei. Eu não estava realmente assustado, mas eu estava ficando cada vez mais confuso.

“Basta olhar para Ferrell! A única forma de fazer isso é perder qualquer coisa que te faça humano. Um cara sensível e carinhoso como eu não foi feito para lutas, essa é a verdade.”

“Eu não vejo nada de errado com o sargento.”

“Não é uma questão de certo ou errado. É sobre ter um coração feito de tungstênio e os músculos tão grandes que cortam o sangue que deveria ir ao cérebro.”

“Eu não diria tanto.”

“Daqui ha pouco você estará nos dizendo que Mad Wargarita é apenas uma resmungona como o resto de nós.”

“Sim, bem, a coisa com ela é –” e assim a conversa

continuou, indo e vindo como sempre fazíamos. Nossa fofoca sobre Rita estava apenas começando quando o sargento apareceu.

O Sargento Ferrell Bartolome estava por ali há mais tempo do que qualquer outra pessoa no nosso pelotão. Ele tinha sobrevivido por tantas batalhas que ele era mais que um soldado, ele era a cola que mantinha nossa companhia unida. Dizia-se que se ele fosse preso à uma centrífuga, ele sairia 70 por cento irmão mais velho, 20 por cento sargento esmagador de bolas e 10 por cento aço carbono reforçado. Ele fez uma careta para mim, depois olhou para Yonabaru, que apressadamente juntou nossas confissões de bebidas. Sua carranca se aprofundou. "Você é o soldado que invadiu o PX?"

"Sim, sou eu", meu amigo confessou sem um traço de culpa.

Os homens nas camas em volta enfiaram-se de volta em seus lençóis como baratas assustadas quando se acende a luz, com revistas pornográficas e cartas sendo esquecidas. Eles tinham visto o olhar no rosto do sargento.

Limpei a garganta. "Será que a segurança, ah... topou com algum tipo de problema?"

A testa de Ferrell apertou-se como se estivesse equilibrando uma pilha de armaduras blindadas em sua cabeça. Eu tinha um forte sentimento de *déjà vu*. *Tudo isso aconteceu em meu sonho!* Algo tinha dado errado, sem relação, no momento exato em que Yonabaru e seus comparsas estavam invadindo o PX. A segurança emitiu um alerta, e o assalto tinha vindo à tona antes do previsto. "Onde você ouviu isso?"

"Apenas um palpite de sorte."

Yonabaru inclinou-se sobre a beirada de seu beliche. "Que tipo de problema?"

"Alguém pisou em um monte de merda de porco afundando até o joelho. Agora mesmo não tendo nada a ver com você, no entanto, em zero-novecentos^[3] você vai apresentar-se no Campo de Treino nº1, em seu equipamento de quarto nível para treinamento físico. Passe a notícia para o resto dos idiotas que você chama de pelotão."

"Você deve estar brincando! Nós estamos indo para uma

batalha amanhã, e você está nos enviando para PT^[4]?”

“Isso é uma ordem, cabo.”

“Senhor, reportando ao Campo de Treino nº1 a zero-novecentos em equipamento completo de quarto nível, Senhor! Mas, uh, uma coisa, Sarja. Nós estivemos fazendo esse ataque às bebidas por anos. Por que nos darão uma dura bem agora?”

“Você realmente quer saber?” Ferrell revirou os olhos. Eu engoli seco.

“Nah, eu já sei a resposta.” Yonabaru sorriu. Ele sempre parecia estar sorrindo. “É porque a cadeia de comando aqui é uma fode até o inferno.”

“Você vai descobrir por si mesmo.”

“Espere, sarja!”

Ferrell deu três passos de tamanho regulamentar e parou.

“Qual é, nem mesmo uma dica?” Yonabaru chamou de onde estava sob cobertura atrás da estrutura de metal da cama e das confissões emboladas.

“É o general quem está com suas calcinhas e um monte de desculpas esfarrapadas sobre a segurança que temos nesta base, então não olhe para mim, e não olhe para o capitão também. Na verdade, o melhor é você calar a boca e obedecer só para variar.”

Eu suspirei. “Ele não vai nos mandar ficar lá fora fazendo artesanato, não é?”

Yonabaru balançou a cabeça. “Talvez nós façamos um abraço coletivo. Babaca cuzão.”

Eu sabia onde isto terminaria. Eu tinha sonhado tudo isso, também.

Após a derrota de um ano e meio atrás, na batalha da praia de Okinawa, as tropas japonesas transformaram em um assunto de honra a reconquista da ilha empoleirada na costa da Península de Boso, um lugar chamado Kotoiushi. Com um pé lá, os Mimics estavam a poucos passos de distância de Tóquio. O Palácio Imperial e o governo central recuaram e governavam de Nagano, mas não havia nenhuma forma de realocar o motor econômico que era a maior cidade do Japão.

O Ministério da Defesa sabia que o futuro do Japão dependia

do resultado dessa operação, portanto, além de reunir vinte e cinco mil Mechs, um fluxo interminável de generais superansiosos estava se reunindo nessa base pequena, na Linha Florida que levava até a Península Boso. Eles até mesmo tinham decidido aceitar os americanos, os Operadores Especiais, para participar do jogo; Os EUA não tinham sido convidados para a festa em Okinawa.

Os americanos provavelmente não davam a mínima se Tóquio seria ou não reduzida a uma terra devastada fumegante, mas deixar a área industrial responsável pela fabricação da armadura composta mais leve e resistente cair para os Mimics estava fora de questão. Setenta por cento das peças que entravam na fabricação do exoesqueleto estado-da-arte vinham da China, mas os trajes não podiam ser fabricados sem a tecnologia japonesa. Então convencer os americanos a participar não tinha sido difícil.

O problema era que, com as tropas estrangeiras veio um esquema de segurança mais rígido. Subitamente havia checagens em coisas como falta de garrafas de bebidas, coisa para a qual a segurança da base teria fechado os olhos antes. Quando os chefões descobriram o que estava acontecendo, eles ficaram extremamente irritados.

“Como tivemos essa sorte? Eu me pergunto quem fodeu tudo.”

“Não fomos nós. Eu sabia que os americanos estariam cuidando de seu precioso batalhão como falcões. Fomos cuidadosos como uma virgem na noite de formatura.”

Yonabaru soltou um gemido exagerado. “Ugh, meu estômago... Sarja! Meu estômago começou a doer pra valer! Acho que é meu apêndice. Ou talvez eu tenha pegado tétano quando me machuquei no treinamento. Sim, deve ter sido isso!”

“Eu duvido que isso vá melhorar antes de hoje à noite, por isso certifique-se de manter-se hidratado. Isso não vai durar até amanhã, está ouvindo?”

“Ai, cara. Dói pra valer.”

“Kiriya. Garanta que ele beba água.”

“Senhor.”

Ignorando a encenação de Yonabaru, Ferrell saiu do

alojamento. Assim que a audiência terminou, Yonabaru sentou-se e fez um gesto rude em direção à porta. “Ele é realmente um pau no cú. Não entenderia uma boa piada nem se ela viesse com um manual. Eu não quero de maneira alguma ficar assim quando envelhecer. Estou certo?”

“Acho que sim.”

“Foda-se, foda-se, foda-se. Hoje o dia está tornando-se uma merda.”

Estava tudo acontecendo como eu me lembrava.

A 17ª Blindada iria passar as próximas três horas em PT. Exaustos, ainda ouviríamos um oficial comissionado, com o peito cheio de medalhas brilhantes, falar por mais de meia hora antes de sermos dispensados. Eu ainda podia ouvi-lo ameaçando arrancar os pelos da nossa bunda com os dedos reforçados de um Mech.

Meu sonho estava parecendo cada vez menos um sonho a cada minuto.

3

Há um exercício chamado flexão de braço isométrica. Você prepara seu corpo como se fosse fazer uma flexão comum, então você mantém essa posição.

É muito mais difícil do que parece. Você sente seus braços e abdome tremendo, e eventualmente você perde o sentido de tempo. Depois de ter contado algo como a milésima ovelha saltando a cerca, você está implorando para fazer uma flexão de braço comum. Seus braços não foram projetados para serem pilares. Músculos e juntas foram feitas para serem flexionadas e dobradas. Flexionar e dobrar. A ideia soa maravilhosa só de imaginar isso. Mas você não pode pensar nisso, ou irá sentir-se ainda pior. *Vocês são pilares, estão ouvindo? Pilares! Bons e fortes pilares!*

Músculos não são tão importantes para um jóquei de Mech.

Se a força de uma pessoa é de trinta quilos ou setenta, assim que vestir o Mech terá 370 quilos de força na palma de suas mãos. O que um jóquei de Mech precisa é de resistência e controle – a capacidade de manter uma posição sem contrair um músculo.

Flexões de braço isométricas é a coisa certa para isso. Agachamento de parede não é muito ruim, também.

Alguns alegam que flexões isométricas tornaram-se a forma preferida de disciplina na antiga Força de Autodefesa do Japão, depois deles banirem a punição física. Eu tive dificuldade em acreditar que a prática tivesse sobrevivido o bastante para ser escolhida pela Divisão de Infantaria Blindada – a FADJ tinha se unido com a UDF antes mesmo de eu ter nascido. Mas quem pensou nisso, espero que tenha morrido de uma morte lenta e dolorosa.



“Noventa e oito!”

“NOVENTA E OITO!” todos nós gritamos.

“Noventa e nove!”

“NOVENTA E NOVE!”

Olhando para o chão nós latíamos desesperadamente no ritmo do sargento de treinamento, com o suor fluindo em nossos olhos.

“Oitocentos!”

“OITOCENTOS!”

Foda-se!

Nossas sombras eram nítidas e claras sob o sol escaldante. A bandeira da companhia estalava e vibrava muito acima do campo. O vento que fustigava os campos de treinamento cheirava a sal e deixava uma camada gosmenta de maresia impregnada em nossa pele.

Imóveis no meio do gigantesco campo de treinamento, 141

homens da 17ª Companhia da Divisão de Infantaria Blindada realizavam suas flexões de braço isométricas. Três líderes de pelotão estavam de pé, imóveis como seus homens, cada um à frente de seu pelotão. Nosso capitão observava a cena com careta na sombra de uma tenda. Sentado atrás dele estava um general de brigada do Escritório Geral de Pessoal. O general que tinha aberto à boca e iniciado a comédia estava provavelmente bebendo chá verde em um escritório com ar-condicionado. *Viado.*

Um general era um ser vindo do céu. Um ser empoleirado em um trono dourado, maior do que eu, maior que Yonabaru, maior que Ferrell, maior que o tenente encarregado do nosso pelotão, maior que o coronel encarregado do nosso regimento, maior até mesmo que o comandante da base. Os generais eram deuses da Linha Florida e de todos que treinavam, dormiam e defecavam dentro desses muros. Tão no alto, eles pareciam distantes e irreais.

Generais não roubam bebidas. Eles vão cedo para a cama, acordam cedo, sempre escovam os dentes depois das refeições, nunca deixam de barbear-se pela manhã – malditos messias. Generais entraram em batalha enfrentando a morte com seus queixos erguidos, tão calmos quanto você possa imaginar. Inferno, tudo que eles fazer é sentar-se lá atrás em Nagano elaborando seus planos de batalha. Uma ordem deles e nós mortais nas linhas de frente nos movemos como peões num tabuleiro de xadrez para nossos destinos terríveis. Eu gostaria de ver apenas um deles aqui conosco na lama. Nós temos nossas próprias regras aqui em baixo. Por isso provavelmente eles preferiam ficar longe. Inferno, se um deles aparecesse eu veria uma bala perdida colocando-o na lista KIA^[5]. Esse foi o último maldito pensamento passando pela minha cabeça, e qualquer um deles seria o suficiente para enviar para um pelotão de fuzilamento.

O chefão na tenda não era o único expectador ao redor assistindo nossa tortura.

Os caras da 4ª Companhia estavam rindo-se para valer. Algum tempo atrás nós tínhamos vencido-os em um jogo de rúgbi interno por mais de trinta pontos, então eu imagino que eles achavam que isso era algum tipo de vingança destorcida. A bebida que nós

tínhamos surrupiado era para eles também, então a demonstração de solidariedade era tocante. Que bando de babacas. Se eles começassem a ter problemas em Kotoiushi, eu certamente não iria socorrê-los.

As Forças Especiais americanas e algum jornalista misturado em seu grupamento tinham reunindo-se em torno do campo para nos observar de uma distância segura. Talvez eles não fizessem flexões de braço isométricas de onde vieram, mas por qualquer razão, eles estavam apontando os dedos para nós e rindo. A brisa saindo da água empurrava suas vozes sobre nós. Até mesmo a essa distância, o comentário era alto e áspero. Unhas raspando em um quadro-negro. Ah, cara. Isso é uma câmera? Ele está tirando fotos de verdade? Tudo bem, que assim seja filho da puta. Você é o próximo em minha lista KIA.

Dor e cansaço acumulavam-se em meu corpo. Meu sangue estava sendo bombeado lento como chumbo.

Isso estava ficando velho. Contando o meu sonho, esta era a segunda vez que eu tinha passado por essa sessão especial de PT. Não apenas PT, mas flexões isométricas. Em treinamento eles nos ensinam que mesmo quando se enfrenta dor excruciante – *especialmente* quando se está com dor – a melhor coisa a fazer é encontrar alguma distração, alguma coisa diferente para focar que não seja seus músculos queimando e o suor correndo em sua testa. Com cuidado para não mexer minha cabeça, olhei em volta com o canto de um olho.

O jornalista americano estava tirando fotos, com um visto de visitante pendurado em seu pescoço. *Diga xis!* Ele era um sujeito musculoso. Você poderia coloca-lo ao lado daqueles caras das Forças Especiais americanas e você nunca perceberia a diferença. Ele pareceria mais em casa em um campo de batalha do que eu pareceria isso com certeza.

Eu tenho a mesma impressão daqueles caras das Forças Especiais que eu tenho com o Sargento Ferrell. Dor e sofrimento eram velhos amigos para homens como eles. Eles caminham até o perigo, sorriem, e perguntam por que ele demorou tanto para chegar até eles. Eles eram tipo 'nenhum outro recruta é como eu'.

No meio da demonstração de testosterona uma mulher solitária parecia destacava-se como um dedinho rosado. Ela era uma pequena coisinha em pé, afastada a uma curta distância do resto do grupamento. Vê-la ali ao lado do seu esquadrão superdesenvolvido parecia algo fora de sintonia.

Anne de Green Gables Vai à Guerra.^[6]

Imagino um livro como um *spin-off*^[7] situado na Primeira Guerra Mundial. A Mongólia fez uma apropriação de terras, e lá está Anne, com uma metralhadora delicadamente sobre o braço. Seu cabelo tem a cor de aço enferrujado, sumindo em um vermelho opaco. Algumas ruivas lembram imagens de sangue, fogo, atos de bravura. Ela não. Se não fosse pela camisa cor de areia que ela estava usando, ela pareceria uma garota que tinha vindo para a base à passeio e tinha se perdido.

Os demais estavam espalhados em torno dessa garota que mal chegava ao peito deles, como camponeses estupidamente admirados com sua nobreza.

Subitamente percebi. *Essa é Rita!*

Tinha que ser. Era a única maneira de explicar como esta mulher, que não poderia parecer menos com um jóquei de Mech se estivesse usando um vestido de baile, estava na companhia das forças especiais. A maioria das mulheres que usam os trajes parece uma espécie de cruzamento entre um gorila e um gorila mais feio. Elas eram as únicas que poderiam cortar nas linhas de frente da Infantaria Blindada.

Rita Vrataski era a soldado mais famosa do mundo. Quando me inscrevi para a UDF, você não passava um dia sem ver as manchetes das notícias que cantavam seus feitos. Artigos como "Um Comando Legendário", "A Valquíria Encarnada", e coisas do tipo. Eu ouvido até dizerem que Hollywood fez um filme sobre ela, mas eu já estava na UDF nessa época por isso nunca o assisti.

Cerca de metade de todas as mortes de Mimics feitas pela humanidade era atribuída às batalhas em que seu esquadrão tinha lutado. Em menos de três anos, eles tinham abatido tantos Mimics quanto toda a UDF junta nos vinte anos anteriores. Rita era a salvadora que tinha descido do céu para ajudar a virar o jogo dessa

batalha perdida interminável.

Afinal, isso era o que se dizia.

Todos nós imaginávamos que ela era parte de algum pelotão de propaganda que eles usavam para fazer incursões em territórios inimigos. Uma frente para alguma arma secreta ou nova estratégia que realmente merecia o crédito. Sessenta por cento dos soldados eram homens. Este número subia para oitenta e cinco por cento quando se falava de jóquei de Mechs que estavam sangrando nas linhas de frente. Depois de vinte anos lutando contra um inimigo cuja identidade sequer conhecíamos, perdendo terreno dia a dia, nós os brutos não precisávamos de outro salvador musculoso grunhindo, suando e apenas com porcarias no cérebro assim como nós. Sim, se eu fosse o manda chuva no Escritório Geral de Pessoal, eu escolheria uma mulher também.

Para onde quer que os operativos das Forças Especiais americanas fossem mobilizados, a moral disparava. A UDF tinha sido espancada até chegar à beira do precipício, mas ela finalmente estava sendo capaz de começar a se afastar da beirada do abismo. Depois de terminar a guerra na América do Norte, eles moveram-se para a Europa e para o Norte da África. Agora eles chegaram ao Japão, onde o inimigo estava batendo na porta da principal ilha de Honshu.



Os americanos a chamavam Rita de Full metal Bitch, ou às vezes apenas de Queen Bitch. Quando ninguém estava escutando, nós a chamávamos de Mad Wargarita.

O Mech de Rita era tão vermelho como o sol nascente. Ela torcia o nariz para os ratos de laboratório de jalecos que passavam meses sem dormir aperfeiçoando a tinta polimérica dos Mechs para absorver até a última onda de radar possível. O traje dela era

vermelho metálico – não, mais que isso, ele brilhava. No escuro ele podia capturar até a mais fraca luz, ardendo em brasa. Ela era louca? Provavelmente.

Por suas costas dizia-se que ela tinha pintado o traje com o sangue de seu esquadrão. Quando você se destaca assim no campo de batalha, você tende a atrair mais que sua cota normal de fogo inimigo. Outros diziam que ela não parava por nada para atingir o objetivo de seu esquadrão, que uma vez ela até tinha usado um soldado companheiro como cobertura. Se ela tinha alguma enxaqueca, a merda voava, matando tanto inimigos como amigos. E nem mesmo um único disparo inimigo tinha feito mais que arranhar o seu Mech. Ela podia atravessar qualquer inferno e sair ilesa. Eles tinham um milhão de estórias.

Nossa patente e atribuições de soldado nos deixava com bastante tempo em nossas mãos, e escutar esse tipo de conversa, passar as estórias para frente, aumentando alguns pontos – era justamente o tipo de coisa de que precisávamos para matar tempo e manter a conversa afastada do assunto dos colegas mortos. Rita era uma jóquei de Mech comendo e dormindo na mesma base que eu, mas eu nunca tinha visto o rosto dela até esse momento. Nós podíamos estar ressentidos do tratamento especial que ela tinha, se nós tivéssemos sequer a chance de pensar sobre isso.

Eu não conseguia tirar os olhos da linha de seu cabelo – ela usava-o curto – enquanto ele balançava ao vento. Havia um equilíbrio gracioso em suas feições. Você poderia até mesmo chamá-la de bonita. Ela tinha um nariz fino, um queixo afiado. Seu pescoço era longo e branco, sendo que a maioria dos jóqueis de Mechs sequer tinham pescoços. Seu peito, entretanto, era completamente plano, contrariando as imagens das mulheres caucasianas que se via pregadas nas paredes de toda célula de alojamento. Nada que me incomodasse.

Qualquer um que olhasse para ela e pensasse no nome Full Metal Bitch precisaria ter sua cabeça checada. Ela estava mais próxima de um filhotinho do que de uma cadela. Eu suponho que até mesmo em uma ninhada de pit bulls há espaço para um filhotinho doce no grupo.

Se, em meus sonhos, a casca daquele Mech vermelho se abrisse e ela saltasse para fora, eu teria sujado minha cama. Eu tinha visto seu rosto e traje muitas vezes no noticiário, mas ele nunca dá a você uma boa ideia de como se é em pessoa. Eu tinha sempre imaginado Rita Vrataski como sendo alta e impiedosa, com um corpo de arrasar e um ar de total autoconfiança.

Então nossos olhos encontraram-se.

Eu olhei para o lado imediatamente, mas já era muito tarde. Ela começou a caminhar em minha direção. Ela moveu-se com propósito, um pé plantado firmemente no chão antes que o outro se movesse – uma força implacável, incontável. Mas seus passos eram pequenos, o resultado líquido de estar se contendo, de estar atormentada por estar se contendo. Eu não tenho certeza de já ter visto alguém andar dessa forma antes.

Vamos lá, não faça isso comigo. Eu não posso mais me mover. De um tempo para esse cara e caia fora, certo? Você não poderia? Vamos lá!

Rita parou.

Os músculos de meus braços começaram a tremer. Então, propositalmente, ela afastou-se. De alguma forma ela tinha ouvido minhas preces, feito uma curva de noventa graus para a direita na minha frente e ia em direção ao general de brigada onde ele sentava-se sobre a tenda. Ela disparou uma continência perfunctória. Não tão relaxada que parecesse insultante, nem tão rígida a ponto de ouvir-se algo se quebrando. Uma continência que se encaixava bem à Full Metal Bitch.

O general de brigada deu um olhar duvidoso para Rita. Rita era um sargento major. Na hierarquia militar, a diferença entre general de brigada e sargento major era a mesma diferença entre um jantar de quatro pratos em um restaurante fino e um jantar em um bife coma-tudo-que-puder. Recrutas como eu eram estritamente fast food, acompanhados de batata frita. Mas isso não era tão simples assim. Nunca era. Rita era uma militar americana, o eixo da próxima operação, e um dos soldados mais importantes do planeta. Pondo as patentes de lado, era difícil dizer qual deles realmente tinham mais poder.

Rita ficou em silêncio. O general de brigada foi o primeiro a falar.

“Sim, sargento?”

“Senhor, seria possível juntar-me ao PT, senhor?”

A mesma voz forte de meu sonho, falando em uma explosão perfeita entoada.

“Você tem uma grande operação amanhã.”

“Assim como eles, senhor. Meu esquadrão nunca tinha participado deste tipo de PT, senhor. Eu acredito que minha participação poderia ser vital em assegurar o sucesso entre a coordenação e a execução da operação conjunta de amanhã.”

O general ficou sem palavras. As Forças Especiais americanas começaram a gritar e aplaudir.

“Peço permissão para participar do PT, senhor”, disse ela.

“Concedida.”

“Senhor, obrigado senhor!”

Ela lançou uma rápida continência. Fazendo uma meia volta, ela deslizou entre as colunas de homens que encaravam atentamente o chão.

Ela escolheu um local ao meu lado e começou sua flexão de braço isométrica. Eu podia sentir o calor saindo de seu corpo através do ar frio entre nós.

Eu não me movi. Rita não se moveu. O sol estava alto no céu, derramando seus raios sobre nós, lentamente tostando nossa pele. Uma gota de suor formou-se em minha axila, então traçou seu caminho lentamente até o chão. O suor também começou a aparecer como contas na pele de Rita. Foda-se! Eu me sentia como uma galinha apertando-se no mesmo forno do peru de Natal.

Os lábios de Rita fizeram o mais sutil dos movimentos. Uma voz baixa que só eu poderia ouvir.

“Eu tenho alguma coisa no meu rosto?”

“O que?”

“Você está me encarando por bom tempo.”

“Eu? Não.”

“Eu pensei que talvez houvesse um laser apontado na minha testa.”

“Desculpe. Não há – não é nada.”

“Oh. Tudo bem.”

“Cabeça de merda Kiriya! Você está escorregando!” o tenente latiu. Eu rapidamente estendi meus braços de volta à posição. Ao meu lado, Rita Vrataski, com uma expressão desinteressada de quem nunca teve a necessidade de contato humano por toda a sua vida, continuou sua flexão isométrica.

O PT terminou em menos de uma hora mais tarde. O general, saboreando o gosto de bile em sua boca, retornou ao quartel, sem mais instruções. A 17ª Companhia tinha passado por uma produtiva tarde pré-batalha.

Ele não tinha agido da forma como eu me lembrava. Em meu sonho, eu não tinha feito contato visual com Rita, e ela não tinha se juntado ao PT. Talvez eu estivesse imaginando coisas, mas eu diria que ela fez isso apenas para irritar o general. Só mesmo uma Valquíria Renascida para sabotar uma sessão de treino disciplinadora com precisão militar e conseguir livrar-se disso. Então, talvez sua antena tenha apenas pego algo que a fez ver o que era essa coisa estranha de flexões isométricas. Talvez ela apenas estivesse sendo curiosa.

Uma coisa era certa, entretanto. Rita Vrataski não era a cadela que todo mundo pintava.

4

“E quanto à última noite, hein? Essa merda foi foda.”

“Você está dizendo.”

“Com reflexos como aqueles, a garota deve esconder molas naquele pequeno corpo. Eu podia sentir isso até em meu abdômen.”

“Se ela ouvisse você falando assim... melhor tomar cuidado.”

“Quem não gosta de um elogio? Eu estou apenas dizendo que ela é boa.” Enquanto falava, Yonabaru fazia movimentos com seu quadril.

Era uma coisa engraçada ver alguém mover-se assim em um

Mech. Um movimento mundano no dia a dia, mas com poder suficiente para derrubar uma casa.

Nosso pelotão estava na parte norte da Ilha de Kotoiushi, esperando fazer a emboscada, com Mechs em modo *sleep*. Uma tela de meio metro de altura estava na nossa frente, projetando uma imagem de um terreno atrás. Era o que eles chamavam de camuflagem ativa. Ela supostamente nos deixaria indetectáveis para um inimigo olhando diretamente para nós. É claro, nós poderíamos simplesmente usar uma pintura. O terreno tinha sido bombardeado até a completa destruição, então em qualquer direção que você olhasse só veria o mesmo terreno devastado.

Na maior parte do tempo, os Mimics ficavam escondidos em profundas e retorcidas cavernas no leito do mar. Antes de um assalto terrestre, nós disparávamos bombas *bunker busters* que penetravam fundo no chão antes de detonar. Comam isso. Cada uma dessas garotas custava mais do que eu ganharia em toda minha vida. Mas os Mimics tinham o talento de evitar as bombas. Era tanto que fazia você se perguntar se eles estariam recebendo uma cópia dos nossos planos de ataque com antecedência. No papel nós podíamos ter superioridade aérea, mas nós terminávamos sempre em uma guerra terrestre de qualquer maneira.

Como nosso pelotão faria uma emboscada, não estávamos portando armas de grande calibre – armas enormes que eram do tamanho de um carro pequeno quanto totalmente montadas. O que tínhamos eram rifles de 20 mm, granadas incendiárias, bate estacas, lançadores de foguetes carregados com três disparos cada. Como era o pelotão de Ferrell, estávamos todos conectados via *comm*. Eu olhei para o HUD do meu Mech. Marcava 28°C. A pressão era 1014 milibars. A força primária de ataque deveria mover-se a qualquer minuto.

Na última noite, depois de horas sem fim de PT, eu decidi ir à festa. Não era como eu me lembrava de ter feito no sonho, mas eu não estava com vontade de reler aquele livro. A parte de ajudar Yonabaru a subir em seu beliche depois voltar cambaleando ao alojamento não tinha mudado.

A fofoca no pelotão era de que a namorada de Yonabaru era um jóquei de Mech também. Com a exceção das Forças Especiais, homens e mulheres lutavam em esquadrões separados, então nós não teríamos que correr na direção dela no campo de batalha.

“Se – e estou apenas comentando – um de vocês for morto...” eu arrisquei.

“Eu me sentiria uma merda.”

“Mas vocês ainda se encontrariam de qualquer forma.”

“O céu não é uma espécie de banco suíço. Você não pode esconder algum dinheiro em uma conta secreta lá e esperar fazer uma retirada mais tarde. Você faz o que puder antes de entrar em batalha. É a primeira regra do *soldadismo*.”

“Sim, eu acho.”

“Mas eu estou te contando, você deve encontrar logo uma boceta. Carpe diem, irmão.”

“Carpe algo.”

“E Mad Wargarita? Vocês falaram-se durante o PT, certo? Você poderia pegar aquela, eu sei que sim.”

“Nem comece com isso.”

“Uma garota minúscula como ela – aposto que é um gato selvagem debaixo do lençol. Quanto menores elas são, melhores elas fodem, você sabe.”

“Mostre algum respeito.”

“O sexo não tem nada, a ver com respeito. Do mais insignificante peão até Sua Majestade o general, todo mundo quer dar umas bimbadas entre as pernas. Tudo que estou dizendo é como evoluímos –”

“Apenas cale a boca,” eu disse.

“Isso é jeito de falar comigo na frente do sargento? Estou magoado. Eu sou muito sensível. Estou apenas falando merda para manter minha mente afastada de outras coisas. O mesmo que qualquer um.”

“Ele está certo,” alguém entrou na conversa pelo *link* de comunicação.

“Ei, eu não mereço um voto?”

Isso era como a desculpa que todo mundo no pelotão estava

esperando. Todo mundo começou a falar ao mesmo tempo.

“Eu lanço minha cédula para Yonabaru.”

“Eu criei essa coisa para filtrar nossas piadas, então pare de perder o fôlego com isso.”

“Parece que Kiriya vai ter que intensificar seu treinamento, se ele não quiser Yonabaru fique tirando sarro dele tão fácil.”

“Senhor! Eu acho que preciso reiniciar meu Mech, senhor! Eu não quero que ele trave no meio da batalha!”

“Ah cara, eu mataria por um cigarro. Devo ter deixado em meu outro Mech.”

“Você não tinha dito que ia parar de fumar?”

“Ei, parem com isso. Eu estou tentando dormir um pouco!”

E assim foi. Indo e vindo pelo link de comunicação, como uma sala de bate papo na internet. Tudo que Ferrell podia fazer era suspirar e balançar sua cabeça de Mech.

Quando se está tão nervoso a ponto de não ter mais unhas para roer, pensar em coisas que lhe agradam ajuda a aliviar a pressão. Eles também nos ensinaram isso no treinamento. É claro, se você junta um monte de animais como esses juntos, basicamente a única coisa em que pensaram será sexo. Havia apenas uma garota de quem eu me lembrava: a minha doce bibliotecária cujo rosto eu dificilmente conseguia lembrar. Quem sabe o que ela andava fazendo. Fazia seis meses desde que ela tinha se casado. Ela provavelmente já teria se separado agora. Eu me alistei logo depois que me formei no ensino médio, e ela partiu meu coração. Eu não acho que as duas coisas estão relacionadas. Mas quem sabe?

Eu tinha me alistado pensando que poderia fazer algum sentido nesse mundo fodido apostar minha vida no campo de batalha para ver como o destino lidaria comigo. Cara, como eu era verde! Eu agora estava verde cor de chá, mas eu devia ser verde limão na época. Acontece que minha vida não vale o bastante sequer para comprar uma dessas bombas caras, e as cartas que o destino mostrou-me não rimam e não fazem sentido.

“Isso é loucura. Se não vamos cavar trincheiras, nós podemos pelo menos sentar?”

“Não podemos ficar escondidos se estivermos cavando trincheiras.”

“Essa camuflagem ativa não vale merda nenhuma. Quem pode saber se eles não enxergam melhor do que nós? Eles não deveriam ver os helicópteros de ataque também, mas eles os derrubam do céu como balões em um estande de tiro. Foram momentos infernais em Okinawa.”

“Se nós trombarmos com o inimigo, vou me certificar de fazer um exame oftalmológico neles.”

“Eu ainda acho que uma trincheira é a maior invenção da humanidade. Meu reino por uma trincheira.”

“Você pode cavar todas as trincheiras que quiser assim que voltar. Minhas ordens.”

“Eles não fazem isso para torturar prisioneiros?”

“Meu salário para o homem que inventar um modo de calar sua – merda, começou! Não explodam suas bolas, senhores!” Ferrell gritou.

O barulho da batalha encheu o ar. Eu podia sentir o tremor de disparos explodindo à distância.

Eu voltei minha atenção para Yonabaru. Depois do que aconteceu no PT, talvez meu sonho fosse apenas um sonho, mas se Yonabaru morresse ao meu lado no começo da batalha, eu nunca me perdoaria. Eu relembrei os eventos do sonho em minha mente. O javelin tinha vindo das duas horas. Ele tinha voado direto através da tela de camuflagem, deixando-a em frangalhos, cerca de um minuto depois da batalha começar, mais ou menos.

Eu fiquei com o corpo tenso, pronto para ser derrubado a qualquer momento.

Meus braços estavam tremendo. Uma coceira começou nas minhas costas. Uma ruga no meu traje interno apertou no meu lado.

O que eles estão esperando?

O primeiro disparo não acertou Yonabaru.

O disparo que deveria tê-lo matado veio em minha direção. Eu não tive tempo de me mover um milímetro. Eu nunca vou esquecer a visão daquele javelin voando direto para mim.

5

O romance de bolso que eu estava lendo estava ao lado do meu travesseiro.

Era um romance de mistério sobre um detetive americano que supostamente era um especialista em Oriente. Eu estava com o meu dedo indicador marcando uma cena onde todos os personagens encontravam-se para um jantar em um restaurante japonês em New York.

Sem me erguer, eu olhei cuidadosamente em torno do alojamento. Nada tinha mudado. A garota em traje banho ainda tinha a cabeça do primeiro ministro. O rádio com uma batida grave guinchava uma música do alto do beliche; vinda do além, a voz de um cantor nos advertia para não chorar por um amor perdido. Depois de esperar para ter certeza de que o DJ iria ler a previsão do tempo com sua voz esganiçada, eu me sentei.

Eu desloquei o meu peso quando sentei no canto da cama.

Eu belisquei meu braço tão forte quanto podia. O ponto onde me belisquei começou a ficar vermelho. Doeu para valer. Lágrimas nublam minha visão.

“Keiji, assine isso.”

Yonabaru esticou o pescoço sobre o lado da cama de cima.

“...”

“Qual é o problema? Ainda dormindo?”

“Nah. Você precisa da minha assinatura? Claro.”

Yonabaru desapareceu de vista.

“Importa-se se eu perguntar algo estranho?”

“O que? Eu apenas preciso que você assine na linha pontilhada.” Sua voz vinha de cima do beliche. “Não preciso que você escreva nada mais. Sem fazer desenhos engraçados do tenente no verso ou coisa do tipo.”

“Porque eu faria isso?”

“Eu não sei. É o que fiz da primeira vez que assinei.”

“Não comece comparando – ah, esqueça isso. O que eu

queria perguntar era que o ataque será amanhã, certo?”

“Claro. Isso não é o tipo de coisa que eles ficam mudando.”

“Você nunca ouvi falar de alguém que fica revivendo o mesmo dia sempre, não é?”

Houve uma pausa antes de Yonabaru responder. “Você tem certeza de que está acordado? O dia depois de ontem é hoje. O dia depois de hoje é amanhã. Se não funcionasse assim nós nunca chegaríamos ao Natal ou ao Dia dos Namorados. Então estaríamos fodidos. Ou não.”

“Sim. Certo.”

“Escute. Não tem nada demais com a operação de amanhã.”

“... Certo.”

“Sue muito e você vai transformar-se em sucata para reciclagem – acaba perdendo a cabeça antes mesmo de ter uma chance de explodir seus miolos.”

Eu fiquei encarando a estrutura de alumínio da cama.

Quando eu era criança, a guerra contra os Mimics já tinha começado. No lugar de cowboys e índios, ou policiais e ladrões, nós lutávamos contra *aliens* usando nossas armas de brinquedo que disparavam projéteis de plástico. Eles doíam um pouco quando acertavam, mas era só isso. Até de perto eles não machucavam. Eu sempre bancava o herói, tomando o tiro pelo time. Eu corria corajosamente para a linha de fogo, absorvendo uma bala depois da outra. Eu dava um pequeno pulo com cada impacto sucessivo, realizando uma dança interpretativa de improviso. Eu era realmente bom nisso. Inspirados pela morte do herói, meus camaradas lançariam um contra-ataque ousado. Com esse nobre sacrifício, eu assegurava a salvação da humanidade. A vitória poderia ser declarada, e os garotos que tinham sido os malvados agora viriam para o lado humano e todos nós celebrávamos. Nunca houve outro jogo como esse.

Fingir ser um herói morto em batalha era uma coisa. Morrer um herói em uma guerra verdadeira era outra. Quando fiquei mais velho eu entendi a diferença, e eu sabia que não queria morrer. Nem mesmo em um sonho.

De alguns pesadelos você não pode acordar, não importa

quantas vezes você tente. Eu estava preso em um pesadelo, e não importa quantas vezes eu tenha acordado, ainda estava preso. Que eu sabia estar preso em um *loop* que não poderia ser quebrado era a pior parte de tudo. Eu lutei contra o pânico.

Mas isso realmente estava acontecendo comigo novamente?

O mesmo dia que eu já tinha vivido duas vezes estava desenrolando-se novamente ao meu redor. Ou, afinal, talvez fosse tudo o mesmo pesadelo. É claro que as coisas estariam acontecendo do jeito que eu me lembrava delas. Estava tudo na minha cabeça, então por que não?

Isso era ridículo. Eu soquei o travesseiro.

Eu tinha sonhado com aquele ponto escuro voando em minha direção? O javelin tinha estilhaçado minha blindagem de peito e furado meu peito apenas na minha cabeça? Eu tinha imaginado o sangue, a tosse com pedaços de pulmão?



Deixe-me contar para você o que acontece quando seu pulmão é esmagado. Você afoga-se, não em água, mas em ar. Tente o quanto você quiser, pulmões esmagados não podem mandar o oxigênio que você precisa para sua corrente sanguínea. À sua volta seus amigos estão inspirando e expirando sem pensar nisso, enquanto você afoga-se sozinho em um mar de ar. Eu nunca soube disso até ter acontecido comigo. Eu nunca tinha ouvido sobre isso. Eu definitivamente não tinha pensado nisso. Mas realmente aconteceu.

Não importa se eu nunca contar para ninguém, se ninguém nunca acreditar em mim. Ainda seria real. A sensação que isso

deixou impresso em minha mente era prova suficiente. A dor que dispara através de seu corpo como um relâmpago, as pernas que ficam tão pesadas que parecem ter sacos de areia presas a elas, o terror tão forte que esmaga seu coração – isso não é coisa da sua imaginação ou sonhos. Eu não tenho certeza como, mas eu morri. Duas vezes. Nenhuma dúvida quanto a isso.

Eu não me importava em ouvir Yonabaru contar a mesma estória que já tinha ouvido antes. Inferno, eu faria isso dez vezes, cem vezes, quanto mais, melhor. Nossas rotinas diárias estavam todas preenchidas com a mesma merda repetitiva. Mas voltar para a batalha? Não obrigado.

Se eu ficasse aqui, seria morto. Se eu morresse antes ou depois de Yonabaru, isso realmente não importa. Não havia nenhuma maneira de eu sobreviver ao tiroteio. Eu tinha que escapar. Eu tinha que estar em qualquer outro lugar, menos aqui.

Até mesmo os santos têm limites para a sua paciência, e eu não era nenhum santo. Eu nunca tinha alguém que acreditasse cegamente em Deus, Buda, ou qualquer uma dessas merdas, mas se alguém lá em cima fosse me dar uma terceira chance, eu não iria desperdiçá-la. Se eu ficar aqui encarando a cama de cima, o único futuro que teria seria em um saco para corpos. Se eu não quisesse morrer, eu tinha que me mover rapidamente. Mova-se primeiro, pense depois. Assim como eles nos ensinam no treinamento.

Se hoje seria uma repetição de ontem, Ferrell chegaria a qualquer minuto. Na primeira vez que apareceu eu estava cagando, a segunda eu estava conversando com Yonabaru. Depois disso nós iríamos para aquela ridícula sessão de PT, e então voltaríamos exaustos. Isso me fez pensar. Todos na 17ª Blindada estariam nessa PT. Não apenas isso, todo o resto da base com tempo disponível estaria reunido em torno do campo para assistir. Eu não poderia imaginar uma chance melhor para escapar da base. Considerando o quanto eu estaria cansado depois do treinamento, essa seria a única chance que eu teria de conseguir.

Se eu me machucar, isso provavelmente funcionaria. Eles não enviariam um soldado machucado para o PT. Eu precisava de um

ferimento que parecesse ruim o suficiente para me tirar do PT, mas nada tão ruim que me derrubasse. Alguém com o couro cabeludo com um corte superficial iria sangrar como um porco. Foi uma das primeiras coisas que eles nos ensinaram em Primeiros Socorros. Na época eu me perguntava para que serviria primeiros socorros ou qualquer outra coisa depois do javelin de um Mimic ter arrancado sua cabeça e a enviado voando pelo ar, mas eu acho que você nunca sabe quando um pequeno pedaço de conhecimento virá a calhar. Eu tinha que começar rapidamente.

Merda! Eu tinha um dia inteiro para repetir, mas eu não tinha tempo suficiente agora que precisava. Aquele sargento cabeça dura estava chegando. *Mexa-se! Mexa-se!*

“O que é todo esse barulho aí embaixo?” Yonabaru perguntou casualmente.

“Eu tenho que sair por um minuto.”

“Sair? Ei! Eu preciso da sua assinatura!”

Eu mergulhei no espaço entre os beliches, sem sequer me preocupar em amarrar meus sapatos. Com o concreto batendo sob meus pés, eu virei bem antes de acertar o pôster da garota em traje de banho. Eu disparei passando pelo cara com a revista pornô deitado em sua cama.

Eu não estava indo para qualquer lugar em particular. Agora minha maior prioridade era ter certeza de que eu não encontraria Ferrell. Eu tinha que ir para algum lugar fora de vista onde eu pudesse me machucar então aparecer coberto em sangue por volta do momento em que Yonabaru e Ferrell estivessem terminando a conversa. Para um plano que eu tinha preparado na hora, não era de todo ruim.

Merda. Eu deveria ter trazido minha faca de combate que eu deixo sob o meu travesseiro. Ela era inútil contra os Mimics, mas para abrir latas ou cortar madeira ou tecido era algo que todo soldado com auto respeito deveria ter. Eu me cortei com aquela faca mil vezes durante treinamentos. Eu não teria nenhuma dificuldade de cortar meu couro cabeludo com ela.

Eu tinha conseguido chegar à entrada do alojamento, e eu queria colocar a maior distância possível entre mim e o QG. Diminui

um pouco a velocidade ao dobrar a esquina do prédio.

Havia uma mulher ali. Uma coincidência terrível.

Ela grunhia ao empurrar um carrinho lotado de batatas. Eu a conhecia: Rachel Kisaragi, uma civil lotada no refeitório nº2. Uma bandana branca como neve, dobrada triangularmente, cobria o seu cabelo ondulado preto. Ela era tinha uma pele bronzeada saudável, e peitos acima da média. Sua cintura era estreita. Dos três tipos de mulheres que a raça humana se vangloriava – as bonitas, as caseiras e as gorilas com as quais você não podia fazer nada exceto enviá-las para o exército – eu colocaria ela na categoria bonitas sem pestanejar.

Em uma guerra que já durava 20 anos, simplesmente não havia dinheiro suficiente para todo o pessoal de suporte ser composto de funcionários públicos. Mesmo em uma base na linha de frente, eles a enchiam com tantos civis não combatentes quando podiam. Já tinha se debatido a possibilidade entregar o transporte de material de guerra em zonas sem combates ao setor privado. As pessoas brincavam dizendo que nesse ritmo não demoraria muito para eles terceirizarem inclusive os combates para os civis, assim eles fariam a coisa toda.

Eu tinha ouvido falar que Rachel era mais uma nutricionista que uma cozinheira. A única razão por eu ter reconhecido ela era que Yonabaru esteve perseguindo a sua saia, antes dele ficar preso no seu caso atual. Aparentemente ela não gostava de caras muito avançadinhos, o que praticamente descartava Yonabaru.

Eu sorri com a ideia de uma montanha de batatas me acertar. Desesperadamente eu estendi o meu pé direito para recuperar o equilíbrio, mas eu escorreguei em uma das batatas e me estatelei sentado no chão. Uma avalanche de batatas atacou meu rosto, uma após a outra, como *jabs* ávidos de um boxeador novato em seu caminho para o campeonato dos pesos pesados. O carrinho de metal entregou o golpe final, uma direita em cheio na minha têmpora.

Eu desabei no chão com uma pancada suficientemente forte para dar a uma granada incendiária uma utilidade para seu dinheiro. Foi um pouco antes que eu pudesse respirar.

“Você está bem?”

Eu gemi. Pelo menos parecia que nenhuma das batatas tinha acertado Rachel.

“Eu... eu acho que sim.”

“Desculpe por isso. Eu realmente não posso ver para onde vou quando estou empurrando essa coisa.”

“Nah, não é sua culpa. Saltei bem na sua frente.”

“Ei, não te conheço?” Rachel olhou para baixo, para o pobre de mim que estava largado no chão, com seus olhos verdes.

Um sorriso cresceu tímido em seu rosto. “Parece que nos trombamos de novo...”

“Eu sabia! Você é o novo recruta da 17ª!”

“Sim. Sinto muito pelo problema,” eu disse. Uma batata caiu da minha barriga.

Com uma mão em seu quadril, Rachel olhou o estrago. Suas delicadas sobranceiras apertaram-se. “Não conseguiria tê-las espalhadas mais longe, mesmo se você quisesse.”

“Sinto muito.”

“É culpa delas por serem tão redondas.” Ela arqueou as costas um pouco então o peito dela ficou mais exposto. Era difícil de ignorar.

“Eu acho que sim.”

“Você já viu batatas tão redondas?”

Eu não tinha. Nem mesmo entre os tubérculos espalhados pelo chão.

“Não vamos levar muito tempo para recolhê-las, se você ajudar.”

“Não – quero dizer, sim.”

“Bem, o que é isso?”

O tempo estava passando. Seu eu não saísse daqui agora, eu estaria morto amanhã. Eu não tinha tempo para ficar parado pegando batatas – ou qualquer outra coisa que importasse. Mas algo mais estava rolando, uma atração que eu sentia por essa garota desde a primeira vez que a encontrei, logo após me apresentar na base.

Eu ali sentado no chão, enrolando e fingindo estar com dor.

Eu estava prestes a dar uma resposta para ela quando eu ouvi o som de passos precisamente medidos aproximando-se por trás.

“O que você está fazendo?” veio um rosnado como o de um mastim do inferno. Ferrell.

Ele apareceu da esquina do alojamento e estava agora inspecionando as batatas espalhadas pelo caminho pavimentado com desaprovação.

“Eu – eu estava empurrando o meu carrinho, e –”

“Essa bagunça é sua Kiriya?”

“Senhor, sim senhor!” Eu me levantei bruscamente. Uma onda de vertigem tomou conta de mim. Ele rolou os olhos e fixou o seu olhar em mim.

“S-senhor?”

“Você está machucado. Deixe-me dar uma olhada.”

“Não é nada. Eu vou ficar bem.”

Ferrell chegou mais perto e tocou minha cabeça, bem na linha do cabelo.

Uma dor aguda atravessou o meu corro cabeludo. Seus dedos gordos como salsichas abriram a ferida. Sangue quente jorrou da minha testa ao ritmo de uma banda invisível. Uma corrente corria preguiçosamente para o lado do meu nariz, tocou o canto da minha boca, então ficou pendurado brevemente na ponta do meu queixo até que um gotejar ritmado começou. Um rosa de sangue fresco desabrochou no concreto. O cheiro forte de ferro encheu minhas narinas. Rachel engasgou.

“Hmmm. Bom, ferida de entrada limpa. O que você acertou?”

Raquel deu um passo à frente. “Meu carrinho caiu. Eu sinto muito.”

“Foi assim que aconteceu?”

“Na verdade fui eu que corri para cima dela, mas sim, mais ou menos.”

“Certo. Bem, não é tão ruim como parece. Você vai ficar bem, “Ferrell disse, dando um tapa doloroso na minha nuca. Um spray de sangue voou da minha testa, manchando minha camisa. Deixando-me onde eu estava ele caminhou até a esquina do alojamento e gritou alto o suficiente para assustar as cigarras nos muros,

“Yonabaru! Traga sua bunda aqui!”

“Tem alguma coisa de soldado precisando ser feita? Estou aqui – oh. Bom dia Rachel. Sargento outro dia típico na corporação, certo? Tão bom que parece que brotaram batatas do concreto.”

“Cale essa matraca e vá buscar alguns homens para pegá-las.”

“Quem, eu?”

“Bem, ele não vai pegar nada, vai?” Ferrell acenou na minha direção.

Yonabaru ficou boquiaberto. “Cara, o que acertou você? Parece que você esteve lutando em uma gaiola com um irlandês de 150 quilos.” Para o sargento: “Espere, isso significa que foi o Keiji quem derrubou tudo isso?” De volta para mim: “Uma merda de começo de dia, saindo e arruinando a manhã de um cara dessa maneira.”

“Qual é o problema, você não quer ajudar?”

“Não seja bobo! Por você eu iria pegar qualquer coisa. Batatas, abóboras, minas terrestres –”.

“Chega. Alguém aqui tem uma desculpa para um pelotão que não tem uma cabeça sequer que não esteja enfiada na bunda?”

“Isso magoou sarja. Você pode assistir. Vou trazer os melhores trabalhadores da 17ª.”

“Kiriya! Pare de ficar sentado aí como um espantalho e leve essa bunda até a enfermaria! Você está dispensado do PT de hoje.”

“PT? Quem falou alguma coisa sobre PT.”

“Eu falei. Alguém pisou monte de merda de porco afundando até o joelho no PX na última noite. Agora mesmo não tendo nada a ver com vocês, no entanto, em zero-novecentos vocês irão apresentar-se no Campo de Treino nº1, em seu equipamento de quarto nível para treinamento físico.”

“Você deve estar brincando! Nós iremos para uma batalha amanhã, e você está nos enviando para PT?”

“Isso é uma ordem, cabo.”

“Senhor, nós iremos nos reportar ao Campo de Treino nº1 as zero-novecentos com equipamento completo de quarto nível, senhor! Mas uma coisa, sarja. Nós estamos fazendo esse assalto de

bebidas por anos. Por que pegar duro conosco justo agora?”

“Você realmente quer saber?” Ferrell rolou os olhos.

Deixando a conversa que eu já tinha ouvido antes, eu escapei para a enfermaria.

6

Eu estava em pé no portão que divide a base do mundo exterior. O guarda que verificou meu ID ergueu as sobrancelhas com um ar de dúvida.

Havia uma camada extra de segurança na base graças à visita das tropas americanas. Embora os japoneses supervisionassem a segurança geral da base, o equilíbrio de poder com os EUA os prevenia de interferir em qualquer coisa dentro da jurisdição americana. Felizmente, a segurança dos EUA não tinha interesse em ninguém que não fosse um dos seus.

Sem documentos de saída assinados por um comandante, Keiji Kiriya não conseguiria sair da base. Mas os soldados americanos podiam ir e vir como bem entendessem, e tudo o que eles tinham que fazer era mostrar um ID. Todos usavam o mesmo portão, então se eu passasse por um guarda americano, ele poderia me deixar passar, sem perguntar nada. Tudo o que importava para eles era manter os indesejados longe de seu precioso pelotão de Forças Especiais. Um recruta tentando ir AWOL ^[8] não atrairia muita atenção.

O guarda não devia ter visto muitos cartões de identificação japoneses, porque ele olhou para o meu por um longo tempo. A máquina que checava Ids apenas registrava os que passavam pelo portão. Não havia necessidade de entrar em pânico. Porque eles mudariam o sistema um dia antes do ataque? Os músculos do meu estômago estavam tensos. O guarda estava olhando para o cartão e para mim, comparando a foto embaçada do meu rosto.

O corte na minha têmpora ardia. Os açougueiros que atendiam na enfermaria me deram três pontos, sem nenhum analgésico. Agora o ferimento enviava tiros de eletricidade através

do meu corpo. Os ossos dos meus joelhos estalaram.

Eu estava desarmado. Eu tinha perdido minha faca, que estava quentinha e confortável sobre o meu travesseiro. Se eu a tivesse comigo eu poderia imobilizar esse cara em um *half nelson*^[9] e – pensando assim eu não iria a lugar nenhum. Eu endireitei minhas costas. *Preciso ficar frio. Se ele encarar você, encare-o de volta.*

Sufocando um bocejo, o guarda apertou o botão para abrir o portão. A porta de entrada para a liberdade abriu-se.

Eu virei lentamente para olhar para trás enquanto passava pela barra amarela. Lá, à distância, estava o campo de treinamento. A brisa do mar, pesada com o cheiro de sal, soprava através do campo pelo portão. Do outro lado da cerca, soldados do tamanho de formigas executavam agachamentos em miniatura. Eles eram soldados com os quais eu comia e treinava. Eles eram meus amigos da 17ª. Engoli a nostalgia que crescia em mim. Eu caminhei, sem pressa, com o vento úmido soprando contra o meu corpo. *Continue caminhando até que você esteja fora da vista do guarda. Não corra. Apenas um pouco mais. Vire a esquina.* Eu comecei a correr.

Assim que comecei a correr, não parei mais.

Eu estava a 15 minutos de Tateyama, um distrito turístico nas proximidades. Mesmo se eu tomasse uma rota mais distante seria 20 minutos no máximo. Uma vez lá, poderia mudar minhas roupas e pegar os suprimentos de que precisava. Eu não podia arriscar trens ou a estrada, mas assim que chegasse a cidade de Chiba eu estaria livre. O exército e a polícia não podiam enfiar seus narizes nos shoppings subterrâneos transformados em favelas que existiam ali.

Seriam cerca de oito horas até que o pelotão se reunisse às 1830. Isso seria quando eles provavelmente descobririam que eu estaria AWOL. Eu não sabia se eles enviariam carros ou helicópteros atrás de mim, mas ao anoitecer eu planejava ser apenas mais um rosto na multidão. Lembrei-me do treinamento que tinha feito aos pés do Monte Fuji. Sessenta quilômetros com equipamento completo. Cruzar a Península de Boso em meio dia

não seria um problema. No momento em que a batalha amanhã se iniciasse, eu estaria longe dos dias que se repetiam e das mortes brutais que terminavam com eles.

O sol estava alto no céu, lavando-me com sua luz ofuscante. Armas automáticas de 57 milímetros estavam posicionadas sob lonas brancas à intervalos de 100 metros ao longo do muro costeiro. Faixas marrom-avermelhadas de ferrugem marcavam as chapas de aço antigas em suas bases. As armas foram instaladas ao longo da linha costeira quando os Mimics chegaram ao continente.

Quando eu era criança e pus os olhos pela primeira vez nessas armas, pensei que eram as coisas mais legais que já tinha visto. O acabamento em laca preta de seu aço imbuíam um forte sentimento de confiança em mim. Agora que eu tinha visto uma batalha real, eu sabia com fria certeza que armas como essa não poderiam repelir um ataque Mimic. Essas armas moviam-se como os dinossauros que eram. Elas não podiam esperar conseguir um acerto em um Mimic. Que piada.

Eles ainda tinham equipes de serviço designadas para inspeciona-las uma vez por semana. A burocracia ama o desperdício.

Talvez a humanidade devesse perder.

O pensamento me veio do nada, e não consegui livrar-me dele.



Quando eu contei para os meus pais que tinha me alistado, eles queriam que eu me juntasse à Guarda Costeira. Eles disseram que eu ainda teria uma chance de lutar, sem entrar em uma

batalha. Eu estaria desempenhando uma tarefa vital ao defender as cidades onde as pessoas trabalhavam e viviam.

Mas eu não queria lutar contra os Mimics para salvar a humanidade. Eu não me via como nos filmes. Eu podia procurar em minha alma até meu corpo transformar-se em poeira que não encontraria o desejo de realizar coisas grandiosas como salvar a raça humana. O que eu encontraria no lugar disso seria um quebra cabeças que não conseguiria resolver, não importa o quanto tentasse. Algo enterrado sobre uma pilha de peças de quebra cabeças que não se encaixava. Isso me irritava.

Eu era fraco. Eu não podia sequer fazer com que a mulher que eu amava – a bibliotecária – olhasse em meus olhos. Pensei que a irresistível maré da guerra me mudaria, forjando algo em mim que funcionaria. Enganei a mim mesmo acreditando que eu encontraria essa última peça do quebra cabeças que faltava para completar Keiji Kiriya no campo de batalha. Mas eu nunca quis ser um herói, amado por milhões. Nem por um minuto. Se eu podia convencer alguns poucos amigos de que eu era alguém que podia fazer algo nesse mundo, que podia deixar uma marca, não importando o quanto fosse pequena, isso seria o suficiente.

E veja onde isso me levou.

O que meio ano de treinamento fez para mim? Eu agora tinha um punhado de habilidades que não serviriam de merda nenhuma em uma batalha real, e um abdome definido. Eu ainda era fraco, e o mundo ainda estava ferrado. *Mãe, pai, sinto muito. Eu demorei muito para perceber o óbvio. O irônico era que eu tive que fugir do exército para perceber isso.*



A praia estava deserta. A Guarda Costeira deve ter andado ocupada evacuando esse lugar ao longo dos últimos seis meses.

Depois de um pouco menos de uma hora de corrida, plantei-me à beira do muro. Eu tinha coberto cerca de oito quilômetros, colocando-me na metade do caminho até Tateyama. Minha camisa cor de areia estava escura com o suor. A gaze enrolada na minha cabeça estava soltando-se. Uma gentil brisa marítima – refrescante comparada com aquele vento quente que varria a base – acariciava minha nuca. Se não fosse pelas metralhadoras, adereços roubados de algum tempo a muito esquecido, intrometendo-se no mundo real, essa seria a típica imagem de um resort tropical.

A praia estava cheia de cascas de fogos de artifício usados – do tipo simples que você lança com um tubo plástico. Ninguém seria louco o suficiente para chegar tão perto de uma base militar para soltar fogos de artifício. Eles devem ter sido deixados por algum bastardo que tentava evitar o ataque dos Mimics na Península de Boso. Eles eram ativista anti-guerra que estavam convencidos de que os Mimics eram criaturas inteligentes, e estavam tentando abrir um canal de comunicação com eles. *A democracia não é grande?*

Graças ao aquecimento global, toda essa faixa de praia ficou abaixo do mar na maré alta. Ao anoitecer esses malditos tubos seriam levados pelo mar e esquecidos. Ninguém jamais saberia. Eu chutei um dos tubos derretidos tão forte quanto podia.

“Bem, o que é isso? Um *soidadu*?”

Eu me virei.

Tinha passado um tempo desde que eu tinha ouvido alguém falar japonês. Eu estava tão perdido em meus pensamentos, que não percebi alguém vindo por trás de mim.

Duas figuras, um homem velho e uma menina, estavam no topo de um barranco. A pele do velho daria uns bons picles em salmoura se você a colocasse em um pote em um dia claro como esse. Em sua mão esquerda ele segurava uma lança de metal com três pontas que parecia ter saído de um conto de fadas. *O que ele estava fazendo com um tridente?* A garota – ela parecia ter a idade certa para a escola fundamental – apertou suas mãos fortemente.

Meio escondida pela perna do homem, a garota olhava descaradamente para mim por baixo de seu chapéu de palha. O rosto sobre o chapéu era muito branco para ter ficado muito tempo cozinhando ao sol.

“Océ tem uma cara *istranha*.”

“Eu sou da base Linha Florida.” Maldição! Minha boca foi mais rápida que meu cérebro.

“Ah.”

“O que, uh, vocês dois fazem aqui?”

“O mar tem peixes querendo ser pegos. Família toda indo pra Tóquio.”

“O que aconteceu à Guarda Costeira?”

“Veio uma conversa *duma* surra que eles tomaram em Okinawa. Digo, eles estão se dando mal. Se o exército bonzinho cuidar desses peixes para nós, *vamus* respirar *meiór*, certeza.”

“É.” Peixes era certamente alguma gíria local para os Mimics. Pessoas comuns nunca tiveram a chance de ver um Mimic com seus próprios olhos. No máximo eles tiveram a chance de ter um vislumbre de um cadáver em decomposição levado até a praia, ou talvez um que tenha ficado preso em uma rede de pesca e morreu. Mas a areia condutiva era lavada pelo oceano, e tudo o que restava eram cascas vazias. É por isso que as pessoas pensavam que os Mimics eram algum tipo de anfíbio que mudava de pele.

Eu só entendi cerca de 70 por cento do que o velho dizia, mas ouvi o suficiente para entender que Guarda Costeira tinha sido expulsa da área. Nossa derrota em Okinawa devia ser mais séria do que eu pensava. Ruim o suficiente para recuarem nossas forças combinadas de cima a baixo na linha de Uchibo. Todos foram redistribuídos com foco em cidades maiores e áreas industriais.

O velho sorriu e acenou com a cabeça. A garota observava-o com olhos arregalados como pires, testemunha de algum espetáculo raro. Ele colocava bastante esperança nas tropas da UDF estacionadas na Base Linha Florida. Não que eu tivesse me alistado para defendê-lo ou a qualquer outro que importasse. Ainda assim, isso fez com que eu me sentisse mal.

“Cê tem algum fumo, *fio*? Quando os *militaires* foram *imbora*,

fico difícil achar um.”

“Sinto muito. Eu não fumo.”

“Então *num si preucupe.*” O velho encarou o mar.

Não havia muitos soldados na Infantaria Blindada que sofressem de vício de nicotina. “Provavelmente porque você não poderia fumar em batalhas, quando mais precisaria.”

Eu fiquei em silêncio. Eu não queria fazer o dizer algo estúpido. Eu não podia deixá-lo perceber que eu era um desertor. Eles fuzilam desertores. Escapar dos Mimics apenas para ser morto pelo exército não faria muito sentido.

A garota puxou a mão do homem.

“Ela cansa fácil. Tem *óios* bons, compensando. Si tivesse nascido um menino seria boa pra pescar.”

“Sim.”

“Apenas uma coisinha antes *de’eu* ir. Nunca vi nada como essa coisa. Vim correndo da minha casa rápido, e depois acho *ocê* aqui. O que *cê* acha? Algo a ver com os peixes?” Ele ergueu seu braço.

Meus olhos seguiram os galhos retorcidos de seus dedos enquanto ele apontava. A água tinha ficado verde. Não o verde esmeralda que você vê na costa de alguma ilha do pacífico sul, mas um verde espumante, turvo, como se um superpetroleiro cheio de sorvete de chá verde tivesse encalhado e derrubado sua carga na baía. Um peixe morto flutuava nas ondas, um tijolo prateado.

Eu reconheci esse verde. Eu vi em monitores durante o treinamento. Mimics comem terra, como minhocas. Mas ao contrário das minhocas, o solo por onde eles passam com seus corpos fica tóxico para outras formas de vida devido aos seus excrementos. A terra onde os Mimics se alimentam transforma-se em um deserto. Os mares ficam com uma cor verde leitosa.

“*Num* é como nenhuma maré vermelha que eu ter visto.”

Um grito agudo encheu o ar. Minha cabeça ressoou com a melodia familiar.

Com as sobrancelhas ainda erguidas, a cabeça do velho traçou um arco, viajando pelo céu. Os pedaços esfaqueados de sua mandíbula e pescoço pintaram o chapéu de palha da menina

com um vermelho vívido. Ela não entendeu o que aconteceu. Um javelin saiu do corpo de um Mimic a 1200 metros por segundo. O crânio do velho saiu voando antes mesmo do som do javelin chegar até nós. Ela lentamente olhou para cima.

Um segundo disparo passou cortando pelo ar. Antes que seus grandes olhos escuros pudessem ter a visão de seu avô morto, o javelin rasgou através dela, em um ato que não representava misericórdia ou desprezo.

Seu pequeno corpo foi dilacerado.

Fustigado pela explosão, o corpo sem cabeça do velho balançou. Metade de seu corpo estava manchado de vermelho profundo. O chapéu de palha girava ao vento. Meu corpo encolheu-se. Não consegui me mover.

O corpo de um sapo inchado estava na beira da água.

Essa praia estava definitivamente no perímetro de defesa da UDF. Eu não tinha ouvido relatos de barcos de patrulha sendo atacados. A base na frente estava viva e bem. Não deveria haver Mimics aqui. Os dois corpos ao meu lado certamente contestariam essa afirmação, se pudessem. Mas eles estavam mortos perante os meus olhos. E eu, sua única esperança de defesa, tinha acabado de desertar da única unidade militar na área capaz de impedir essa invasão.

Eu estava desarmado. Minha faca, minha arma, meu Mech – eles estavam todos na base. Quando eu saí por aquele portão uma hora atrás, eu tinha deixado para trás a minha única esperança de defesa. Trinta metros para a metralhadora de 57 mm mais próxima. Na distância de uma corrida. Eu sabia disparar uma, mas ainda havia a lona para lidar. Eu nunca teria tempo de tirá-la. Deveria inserir meu ID na plataforma, entrar o código de entrada, colocar um cinto de munição de trinta quilômetros, soltar a alavanca da trava de rotação ou o barril não moveria e eu não poderia fazer pontaria, escalo o assento, aciono a manivela enferrujada – foda-se. *Fogo, filho da puta! Fogo!*

Eu conhecia poder de um Mimic. Eles pesavam várias vezes mais do que um jóquei de Mech completamente carregado. Estruturalmente eles tinham muito em comum com uma estrela do

mar. Tinham um endoesqueleto bem abaixo da pele, e eram necessários projéteis perfuradores de blindagem de pelo menos 50mm ou melhor para penetrá-lo. E eles não hesitavam apenas porque um homem estava desarmado. Eles rolavam até você como um cortador de grama através de um monte de toupeira.

“Foda-se.”

O primeiro javelin perfurou minha coxa.

O segundo abriu um buraco nas minhas costas.

Eu estava muito ocupado tentando impedir os órgãos de sair pela minha garganta para até mesmo perceber o terceiro.

Apaguei.

7

O livro de bolso que eu estava lendo estava ao lado do meu travesseiro. Yonabaru estava contando seu maço de confissões no topo do beliche.

“Keiji, assine isso.”

“Cabo, você tem uma arma ao lado, não tem?”

“Sim.”

“Posso vê-la?”

“Desde quando você é um aficionado por armas?”

“Não é isso.”

A mão dele desapareceu no topo do beliche. Quando voltou ela segurava um pedaço brilhante de metal negro.

“Está carregada, então cuidado para onde aponta isso.”

“Ah, certo.”

“Se você chegar a cabo, você poderá trazer seus próprios brinquedos para a cama e ninguém vai dizer nada a respeito. Uma arma de brinquedo como essa não é boa contra um Mimic, de qualquer forma. A única coisa que um jóquei de Mech precisa é seu canhão de 20 mm e seu lançador de foguetes, com três disparos. A banana que ele leva para o lanchinho não conta. Agora, você já

assinou isso?”

Eu estava muito ocupado mexendo na trava de segurança da arma para responder.

Abri minha boca em torno do cano, imaginando a bala de 9 mm na câmara, esperando para explodir no frio e duro aço.

Puxei o gatilho.

8

O livro de bolso que eu estava lendo estava ao lado do meu travesseiro. Eu suspirei.

“Keiji, assine isso.” Yonabaru esticou o pescoço para baixo da cama superior.

“Senhor, sim senhor.”

“Escute. Não tem nada demais com a operação de amanhã. Sue muito e você vai se transformar em sucata para reciclagem – terminará perdendo sua mente antes mesmo de ter uma chance de explodir os miolos.”

“Eu não estou suando nada.”

“Ei cara, não tem nada para se envergonhar. Todo mundo fica nervoso na primeira vez. É como transar. Até que você faça a coisa, você não consegue relaxar. Tudo o que você pode fazer é ficar passando o tempo se masturbando.”

“Eu não concordo.”

“Ei, você está falando como um homem que conhece a coisa.”

“E se – apenas hipoteticamente – você ficasse repetindo sua primeira vez uma vez depois da outra?”

“De onde veio essa merda?”

“Eu estou pensando hipoteticamente. Como repor todas as peças de um jogo de xadrez. Você faz seu movimento, então tudo volta para o começo.”

“Isso depende.” Ainda pendurada no beliche, seu rosto iluminou-se. “Você está falando sobre foder ou sobre lutar?”

“Não sobre foder.”

“Bem, se eles pedissem para eu voltar e lutar em Okinawa novamente, eu diria para eles enfiarem isso na bunda. Eles podiam me enviar para o pelotão de fuzilamento se preferissem, mas eu não voltaria para lá.”

“E se você não tivesse escolha? E se você que ficar revivendo de novo e de novo?”

9

No final do dia, todo homem tem que limpar sua própria bunda. Não há ninguém para tomar decisões para você, também. E qualquer que seja a situação em que você se encontra, é apenas um fator em sua decisão. O que não quer dizer que todos têm que enfrentar a mesma gama de escolhas que todos outros. Se existe um cara lá fora com um ás na mão, com certeza tem outro com uma mão cheia de merda. Algumas vezes você termina em um beco sem saída. Mas você deu cada passo do caminho que o levou até lá por conta própria. Mesmo quando você sobe para o cadafalso, você teve a escolha de encontrar a morte com dignidade ou de ir chutando e gritando para enfrentar o destino.

Mas eu não tive essa escolha. Poderia existir uma cachoeira gigante um pouco além de Tateyama, que seria o fim do maldito mundo, e eu nunca saberia disso. Dia após dia eu ia e voltava entre a base e o campo de batalha, onde era esmagado como um inseto rastejando no chão. Com um sopro eu nascia novamente, e então morria. Eu não conseguia levar nada comigo para a minha próxima vida. As únicas coisas que eu conseguia manter era a minha solidão, o medo que ninguém poderia compreender, e a sensação do gatilho em meu dedo.

É uma merda de mundo, com regras fodidas. Então foda-se.

Eu peguei uma caneta de trás do meu travesseiro e escrevi o número “5” na parte de trás da minha mão esquerda. Minha

batalha começa com esse número.

Vamos ver o quanto eu consigo levar comigo. Então, e se o mundo me dá um monte de merda? Eu vou vasculhar o monte até encontrar algum milho. Vou desviar de projéteis inimigos por um fio de cabelo. Vou matar Mimics com um único golpe. Se Rita Vrataski era uma deusa no campo de batalha, eu iria assistir e aprender até conseguir me equiparar a ela na matança. Eu tenho todo tempo do mundo.

E nada melhor para fazer.

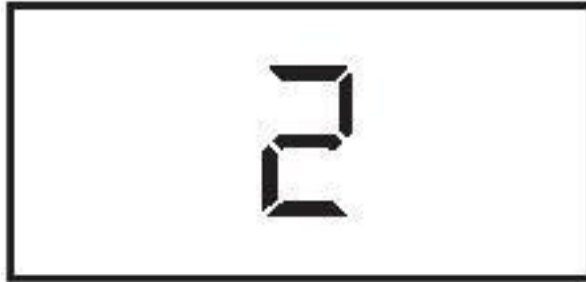
Quem sabe? Talvez algo mude. Ou talvez, encontre uma forma pegar essa merda de mundo e cuspir em seu olho.

Isso estaria bom para mim.

Capítulo - 2

Sargento Ferrell

```
graph TD; A[Capítulo - 2] -.- B[Sargento Ferrell]
```



1

“Se um gato pode pegar ratos,” um imperador chinês disse uma vez, “é um bom gato.”

Rita Vrataski era um gato muito bom. Ela matava sua cota e era devidamente recompensada. Eu, por outro lado, era um gato vira lata e sarnento vagando pelo campo de batalha, pronto para ser esfolado, esviscerado e furado como uma raquete de tênis. Os chefões garantiam que Rita estivesse sempre assistida, mas não davam a mínima para o resto de nós.

O PT vinha se desenrolando por três horas extenuantes, e você pode ter a maldita certeza de que incluía algumas merdas de flexões de braço isométricas. Eu estava tão ocupado tentando descobrir o que fazer em seguida que não estava prestando atenção o aqui e agora. Depois de meia hora, as Forças Especiais americanas desistiram de observar nossa tortura e voltaram para o quartel. Eu evitei encarar Rita, e ela saiu junto com os demais, o que significava que eu estava seguindo o percurso longo. Era como

uma rotina se/então de um software:

IF checkflag RitajoinsPT = true, then end.

ELSE continue routine: Merda_de_Flexoes_ISO

Talvez essa fosse a prova de que eu poderia alterar o que aconteceu. Se eu encarava Rita, e ela se juntasse ao PT, ele terminaria depois de uma hora. Os chefões tinham exigido essa sessão de PT por nenhuma boa razão; eles podiam encerrá-la por nenhuma outra.

Se meu palpite estivesse certo, minha causa não era necessariamente impossível. A janela de oportunidade poderia apresentar-se na batalha de amanhã. As chances de isso acontecer poderiam ser de 0,1 por cento, ou até de 0,01 por cento, mas se eu pudesse melhorar as minhas habilidades de combate um pouco – e se essa janela abrisse pelo menos uma fresta – eu gostaria de encontrar uma forma de escancará-la. Se eu pudesse treinar para saltar cada obstáculo nessa pequena pista – saltar cada encontro com a morte atirado na minha direção, talvez um dia eu acordasse em um mundo com um amanhã.

Da próxima vez eu não vou deixar de encarar Rita durante o PT. Eu me sentia mal em trazê-la para isso, ela que era basicamente uma expectadora no meu interminável show individual. Mas não havia realmente muita escolha. Eu não tinha as horas para desperdiçar construindo músculos que eu não levaria para o próximo *loop*. Esse tempo seria melhor gasto programando meu cérebro para a batalha.

Quando o treinamento tinha finalmente terminado, os homens no campo fugiram para o quartel para escapar do calor do sol, remoendo queixas sob sua respiração coletiva. Eu fui até o Sargento Ferrell, que estava agachado reatando os laços de seu coturno. Ele tinha estado por aqui há mais tempo que qualquer um de nós, então eu decidi que ele seria o melhor lugar para começar a ajuda em meu treinamento de batalha. Não apenas ele era o mais longo sobrevivente do pelotão, mas ocorreu-me que os 20 por cento de sargento esmagador de bolas nele poderiam vir a

calhar.

Ondas de calor ondulavam acima de seu corte de cabelo com topo reto. Mesmo depois de três horas de PT, ele olhava como se pudesse correr um triátlon e chegar em primeiro lugar sem sequer suar a camisa. Ele tinha uma cicatriz peculiar na base do seu pescoço grosso, uma lembrança de um tempo antes deles terem resolvido todos os bugs dos Mechs e por isso terem de implantar chips para melhorar os tempos de reação dos soldados. Já fazia um bom tempo desde que não era preciso usar recursos tão cruéis. Essa cicatriz era uma medalha de honra – vinte anos de serviço duro e ainda mandando ver.

“Algumas bolhas hoje?” A atenção de Ferrell nunca deixou seus sapatos. Suas palavras saiam com um sotaque peculiar aos brasileiros.

“Não.”

“Com frio na barriga?”

“Eu estaria mentindo se não dissesse que estou assustado, mas eu não estou planejando fugir, se é isso que você quer dizer.”

“Para um novato ainda no básico, você está saindo-se muito bem.”

“Você ainda continua o seu treinamento, não é sarja?”

“Eu tento.”

“Você se importaria se eu treinasse com você?”

“Você está fazendo alguma piada, soldado?”

“Não vejo nada engraçado em matar, senhor.”

“Bem, tem alguma coisa engraçada em sua cabeça se você quer vestir um desses malditos Mechs no dia antes de sairmos para morrer. Se você quer exercitar-se, vá procurar as coxas de uma recruta para fazer isso com ela.” Os olhos de Ferrell permaneceram em seus laços. “Dispensado.”

“Sarja? Com todo respeito, eu não o vejo correndo atrás das mulheres.”

Ferrell finalmente olhou para cima. Seus olhos eram como canos de fuzis de 20 mm disparando rajadas para mim a parir de casamatas estabelecidas no fundo de seu rosto bronzeado e curtido. Eu cozinhei sobre o sol escaldante.

“Você está me dizendo que sou algum tipo de viado que prefere ficar preso em um Mech fedendo a suor do que entre as pernas de uma mulher? É isso que você está me dizendo?”

“Nã-não é isso que eu quis dizer, senhor!”

“Certo então. Puxe uma cadeira.” Ele passou a mão pelo cabelo e deu um tapa no chão.

Sentei-me enquanto uma rajada vento marítimo soprava entre nós.

“Eu estava em Ishagaki, você sabe”, Ferrell começou. “Deve ter sido pelo menos há dez anos. Os Mechs eram baratos como o inferno. Tinha um lugar perto da virilha – bem aqui – onde as placas não ajustavam-se muito bem. Esfregava direto sobre a pele. E os lugares que tinham feridas devido ao treinamento iriam esfregar-se novamente durante a batalha. Doía tanto que alguns caras recusavam-se a arrastar-se no chão. Eles levantavam-se e caminhavam para o meio da luta. Você podia dizer que isso iria matá-los, mas sempre tinha alguns que levantavam assim mesmo. Poderiam muito bem andar por aí em alvos pintados em seus peitos.” Ferrell assobiou como uma bomba caindo. “Zap! Perdemos um monte de homens dessa forma.”

Ferrell tinha uma mistura de sangue japonês com brasileiro, e tinha vindo da América do Sul. Metade desse continente tinha sido devastado pelos Mimics. Aqui no Japão, onde a alta tecnologia era mais barata do que comida decente, os nossos Mechs eram máquinas de precisão. Havia muitos países em que tudo o que podiam fazer era enviar suas tropas com uma máscara de gases, um ultrapassado lançador de foguetes e uma oração. Esqueça sobre artilharia ou suporte aéreo. Qualquer vitória que eles conseguissem tinha vida curta. *Nanobots* cuspidos dos corpos dos Mimics iriam comer as tripas de quaisquer soldados que tivessem restado. E então, pouco a pouco, um deserto sem vida espalhava-se através da terra onde uma vez pessoas a chamaram de lar.

Ferrell tinha vindo de uma família de agricultores. Quando suas lavouras começaram a morrer, eles escolheram abandonar sua terra e mover-se para as ilhas do leste, paraísos seguros protegidos pelas maravilhas tecnológicas. Famílias com pessoas servindo as

UDF tinham prioridade na imigração, e foi esse o motivo que levou Ferrell a unir-se às tropas japonesas.

Esses “soldados imigrantes”, como eram chamados, eram comuns na Infantaria Blindada.

“Você alguma vez ouviu a expressão *kiri-oboeru*?”

“O que? Eu perguntei, surpreso ao ouvir o termo japonês.”

“É um antigo ditado samurai que significa, ‘Derrote seu inimigo, e aprenda.’”

Eu balancei minha cabeça. “Não soa familiar.”

“Tsukaharam Bokuden, Itou, Miyamoto Musashi – todos samurais famosos no seu tempo. Nós estamos falando de quinhentos anos atrás, agora.”

“Eu acho que li uma história em quadrinhos sobre Musashi uma vez.”

“Malditos garotos. Não saberiam diferenciar Bokuden de Batman.” Ferrell suspirou, exasperado. Lá estava eu, um puro sangue japonês, e ele sabia mais sobre a história de meu país do que eu. “Samurais eram guerreiros que ganhavam a vida lutando, assim como você e eu. Quantas pessoas você acha que os samurais que mencionei mataram em suas vidas?”

“Eu não sei. Se seus nomes ainda circulam depois de quinhentos anos, talvez... dez ou vinte?”

“Não chegou nem perto. Os registros são vagos, mas o número está entre algo como três e cinco mil. Cada. Eles não usavam metralhadoras. Não usavam bombas. Cada homem que eles mataram foi cortado na merda de um combate mano a mano. Eu diria que isso é o suficiente para justificar uma medalha ou duas.”

“Como eles conseguiam isso?”

“Envie um homem para o além a cada semana, então faça o mesmo por dez anos, você terá quinhentos. É por isso que eram conhecidos como mestres espadachins. Eles não matavam apenas uma vez e consideravam o dia ganho. Eles continuavam. E eles o faziam cada vez melhor.”

“Parece como um vídeo game. Quanto mais você mata, mais forte você fica – é isso? Merda, eu tenho muita coisa para fazer.”

“Exceto que seus oponentes não eram bonecos para treino ou *aliens* digitais. Eles estavam vivendo, os homens por eles abatidos. Como gado. Homens com espadas. Homens lutando por suas vidas, assim como eles. Se os samurais quisessem viver, eles tinham que pegar o inimigo com a guarda abaixada, colocar armadilhas, e algumas vezes correr com o rabo entre as pernas.”

Não era a primeira imagem que surgia em sua cabeça quando você pensava em um mestre espadachim.

“Aprender o que iria te matar e como seu inimigo seria morto – e a única maneira de aprender uma coisa dessas é fazê-la. Algum garoto que ensinasse a balançar uma espada em um dojo não tinha a menor chance contra um homem que havia sido testado em combate. Eles sabiam isso, e eles continuavam fazendo isso. É assim que eles empilharam centenas de corpos. Com um golpe de cada vez.”

“*Kiri-oboeru.*”

“Isso mesmo.”

“Então porque se incomodar em ficar nos treinando?”

“Ah, direto ao ponto. Você é um gênio, muito esperto para ser um soldado.”

“Vamos lá, sarja.”

“Se você quer realmente lutar contra os Mimic, você precisará de helicópteros ou tanques. Mas helicópteros custam dinheiro, e custa dinheiro treinar os pilotos também. E tanques não ajudam muito neste terreno. Muitas montanhas e rios. Mas o Japão está lotado de pessoas. Então eles as embalam em Mechs e as enviam para as linhas de frente. Transformam limões em limonada.”

Veja o que acontece com os limões.

“Toda essa merda que eles ficam martelando durante sua formação é o mínimo. Eles pegam um monte de recrutas que não sabem diferenciar suas bundas de seus cotovelos e os treinam a não atravessar a rua com o sinal vermelho. Olhem para esquerda, olhem para a direita e abaixem a cabeça se as coisas ficarem quentes. A maioria desses bastardos azarados esquecem tudo isso quando a merda começa a voar e morrem bem rápido. Ganhe o seu primeiro gosto de batalha e aprenda uma lição com isso, e talvez

“você possa se chamar de soldado –” Ferrell interrompeu-se. “O que é tão engraçado?”

“Hã?” Um sorriso tinha se insinuado em meu rosto enquanto ele falava e eu nem tinha percebido.

“Eu vejo alguém sorrindo assim antes de uma batalha, e começo a me preocupar com a fiação em sua cabeça.”

Eu estive pensando na minha primeira batalha, quando Mad Wargarita tentou me ajudar, quando minhas tripas sujas de lama queimavam até virar cinzas, quando o desespero e o medo escorriam pelo meu rosto. Keiji Kiriya tinha sido um dos bastardos azarados. Duas vezes.

Pela terceira vez, quando eu corri, minha sorte não tinha sido o que você chamaria de boa sorte, entretanto. Mas, por alguma razão, o mundo continuava me dando outra chance, me desafiando a encontrar uma forma de sobreviver. Não por sorte, mas por mim mesmo.

Se eu pudesse suprimir a vontade de correr, eu continuaria acordando para um dia inteiro de treinamento seguido por um dia no campo de batalha. E o que melhor do que isso? Quase por padrão, eu continuaria aprendendo, um golpe de cada vez. O que levou dez anos para esses espadachins, eu podia fazer em um dia.

Ferrell levantou-se e me deu um tapa nas costas, interrompendo minha linha de pensamento. “Não faz muito sentido preocupar-se com isso agora. Porque você não vê se encontra alguma dessas recrutas?”

“Eu estou bem, sarja, só estava pensando –” Ferrell desviou o olhar. Eu pressionei. “Se eu viver depois da batalha de amanhã, haverá outra batalha depois dessa, certo? E se eu viver depois dessa, irei para a próxima. Se eu levar as habilidades aprendidas em cada batalha, e entre as batalhas praticar nos simuladores, minhas chances de viver continuaram aumentando, certo?”

“Bem, analisando ao extremo –”

“Não fará mal adquirir o hábito de treinar agora, fará?”

“Você não desiste fácil, desiste?”

“Não.”

Ferrell sacudiu sua cabeça. “Para ser honesto, eu imaginava

que você era alguém diferente. Talvez eu esteja ficando muito velho para isso.”

“Diferente como?”

“Escute, tem três tipos de pessoas da UDF: *nóias* tão viciados que mal podem ser considerados vivos, pessoas que se inscreveram em busca do vale-refeição, e as pessoas que estavam andando, deram um passo errado em alguma ponte e acabaram caindo aqui.”

“Eu aposto que você me classifica como do último grupo.”

“É o que acho.”

“Em que grupo você se encontra, sarja?”

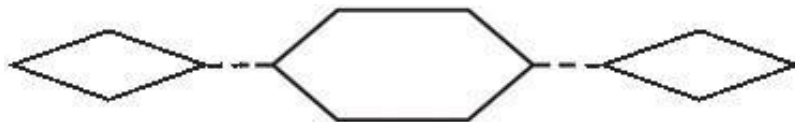
Ele deu de ombros. “Vista seu equipamento de primeiro nível. Encontre-me aqui em quinze minutos.”

“Senhor – uh, equipamento completo de batalha?”

“Um jôquei de Mech não pode praticar sem seu equipamento. Não se preocupe, eu não vou usar munição real. Agora vista-se!”

“Senhor, sim senhor!”

Eu fiz uma continência, e fiz com gosto.



O corpo humano é uma máquina engraçada. Quando você quer mover alguma coisa – digamos, o seu braço – o cérebro envia dois sinais ao mesmo tempo: “Mais força!” e “Menos força!” O sistema operacional que comanda o corpo automaticamente contém parte da força para evitar um esforço excessivo que o danificaria. Nem todas as máquinas têm essas medidas de segurança embutidas. Você pode apontar um carro para uma parede, apertar o acelerador até o fundo e o carro irá esmagar-se contra o muro até o motor ficar destruído ou acabar a gasolina.

As artes marciais usam cada pedaço da força que o corpo tem a sua disposição. No treinamento de artes marciais, você bate e grita ao mesmo tempo. Seu comando “Grite mais alto!” ajuda a

sobrescrever o comando “Menos força!”. Com a prática, você pode utilizar a parcela de força que seu corpo retém. Em essência, você está aprendendo a canalizar a força de seu corpo para que ele destrua a si mesmo.

Um soldado e seu Mech funcionam da mesma maneira. Assim como o corpo humano tem um mecanismo para conter sua força, Mechs tem um sistema para manter a saída de força em equilíbrio. Com 370 Kg de força no punho, um Mech poderia facilmente esmagar um rifle, para não falar dos ossos humanos. Para evitar que acidentes aconteçam, Mechs são projetados para limitar automaticamente a força exercida, e até mesmo contrabalançar a inércia para balancear apropriadamente a quantidade de força entregue. Os técnicos chamam esse sistema de auto balanceador. O auto balanceador retarda as ações do operador do Mech em uma fração de segundo. É um intervalo de tempo que na batalha pode significar a diferença entre a vida e a morte.

Em três batalhas de larga escala com dez mil Mechs cada uma, apenas um soldado pode ter o azar de encontrar um problema com o auto balanceador, e se o auto balanceador decidir engasgar quando você tem um Mimic caindo sobre você, estará tudo acabado. É uma pequena chance, mas ninguém quer ser o bastardo azarado que tirou o palito mais curto. É por isso que, no início de cada batalha, veteranos como Ferrell desligam o auto balanceador. Eles nunca nos ensinam isso no treinamento. Eu teria que aprender a andar novamente com o autobalanceador desligado. Ferrell disse que eu teria de ser capaz de me mover sem pensar.

Eu precisei de sete tentativas para andar em linha reta.

2

Duas sentinelas estavam de pé na estrada que levava à seção da base sobre a jurisdição americana. Eles eram enormes, cada

homem carregando um rifle de alta potência tão grande quanto as minhas coxas.

Seus físicos os faziam parecer com armaduras em uma exposição. Eles não precisavam dizer uma palavra para que os transeuntes soubessem quem estava no comando. Bombas de fragmentação poderiam chover do céu, e esses caras ficariam parados, sem piscar, até que recebessem ordens contrárias.

Se você os mantivesse no canto de seu olho e se dirigisse para o portão principal, você estaria no caminho que tomei quando tentei ir AWOL na minha terceira vez no loop. Correr seria mais fácil. Com o que eu tinha aprendido, eu provavelmente evitaria a emboscada Mimic e conseguiria chegar a Chiba City. Mas hoje eu tinha outro objetivo em mente.

Era 10h29minh. Eu estava no ponto cego das sentinelas. Com meu passo de oitenta centímetros, as sentinelas estariam a exatos quinze segundos de onde eu estava.

Uma gaivota voava sobre nossas cabeças. O rugido distante do mar misturava-se com os sons da base. Minha sombra era uma pequena piscina em torno dos meus pés. Não havia mais ninguém no caminho.

Um caminhão de combustível americano passou. As sentinelas fizeram continência.

Eu tinha caminhar no ritmo correto.

Três, dois, um.

O caminhão aproximou-se de uma bifurcação no caminho. Uma velha faxineira carregando um esfregão entrou na frente do caminhão. Os freios gritaram. O motor do caminhão morreu. As sentinelas viraram-se para ver a comoção causada, com suas atenções desviadas por alguns instantes preciosos.

Eu caminhei por eles.

Eu podia sentir o calor emitido pelas suas massas enormes. Com músculos como aqueles, eu não tinha dúvida que eles poderiam arrancar minha espinha pela bunda. Por um instante eu senti um desejo irracional de lançar-me contra eles.

Claro, eu posso parecer como se fosse sair voando com um vento mais forte, mas você não deve julgar um livro pela sua capa.

Quer encarar? Quem quer um pedaço do pequeno recruta asiático? Será que as habilidades aprendidas como um jóquei de Mech traduziram-se em habilidades em um combate mano a mano contra outros humanos? Eu teria ficado mais forte, alguma coisa melhor? Por que esperar pelos Mimics, por que não me testar contra esses belos espécimes agora?

O guarda da direita começou a virar.

Fique calmo. Mantenha o ritmo constante. Ele está girando para a esquerda. Quando ele o fizer você deslizará para o seu ponto cego atrás da outra sentinela. Quando ele olhar em volta procurando algum sinal de Keiji Kiriya, eu já serei parte do cenário.

“Você viu algo?”

“Quieto. O capitão está de olho, e ele não parece feliz.”

“Foda-se.”

E assim, consegui me infiltrar em território americano.

Meu alvo era um Mech fabricado nos EUA. Depois de algumas vezes através do loop, eu cheguei à conclusão de que precisaria de uma nova arma – algo que não tínhamos nas tropas japonesas. O rifle padrão de 20 mm não eram muito efetivos contra os Mimics. Eles ficavam entre a fina linha da relação entre o número de projéteis que um soldado podia carregar, a taxa de disparos necessária para atingir um alvo movendo-se rápido, e a quantidade aceitável de coice. Eles eram mais poderosos que as armas utilizadas por padrão, mas se você realmente queria perfurar aquele endoesqueleto, o calibre de 50 mm era a única forma de conseguir com certeza.

A estratégia básica da UDF era empregar uma linha blindada de infantaria disparando projéteis de 20 mm para retardar o inimigo o suficiente para a artilharia e os tanques os derrubarem. Na prática, o suporte nunca vinha rápido o suficiente ou forte o suficiente. Cabia a nós terminar com os Mimics por conta própria.

A arma que era nosso último recurso vindo dos velhos tempos, e a que eu mesmo tinha usado, era o bate estacas montado no meu ombro esquerdo. Você podia abrir um buraco e derramar as tripas de um Mimic com uma dessas gracinhas. O lança foguete vinha bem a calhar também, mas era difícil de

conseguir um acerto, e mais frequentemente você estaria sem foguetes quando realmente estivesse precisando de um. Conforme eu fui me acostumando com a luta, eu comecei a confiar cada vez mais no poder do bate estacas de 57 mm.

Mas o bate-estacas tinha um grande problema: O seu pente só carregava vinte cargas. Ao contrário de nossos rifles, você não podia trocar os pentes. Uma vez que você disparasse o vigésimo tiro, você não poderia utilizá-lo nem mesmo para enfiar uma estaca no coração de um vampiro. As pessoas que desenvolveram o Mech não consideraram a possibilidade de alguém sobreviver o bastante no combate corpo a corpo contra os Mimics para usar mais de vinte disparos.

Foda-se isso.

Ficar sem cargas tinha me matado muitas vezes. Outro beco sem saída. A única maneira de evitar isso era encontrar uma arma para combate corpo a corpo que não ficasse sem munição. Eu vi uma, uma vez, na batalha que começou esse loop.

O machado de batalha. Rita Vrataski, uma Valquíria vestida em vermelho, e seu machado. Poderia ser mais adequado chamar isso de um porrete de carboneto de tungstênio no formato de um machado. Um machado de batalha nunca ficaria sem munição. Você ainda poderia utilizá-lo mesmo se ficasse amassado. Ele liberava uma bela pancada. Era a arma de combate corpo a corpo perfeita.

Mas até onde interessava ao mundo, Keiji Kiriya era um novo recruta que ainda não tinha visto sua primeira batalha. Se eu pedisse a eles para substituïrem meu bate estacas padrão por uma arma diferente simplesmente porque eu não gostava dele, eles certamente me ignorariam. Yonabaru teria rido de mim, e Ferrell realmente me socaria. Quando eu tentei levar isso diretamente para o nosso comandante de pelotão, ele me ignorou completamente. Eu teria que conseguir a arma por conta própria.

Eu fui até o prédio da divisão de suprimentos das Forças Especiais americanas. Cinco minutos depois de atravessar o lado americano da base, eu cheguei a um local guardado por uma única soldada. Ela estava girando uma chave inglesa na mão.

O cheiro pungente de óleo flutuava no ar, sobrepujando o cheiro penetrante do oceano. O movimento enxameante dos homens da base, sempre presente, tinha diminuído. Na escuridão entre os prédios, a humanidade que se armava em aço para derrubar seus inimigos, estava desfrutando uma boa soneca.

A mulher com a chave inglesa era Shasta Raylle, uma técnica civil. Seu salário era pelo menos o mesmo de um primeiro tenente. Muito acima do meu, de qualquer forma. Eu dei uma olhada em seus documentos: altura, 152 cm; peso 37 Kg; acuidade visual, 20/300; comida favorita, bolo de maracujá. Ela tinha algum sangue de índios americanos e usava o seu cabelo preto preso para trás em um rabo de cavalo.

Se Rita era um lince à espreita, Shasta era um coelho distraído. Ela deveria estar em casa, aconchegada em uma sala quentinha, assistindo vídeos e enchendo a cara de bombons, e não coberta de óleo e graxa em alguma base militar.

Falei tão delicadamente quando pude. “Olá.”

Shasta pulou ao som da minha voz. Merda. Não fui suficientemente gentil.

Seus óculos de lentes grossas caíram no chão de concreto. Observando-a procurar os óculos era como observar um quadraplégico tentando andar sobre a água. Em vez de colocar a chave inglesa de lado para procurar com as duas mãos, ela tateava em vão apenas com uma. Não era exatamente o que se esperava de alguém com sua formação do MIT, que tinha desenvolvido alguns dos Mechs mais avançados para a indústria de defesa na sua primeira tese publicada, e então, para surpresa de todos, saltou para a UDF para ser a técnica designada para especificamente um traje vermelho metálico.

Inclinei-me e peguei os óculos – que para ser justo mais parecia um par de lentes de aumento unidas.

“Você deixou cair isso”, eu disse, segurando eles onde eu esperava que ela pudesse ver.

“Obrigado, quem quer que seja.”

“Não há de quê.”

Shasta olhou-me de cima a baixo. As lentes fundo de garrafa

faziam seus olhos parecerem ovos fritos.

“E você é...?”

“Keiji Kiriya.”

“Obrigado, Keiji Kiriya. Eu sou Shasta Raylle.” Eu omiti deliberadamente meu escalão e pelotão. A cabeça de Shasta afundou. “Eu percebo que isso possa parecer um quartel comum – bem, ele é, mas esse não é o ponto. O ponto é que ele contém tecnologia militar altamente sensível. Somente pessoas com credenciais de segurança recebem permissão de entrar.”

“Eu sei. Eu não queria entrar.”

“Ah. Bem! Estou feliz por termos esclarecido isso.”

“Na verdade,” eu disse, dando um passo para a frente, “Eu vim para te ver.”

“E-eu fico lisonjeada, mas temo que não possa – eu quero dizer, você parece muito legal e tudo mais, só que não acho que isso seria apropriado, e ainda há os preparativos para amanhã, e –”

“Ainda não é nem meio-dia.”

“Isso vai levar o resto do dia!”

“Se você apenas escutasse –”

“Eu sei que *parece* que tudo o que tenho feito é remover e recolocar essa parte – e bem, eu tenho mesmo, mas eu *estou realmente* ocupada. Realmente!”. Seu rabo de cavalo balançou enquanto ela acenava a cabeça para si mesma, reforçando sua sinceridade.

Ela está tendo a idéia errada. Tenho que conduzi-la novamente para o caminho certo –

“Então, a unidade de memória externa desse traje ficou danificado?”

“Ele está, mas – como você sabe disso?”

“Ei, eu e você sabemos que uma unidade de memória externa não tem muita utilidade em batalha. Mas considerando que esses chips customizados contém uma tonelada de tecnologia militar sensível, você terá que preencher uma montanha de papelada para requisitar uma dessas malditas coisinhas, não estou certo? E aquele careca *filhodaputa* que fica dando em cima de você no arsenal não importando quantas vezes você diga para ele que não está

interessada, não faz a situação mais agradável, eu aposto. É quase o suficiente para fazê-la considerar a ideia de roubar um dos chips dos Mechs da corporação japonesa.”

“Roubar um dos – eu nunca pensei nisso!”

“Não?”

“É claro que não! Bem, o pensamento pode ter passado pela minha cabeça uma vez ou duas, mas eu nunca fiz isso! Eu realmente pareço o tipo que –” Seus olhos arregalaram-se quando ela viu o que estava em um saco de plástico lacrado que tirei de meu bolso.

Um sorriso malicioso cresceu em meu rosto. “E se alguém roubasse um para você?”

“Posso ficar com ele? Por favor?”

“Como você mudamos de música rápido!”

Eu ergui o saco contendo o chip acima da minha cabeça. Shasta pulou para tentar agarrá-lo, mas ela e seus 158 centímetros estavam sem sorte. O óleo que manchava suas roupas ardeu minhas narinas.

“Pare de me provocar e apenas entregue isso, tudo bem?”

Upa. Upa.

“Você não sabe o que enfrente para conseguir isso.”

“Eu estou implorando a você. Por favor?”

Upa.

“Eu dou para você, mas preciso de algo em troca.”

“Algo... em troca?”

Gulp.

Ela apertou a chave inglesa no peito, achatando o volume de seus seios que estavam escondidos debaixo de seus macacões. Ela claramente estava acostumada a fazer-se de vítima depois de alguns anos entre os animais das forças especiais. Se fosse tão fácil conseguir algo dela, eu não a culparia por isso.

Eu balancei o saco plástico na direção do machado de batalha gigante pendurado em uma gaiola na parte traseira do prédio e apontei. Shasta não pareceu entender o que eu estava olhando. Seus olhos vasculharam cuidadosamente ao redor da sala.

“Eu gostaria de pegar emprestado aquilo.” Eu apontei o dedo

diretamente para o machado.

“A menos que meus olhos tenham ficado piores do que imagino, isso é o machado de batalha de Rita.”

“Bingo.”

“Então... você está na Infantaria Blindada também?”

“Tropas japonesas.”

“Isso não é fácil para eu dizer – eu não quero ser rude – mas tentar imitar Rita vai apenas fazer com que você se machuque.”

“Isso quer dizer que você não vai me emprestá-lo?”

“Se você realmente acha que precisa disso, eu vou. É apenas um pedaço de metal – nós temos muitos sobressalentes. Quando Rita pediu um para mim pela primeira vez, tive que cortá-lo da asa de um bombardeio aposentado.”

“Então porque a relutância?”

“Bem, francamente, porque você vai se matar.”

“Com ou sem isso, eu vou morrer algum dia.”

“Eu não posso fazer com que você mude de ideia?”

“Não é provável.”

Shasta ficou em silêncio. A chave inglesa pendurada na sua mão como um trapo velho, com os olhos sem foco. Uma mecha de cabelo despenteado estava preso pelo suor e graxa em sua testa. “Eu estive lotada no Norte da África antes,” ela disse. “O melhor soldado do melhor pelotão de lá me pediu a mesma coisa que você. Tentei avisá-lo, mas havia política envolvida, as coisas ficaram complicadas, então eu o deixei ficar com um.”

“E ele morreu?”

“Não, ele viveu. Por pouco. Mas seus dias de soldado terminaram. Se somente eu pudesse ter encontrado uma maneira de detê-lo.”

“Você não deve se culpar. Você não é responsável pelo ataque Mimic.”

“É isso mesmo, ele não ficou ferido lutando contra os Mimics. Você sabe o que é inércia?”

“Eu tenho um diploma de ensino médio.”

“Cada um desses machados pesa 200 Kg. O aperto de 370 Kg de um Mech pode segurá-lo, claro, mas mesmo com a força

ampliada, produz uma enorme quantidade de inércia. Ele quebrou a espinha girando o machado. Se você gira 200 Kg com a força ampliada de um Mech, você pode literalmente torcer-se no meio.”

Eu sabia exatamente o que ela queria dizer – a inércia que ela falava era exatamente o que eu estava procurando. Era preciso algo enorme para quebrar o endoesqueleto de um Mimic com apenas uma batida. Ele isso pudesse me matar no processo era irrelevante.

“Olha, eu tenho certeza que você se considera bom, mas Rita não é um soldado comum.” Shasta fez uma última tentativa para dissuadir-me.

“Eu sei.”

“Ela é extraordinária, de verdade. Ela nunca usa um auto balanceador. E isso não quer dizer que ela o desliga antes da batalha. Seu Mech não é sequer equipado com um. Ela é o único membro do esquadrão sem ele. Em um esquadrão de elite ela é mais do que a elite.”

“Eu parei de usar um auto balanceador a um longo tempo atrás, mas nunca tinha pensado em removê-lo inteiramente. Eu tenho que ver isso. Menos peso.”

“Oh, então você é a próxima Rita, eu suponho?”

“Não. Eu não poderia me comparar com Rita Vrataski.”

“Sabe o que ela me disse quando eu a conheci? Ela disse que estava feliz por viver em um mundo cheio de guerra. Você pode dizer o mesmo?” Shasta me avaliou por trás das lentes grossas. Eu sabia o que ela queria dizer. Eu retornei seu olhar sem uma palavra.

“Porque você está tão preocupado com um machado de batalha?”

“Eu não diria que estou preocupado com isso. Estou apenas tentando encontrar algo mais efetivo que um bate estacas. Eu poderia usar uma lança ou um cutelo, se você tiver um. Qualquer coisa que eu possa usar mais de vinte vezes.”

“Isso é o que ela disse quando me pediu para cortar-lhe um machado.”

Shasta relaxou seu aperto na chave inglesa.

“Qualquer comparação com a Full Metal Bi – uh, Valquíria é

um grande elogio.”

“Sabe, você é muito...” A voz dela sumiu.

“Sou muito o quê?”

“Incomum.”

“Talvez eu seja.”

“Apenas lembre-se, não é uma arma fácil de usar.”

“Eu tenho muito tempo para praticar.”

Shasta sorriu. “Eu conheci soldados que pensavam que podiam seguir os passos de Rita e falharam, e conheci outros que a reconheceram como um prodígio e nunca tentaram se igualar a ela. Mas você é a primeira pessoa que eu conheci que percebe a distância entre vocês e Rita e ainda quer seguir com isso.”

Quanto mais eu entendia a guerra, mais eu reconhecia o prodígio que Rita era. Na minha segunda vez no loop, quando Rita juntou-se a nós na sessão de PT, eu somente a encarei daquela forma porque eu um recruta que não sabia de nada. Agora que eu passei pelo loop o suficiente para me considerar um verdadeiro jóquei de Mech, a diferença entre mim e ela parecia ainda maior. Se eu não tivesse, literalmente, uma quantidade infinita de tempo, eu teria desistido.

Com um magnífico salto, Shasta arrancou o chip de silício da minha mão. “Espere aí. Deixe-me dar alguns papéis para esse machado antes de você ir.”

“Obrigado.”

Ela saiu para pegar os papéis, e então parou. “Posso te perguntar uma coisa?”

“Manda.”

“Por que você tem o número quarenta e sete escrito em sua mão.”

Eu não sabia o que dizer para ela. Na hora eu não conseguia imaginar uma simples resposta plausível para um soldado escrever um número em sua mão.

“Oh, isso é – eu quero dizer, eu espero não ter dito nada que não deveria ter falado.”

Eu balancei minha cabeça. “Você sabe como as pessoas riscam os dias em um calendário? É algo parecido.”

“Se é importante o bastante para escrever em sua mão, deve ser algo que você não quer esquecer. Quarenta e sete dias até você ir para casa, talvez? Ou os dias até o aniversário de sua namorada?”

“Se eu tivesse que por um nome nisso, eu diria que é o número de dias desde que eu morri.”

Shasta não disse nada.

Eu consegui meu machado de batalha.

3

0600 Acordar;
0603 Ignorar Yonabaru;
0610 Roubar o chip de silício do arsenal;
0630 Tomar o café da manhã;
0730 Praticar movimentos básicos;
0900 Visualizar o treinamento durante a merda do PT;
1030 Pegar emprestado o machado de batalha de Shasta;
1032 Lanche;
1300 Treinar com ênfase em corrigir enganos da batalha anterior. (em Mech);
1500 Encontrar Ferrell para um treinamento de batalha ao vivo. (em Mech);
1745 Jantar;
1830 Participar de uma reunião de pelotão.
1900 Ir para a festa de Yonabaru.
2000 Checar o Mech.
2200 Ir para a cama.
0112 Ajudar Yonabaru em sua cama.
Era mais ou menos assim que eu passava os meus dias.



Fora do treinamento, tudo se tornou rotina. Eu passei pelas sentinelas tantas vezes que eu poderia fazê-lo com os olhos fechados. Eu estava começando a me preocupar se iria me tornar um mestre ladrão antes de tornar-me um soldado profissional. Não que a habilidade de roubar algo de um mundo que reiniciaria no final do outro dia seria de alguma utilidade.

A rotina diária não mudou muito de um loop para o próximo. Eu me afatei para valer da rotina, e poderia forçar algo diferente a acontecer, mas se eu não fizesse nada as coisas aconteceriam da mesma forma. Era como se todos estivessem seguindo um mesmo roteiro que lhes tinha sido dado um dia antes.

Era 1136 e eu estava almoçando no refeitório nº 2. A garota do lanche servia a mesma quantidade de sopa de cebola na hora e na tigela de sempre. Eu movi o braço para evitar um *splash* que traçava o mesmo arco pelo ar. Desviava de amigos chamando por todo o refeitório, e sentava-me no mesmo lugar.

Rita estava sentada três fileiras à minha frente, de costas para mim enquanto comia. Eu não tinha escolhido esse horário para comer porque coincidia com o almoço dela; apenas aconteceu dessa forma. Por nenhuma razão em particular eu me acostumei a vê-la comer sempre deste mesmo ângulo.

O refeitório nº 2 não era o tipo de lugar onde normalmente se esperaria encontrar almoçando um sargento major como Rita. Não que a comida fosse ruim. Era muito boa, na verdade. Mas não parecia ser do tipo que impressionaria alguém que acordava em um alojamento para oficiais a cada manhã ao ponto de leva-la a andar metade da base para degustar essa comida. Eu tinha ouvido que as Forças Especiais americanas tinham trazido seu próprio cozinheiro, o que aumentava ainda mais o mistério da presença dela. Ela poderia até engolir um rato vivo que não pareceria mais uma cobra em nosso meio. E assim a nossa salvadora comia sozinha. Ninguém

tentava falar com ela, e os assentos em volta dela sempre estavam ostensivamente vazios.

Apesar de toda a sua valentia em batalha, Rita Vrataski comia como uma criança. Ela lambia a sopa dos cantos da boca e fazia desenhos em sua comida com a ponta do seu hashi^[10]. Aparentemente hashi era uma novidade para ela. Às 1143 ela deixa cair um feijão de seu prato. Ele rola, ganhando velocidade, salta primeiro para sua bandeja e depois para a mesa. O feijão voa pelo ar com um giro anti-horário, em direção ao chão de concreto. Toda a vez, com reflexos como um raio, Rita estende a mão, pega o feijão do ar e enfia-o na boca. Tudo em menos de 0,11 segundos. Se ela vivesse no velho oeste, eu imagino que ela superaria o Billy the Kid. Se ela fosse um samurai, ela poderia ler cada movimento da katana de Kojiro Sasaki^[11]. Mesmo enquanto estava comendo, a Full Metal Bitch era a Full Metal Bitch.

Hoje, como sempre, ela estava tentando comer uma ameixa em conserva do tipo *umeboshi*^[12]. Ela deve ter confundido ela com uma fruta seca ordinária. Depois de duas ou três tentativas de pegá-la com o hashi, ela colocou a coisa inteira na boca.

Foi goela abaixo.

Rita se dobrou como se tivesse levado um tiro de 57 mm direto no intestino. Suas costas se contraíram. Seu cabelo cor de ferrugem parecia prestes a ficar em pé. Mas ela não gospiu de volta. Difícil como pregos. Ela engoliu a coisa toda, até o caroço. Rita engoliu um copo de água como uma vingança.

Ela devia ter pelo menos 22 anos de idade, mas você nunca diria só de olhar para ela. Os uniformes militares cor de areia não a valorizavam, mas se ela se vestisse como o que aquelas meninas da cidade, ela seria muito bonita. Pelo menos eu gostava de imaginar isso.

O que está errado com essa comida? Tem gosto de papel.

“Você está gostando da sua própria companhia?” A voz vinha de cima da minha cabeça.

Segurando meu hashi sem mover um músculo, eu olhei com o canto do meu olho. Um rosto pré-histórico olhava para mim por baixo de um corte de cabelo com o topo reto que se nivelava a

cerca de dois metros acima do nível do mar. Suas feições estavam mais para dinossauro do que humano. Definitivamente algum velociraptor espreitava na sua árvore genealógica. Meu espírito retornou quando vi a tatuagem em seu ombro: um lobo usando uma coroa. Ele era da 4ª, a companhia que guardava rancor contra nós por causa do jogo de rugby. Eu retornei ao levantamento de comida para a minha boca com uma regularidade maquinal.

Ele ergueu suas sobrancelhas, dois arbustos gordos que seriam motivo de inveja no mundo das lagartas. “Eu perguntei se você está gostando da sua companhia.”

“Como eu poderia não estar gostando de uma companhia tão interessante?”

“Então porque você está engolindo o rango como se fosse algo saído do escovão de banheiro?”

Havia apenas um punhado de soldados sentados nas mesas exageradamente grandes do refeitório. O cheiro de algo doce vinha da cozinha. Luzes artificiais das lâmpadas fluorescentes no teto caíam sobre o camarão frito amontoado em nossos bandejeões.

Se você fosse classificar a comida preparada da UDF como boa ou ruim, definitivamente a consideraria boa. Havia poucas coisas que um soldado da UDF poderia fazer: comer, dormir e lutar. Se a comida não fosse boa você teria um problema de moral em suas mãos. E de acordo com Yonabaru, a comida na Base Linha Florida era melhor do que a da maioria.

Na primeira vez que provei, eu a considerei deliciosa. Isso foi cerca de cinco meses subjetivos atrás, talvez mais. Depois de cerca de um mês em loop, eu comecei a temperar fortemente minha comida. Os condimentos intencionalmente exagerados e fora de lugar criavam um gosto horrível o suficiente para me lembrar de que a comida estava lá. E agora, até mesmo isso tinha parado de funcionar. Eu não me importava se estava comendo comida preparada por um chefe quatro estrelas – depois de 80 dias comendo exatamente a mesma coisa, tudo parecia ter o mesmo gosto. Provavelmente porque tinha. Nesse ponto, era difícil pensar em comida como algo mais que fonte de energia.

“Se a aparência da minha cara está estragando o seu almoço,

peço desculpas.” Não havia vantagem em começar uma briga.

“Espere aí. Você está tentando dizer que isso é *minha* culpa?”

“Eu não tenho tempo para isso.”

Eu atirei o resto da comida na boca. Ele bateu uma palma de mão do tamanho de uma luva de beisebol na mesa. Sopa de cebola espirrou na minha camisa, deixando uma mancha que até mesmo os melhores esforços da moça que servia a comida não conseguiu deixar. Eu realmente não me importava o quanto a mancha fosse ruim, ela não estaria lá amanhã, e eu não teria que lavá-la.

“Os broncos da 4ª Companhia não valem o tempo da poderosa 17ª, é isso?”

Eu percebi que sem querer tinha erguido uma bandeira muito irritante. Esse loop estava amaldiçoado desde o começo, realmente. Eu tinha matado acidentalmente Ferrell no final do último loop, e estava fazendo tudo errado dessa vez. De onde eu estava não tinha passado nem cinco horas desde que ele morreu vomitando sangue. É claro que eu também tinha sido KIA, mas isso era o esperado. Ferrell tinha morrido tentando proteger a merda de um novo recruta. Isso foi apenas o estopim para minha enxaqueca chegar a galope.

Eu tinha planejado aliviar a minha mente olhando para Rita do jeito que eu sempre fiz, mas o meu mau humor devia ser mais óbvio do que tinha notado. Claramente era ruim o suficiente para disparar algo que não tinha acontecido nos ciclos anteriores.

Eu peguei minha bandeja e levantei.

O corpo do homem era uma parede de carne bloqueando meu caminho. As pessoas começaram a se reunir, ansiosos para uma luta. Era 1148. Se eu perdesse tempo aqui, arruinaria minha agenda. Só porque eu tinha todo tempo do mundo não significa que eu teria tempo a perder. Cada hora perdida significa que eu seria uma hora mais fraco, e isso me acompanharia no campo de batalha.

“Você vai fugir, seu merdinha?” Sua voz ecoou pelo refeitório.

Rita se virou e olhou para mim. Era óbvio que ela tinha acabado de perceber que o recruta que estava olhando para ela durante o PT foi comer na mesmo refeitório. Algo me dizia que se

eu retornasse o olhar, ela iria me ajudar da forma que me ajudou durante o PT – da forma como me ajudou na minha primeira batalha. Rita não era o tipo que voltava as costas para alguém em apuros. Sua humanidade estava começando a mostrar-se completamente. Eu qual seria o papel que ela desempenharia. Talvez ela começasse a falar sobre chá verde para acalmar esse grandão. Eu baixinho com o pensamento.

“O que é tão engraçado?”

Oops. “Nada a ver com você.”

Meus olhos deixaram Rita. O Keiji Kiriya em pé no refeitório naquele momento não era um recruta verde. Minha aparência podia ser a mesma, mas por dentro eu era um veterano endurecido por 79 batalhas. Eu podia lidar com meus próprios problemas. Eu tinha me aproveitado de Rita uma vez durante o PT e outra vez, mesmo que indiretamente, usando minha lábia para conseguir um de seus machados de batalha sobressalentes. Eu não precisava envolvê-la nisso uma terceira vez apenas para passar pelo almoço.

“Você está me zoando?” Ele não ia deixar isso passar.

“Eu sinto muito, mas realmente não tempo tempo para perder com brincadeiras.”

“Que merda você têm pendurado entre as pernas? Um par de bolas de ping pong?”

“Eu nunca abri o meu saco para olhar. E você?”

“Filho da puta!”

“Isso é o bastante!” Uma voz sensual encerrou nossa argumentação. Não era Rita.

A salvação veio de uma fonte inesperada. Virei-me para ver uma mulher com a pele bronzeada de pé ao lado da mesa. O avental – com seios protuberantes – ocupava cerca de 60 por cento do meu campo de visão. Ela estava entre nós segurando um camarão frito com um hashi longo. Era Rachel Kisaragi.

“Eu não quero brigas aqui. Esse é um local para refeições, não um ring de boxe.”

“Estou apenas tentando ensinar boas maneiras à esse recruta.”

“Bem, a aula acabou.”

“Ei, era você quem estava reclamando sobre o quão miserável ele parecia por ter de comer sua comida.”

“Mesmo assim.”

Rachel olhou para mim. Ela não tinha mostrado o menor indício de raiva quando eu tinha derrubado seu carrinho de batatas, então para isso tê-la atingido eu devia estar causando uma impressão muito ruim. Uma parte dela, provavelmente, queria envergonhar um associado com Jin Yonabaru, notoriamente conhecido como a pessoa mais irritante da base. Não que eu a culpasse. Eu tropecei no gatilho que derrubava as batatas, e agora tropeçava nesse. Lidar com as consequências era minha responsabilidade.

Em uma base cheia de coisas sem graça com tons de areia, uma mulher como Rachel obrigatoriamente atrairia um admirador ou dois, mas eu nunca tinha percebido o quanto ela era popular. Este homem não estava puxando uma briga comigo por causa de alguma rivalidade entre as companhias. Ele estava se exibindo para ela.

“Está tudo bem. Eu não devia ter falado nada.” Rachel virou o rosto para enfrentar o gigante e pediu que eu me afastasse com um gesto pelas suas costas.

“Aqui. Pegue um camarão. Por conta da casa.”

“Guarde isso para os pinguins.”

Rachel franziu a testa.

“O nanico não tem nada para dizer por si mesmo?” Ele lançou um grande e carnudo braço sobre o ombro de Rachel disparando um jab.

Eu reagi instintivamente. Meses subjetivos em um Mech tinham me condicionado a manter os pés sempre firmemente plantados no chão. Minha perna direita girou no sentido horário, minha esquerda no anti-horário, colocando-me em uma posição de batalha. Eu desviei o golpe com meu braço esquerdo e segurei a bandeja com minha mão direita para impedir que ela caísse, mantendo sempre o centro de gravidade no meio do meu corpo. Rachel deixou cair o camarão frito. Eu o agarrei, interrompendo o seu mergulho gracioso através do ar, antes que ele pudesse tocar o

chão.

A minha defesa tirou o equilíbrio do cara. Ele deu dois passos vacilantes para frente, depois um terceiro, antes de tropeçar caindo sobre o almoço de um soldado na frente dele. Comida e pratos saíram voando em um caos espetacular. Eu estava de pé, equilibrando a bandeja na mão.

“Você deixou isso cair.” Eu entreguei o camarão para Rachel. Os espectadores irromperam em aplausos.

“Seu merda do caralho!” O cara já estava de pé, com o punho voando em minha direção. Ele era teimoso. Eu tive alguns momentos para ponderar se eu deveria esquivar-me de seu golpe, lançar um contra-ataque, ou virar as costas e correr.

Falando por experiência própria, um direto de direita de um homem que tinha sido treinado para pilotar um Mech definitivamente machucaria, mas não seria nada comparado ao que um Mimic poderia fazer. O soco desse idiota seria forte o suficiente para causar dor, mas não seria um ferimento mortal, a menos que ele tivesse muita sorte. Eu o vi colocar cada grama de seu peso no movimento. Seu punho viajou passando próximo da ponta do meu nariz. Ele estava negligenciando seu apoio, o que deixou uma abertura. Eu não aproveitei a abertura.

Essa foi minha primeira chance de matá-lo.

Ele recuperou-se do soco perdido, com a respiração forte saindo de seu nariz. Ele começou a saltar como um boxeador. “Pare de desviar e lute como um homem, seu puto!”

Ainda não teve o bastante?

A diferença entre nossos níveis de habilidade era mais profunda que as Fossas Marianas, mas eu acho que a demonstração não tinha sido suficiente para ele cair na real. Pobre bastardo.

Ele veio com um gancho de esquerda. Eu recuei meio passo.

Whoosh.

Outro jab. Dei um passo para trás. Eu poderia tê-lo matado pela segunda vez. Agora minha terceira chance. Agora uma quarta. Ele estava deixando mais abertura do que eu poderia contar. Eu poderia mandando ele para o chão dez vezes em um minuto. Sorte

dele que meu trabalho não era enviar jôqueis de Mech para a enfermaria, não importa quão cabeça quente fossem. Meu trabalho era enviar Mimics para seu lugar particular no inferno.

A cada soco que ele disparava e eu desviava, a multidão vibrava.

“Vamos lá, você sequer tocou nele!”

“Pare de ficar desviando e tome um soco de uma vez!”

“Pega ele! Pega ele! Pega ele!”

“Cuidem das portas, não deixem ninguém interromper isso! Eu coloquei dez pratos no grandão!” Seguido imediatamente por, “Vinte no magrelo!” *Ei, olhe como fala!* Eu pensei enquanto desviava de outro soco. Então alguém gritou, “Onde está o meu camarão frito? Eu perdi o meu camarão frito!”

Quanto mais selvagem ficava a audiência, mais esforço ele colocava em seus socos, e mais fácil ficava desviar deles.

Ferrell tinha um ditado: “Decomponha cada segundo.” Quando ouvi isso pela primeira vez eu não entendi o que significava. Um segundo era um segundo. Não havia nada para esticar ou decompor.

Mas acontece que *you can* decompor sua percepção de tempo em pedaços menores. Se você ligar um interruptor no seu cérebro você pode assistir cada segundo passando como os quadros de um filme. Uma vez que você conseguisse ver o que iria acontecer dez quadros mais à frente, você poderia tomar todas as medidas que precisava para mudar a situação para sua vantagem. Tudo em um nível subconsciente. Na batalha você não poderia contar com ninguém que não soubesse como decompor o tempo.

Desviar dos ataques era fácil. Mas eu não queria tropeçar em outros gatilhos desnecessários além do que já tinha feito. Eu já tive um bocado de problemas atrapalhando minha agenda, mas se eu continuasse com isso a 17ª estaria no refeitório em breve. Eu conduzir essa distração para um fim antes deles aparecerem.

Eu decidi que tomar um de seus golpes faria com que eu perdesse menos tempo. O que eu não contava era com a Rachel intervindo para impedi-lo. Ela alterou o curso de seu soco de direita o suficiente para mudar o seu destino que era o meu rosto para o

meu queixo. Uma onda de calor espalhou-se dos meus dentes até o meu nariz. Os pratos na minha bandeja dançaram no ar. E lá estava Rita na borda do meu campo de visão, deixando o refeitório. Eu deveria fazer dessa dor uma lição para a próxima vez. Eu perdi a consciência e vaguei por um sono lamacento...



Quando voltei a mim, encontrei-me deitado sobre várias cadeiras de aço que formavam uma cama improvisada. Algo úmido estava em minha cabeça – um lenço de mulher. Um cheiro cítrico fraco pairava no ar.

“Você está acordado?”

Eu estava na cozinha. Sobre mim um ventilador industrial zumbia, espalhando o vapor do ambiente. Perto, um líquido verde oliva cozinhava em uma panela enorme como os caldeirões que os nativos raivosos usavam para cozinhar exploradores até o chapéu, só que estes eram muito maiores. O cardápio da próxima semana estava pendurado na parede. Sobre o cardápio escrito à mão estava a cabeça de um homem retirada de um pôster.

Depois de olhar para seus dentes brancos pelo que pareceu uma eternidade, eu finalmente o reconheci. Era a cabeça do corpo do construtor que estava em nosso alojamento. Eu fiquei imaginando como que ele teria feito o caminho do alojamento masculino até essa nova parede, onde poderia passar seus dias sorrindo para as mulheres que trabalhavam na cozinha.

Rachel estava descascando batatas, jogando cada pele espiral em uma cesta de grandes dimensões que combinava com a escala do pote. Essas eram as mesmas batatas que choveram sobre minha cabeça na minha quarta vez através do loop. Eu iria comer o

maldito purê de batatas que ela estava fazendo pela 79ª vez agora. Não havia outros trabalhadores na cozinha além de Rachel. Ela devia ter preparado as refeições para todos esses homens sozinha.

Sentando-me, eu mordi o ar algumas vezes para testar a minha mandíbula. Aquele soco me pegou no ângulo certo. As coisas não pareciam alinhar-se como deveriam. Rachel me viu.

“Sinto muito por isso. Ele é realmente um cara mau.”

“Eu sei.”

Ela sorriu. “Você é mais maduro do que parece.”

“Não o suficiente para ficar fora de problemas, aparentemente,” eu respondi encolhendo os ombros.

As pessoas ficavam sempre um pouco nervosas no dia anterior à uma batalha.

E tinha algumas caras sempre procurando por uma oportunidade de exhibir-se na frente de uma garota como Rachel. As circunstâncias definitivamente estavam contra mim, e certamente a minha expressão não ajudou na situação.

“O que você é, um pacifista? Raça rara por essas bandas.”

“Eu gosto de guardar para o campo de batalha.”

“Isso explicaria.”

“Explicaria o quê?”

“Por que você estaria contendo-se. Você era obviamente o melhor lutador.” Os olhos de Rachel me encararam atentamente. Ela era alta para uma mulher. A base Linha Florida tinha sido construída há três anos. Ela veio para a base imediatamente após conseguir sua licença de nutricionista, o que a fazia pelo menos quatro anos mais velha do que eu. Mas ela certamente não parecia mais velha. E suas maneiras a faziam parecer ainda mais jovem. O brilho de sua pele bronzeada e seu sorriso caloroso era tão naturais quanto se possa imaginar. Ela me lembrava da bibliotecária por quem eu tinha me apaixonado no ensino médio. O mesmo sorriso que tinha roubado o meu coração e me enviou alegremente ao trabalho para esquecer-me da biblioteca daquele verão quente de tanto tempo atrás.

“Nossas vidas deveriam ser escritas em pedra. Papel é muito temporário – muito fácil de reescrever.” Pensamentos como esse

tinham estado frequentemente em minha mente ultimamente.

“Isso é uma coisa estranha de se dizer.”

“Talvez.”

“Você está saindo com alguém?”

Eu olhei para ela. Olhos verdes. “Não.”

“Estou livre hoje à noite.” Em seguida ela adicionou rapidamente: “Não fique com a ideia errada. Eu não digo esse tipo de coisa para qualquer um.”

Isso eu sabia. Ela dispensou Yonabaru prontamente. Por uma semana inteira eu ouvi reclamação após reclamação sobre a mulher mais interessante da base cujos joelhos estavam presos juntos por um grande cadeado. “*É um absurdo, nos dias de hoje,*” ele me dizia. E eu tinha a sensação de que não era um tratamento especial só porque Yonabaru era quem ele era.

“Que horas são?” Eu ainda tinha um horário a cumprir.

“Quase três horas.”

1500. Eu deveria estar treinando com Ferrell. Eu tinha que aprender direito o movimento que fiz no último loop – o movimento que matou Ferrell e o tenente. Eles morreram me protegendo porque eu estava me exibindo. Eu ainda podia ver as fotos de família com que Ferrell tinha decorado o interior de seu Mech, queimando-se. Uma foto dele sorrindo sob o brilhante sol brasileiro cercado por irmãos e irmãs, queimados em minha mente.

Eu não possuía nenhum talento extraordinário que me diferenciava de meus pares. Eu era apenas um soldado. Havia coisas que eu poderia fazer, e coisas que não poderia. Se eu praticasse, com o tempo eu poderia mudar algumas dessas coisas que eu não poderia fazer para coisas possíveis. Eu não deixaria meu excesso de confiança matar pessoas que salvaram minha vida várias vezes.

Em outras circunstâncias eu poderia ter aceitado o convite dela.

“Sinto muito, mas eu não sou o cara que você procura.”

Eu me virei e comecei a correr até o campo de treinamento onde o sargento Ferrell esperava, fedendo a suor e bombeando adrenalina.

“Seu idiota!”

Eu não parei para devolver o elogio.

4

Tentativa nº99:

KIA 45 minutos a partir do início da batalha.

5

Tentativa nº110:

Eles quebraram nossa linha de frente. Yonabaru é o elo mais fraco.

“Keiji... naquele romance de mistério. Foi aquele cara comendo o pudim que...”

Com essas palavras, ele morre.

KIA 57 minutos a partir do início da batalha.

6

Tentativa nº123:

As enxaquecas que começaram depois de cerca de cinquenta loops estão piorando. Eu não sei o que as está causando. Os analgésicos que os médicos estão prescrevendo não funcionam de forma alguma. A perspectiva de essas dores de cabeça me acompanharem em toda batalha daqui para frente não está

ajudando em nada no meu moral.

KIA 61 minutos a partir do início da batalha.

7

Tentativa nº154:

Perda de consciência aos 80 minutos do início da batalha. Eu não morri, mas ainda entrei em outro loop. Não importa. Se é assim que deve ser, assim será.

8

Tentativa nº 158:

Eu finalmente dominei o machado de batalha de carboneto de tungstênio. Eu posso rasgar o endoesqueleto de um Mimic com um giro do pulso.

Para derrotar tais inimigos resilientes, a humanidade desenvolveu lâminas que vibram a frequências ultra-altas, bate estacas que disparam espetos à velocidades de 1500 metros por segundo, e armas de combate corpo a corpo que utilizam o Efeito Munroe^[13]. Mas armas de projéteis ficam sem munição. Elas emperram. Elas quebram. Se você golpear com uma lâmina delgada em um ângulo errado, ela irá quebrar. E então Rita Vrataski reintroduziu a arma de guerra simples, mas altamente eficaz, o machado.

Era uma solução elegante. Cada Kg.m/s de momento linear gerado pelos atuadores do Mech era convertido em pura força destrutiva. O machado podia até entortar ou perder o corte, mas sua utilidade como arma não seria diminuída. Em uma batalha, as armas utilizadas como porrete eram as mais confiáveis. Armas que

eram afiadas e com borda fina, como a katana, iriam cortar tão profundamente que ficaria presa no corpo do seu inimigo, e você não conseguiria retirá-la. Há relatos de guerreiros que cegavam o corte de suas lâminas com pedras antes de uma batalha, para impedir isso de acontecer. O machado de Rita tinha provado seu valor no nosso tempo novamente.

Meu pelotão se arrastou em direção à ponta norte da ilha de Kotoiushi, Mechs em modo *sleep*. Faltavam cinco minutos para o nosso comandante dar a ordem para iniciar a batalha. Não importa quantas vezes eu vivia isso, era quando minha tensão estava no auge. Eu podia entender porque Yonabaru não fechava a boca falando qualquer besteira que pensava. Ferrell deixava ele nos inundar com sua conversa fiada.

“Estou te dizendo, você tem que arrumar uma boceta. Se você esperar até ficar preso num desses Mechs, será tarde demais.”

“Sim.”

“E quanto Mad Wargarita? Vocês ficaram conversando durante o PT, certo? Você podia pega-la, eu sei que sim.”

“Sim.”

“Você comprou essa muito fácil.”

“Sim?”

“Você ainda não perdeu o cabaço, e está calmo como a merda de uma puta. Na minha primeira vez eu tinha borboletas voando como um tornado no meu estômago.”

“É como um teste padronizado.”

“O que você está dizendo?”

“Você não fez desses no colégio?”

“Cara, você não espera que eu me lembre do colégio, certo?”

“Sim.” Tinha conseguido retirar Yonabaru de sua linha de raciocínio, mas minha mente estava no piloto automático. “Sim.”

“Sim o quê? Eu não disse nada.” A voz de Yonabaru chegou até minha através de um nevoeiro.

Eu sentia como se já tivesse lutado neste mesmo local por uma centena de anos. Seis meses atrás eu era uma criança no colégio. Não poderia ter me importado menos com a guerra que lentamente estava afogando a terra em seu próprio sangue. Vivia

em um mundo de paz, preenchido com meus amigos e família. Eu nunca tinha imaginado que trocaria as salas de aula e o campo de futebol por uma zona de guerra.

“Você está agindo engraçado desde ontem.”

“Sim?”

“Cara, não vá ficar maluco. Dois no mesmo pelotão – como isso ia parecer? E o que quero dizer: O que é essa porra de pedaço de metal que você está carregando? Que merda você planeja fazer com essa coisa? Está tentando provar alguma coisa? Está trabalhando em algum projeto de arte?”

“É para esmagar.”

“Esmagar o quê?”

“O inimigo, principalmente.”

“Você tem que chegar perto, e é para isso que serve o bate estacas. Vai me dizer que você é melhor com um machado? Talvez devêssemos encher nosso pelotão com lenhadores. Hi ho, hi ho!”

“Esses eram os anões.”

“Bem lembrado. Muito bem. Ponto para você.”

Ferrell enrou na nossa conversa. “Ei, eu não sei onde aprendeu, mas ele com certeza sabe usar essa coisa. Mas Kiriya, apenas use isso se o inimigo estiver na sua cara e você não tiver escolha. Não vá apressar-se pedindo por isso. A guerra moderna ainda é disputada com balas. Tente não esquecer.”

“Sim, senhor.”

“Yonabaru.”

Eu acho que o sargento sentiu que precisava espalhar a atenção a sua volta.

“Sim?”

“Apenas... faça o que você sempre faz.”

“Que merda é essa, sarja?” Keiji ganha uma conversa edificante e eu recebo só isso? “Uma alma delicada como a minha também precisa de algumas palavras inspiradoras.”

“Eu poderia muito bem inspirar o meu rifle por tudo que ele irá fazer.”

“Você sabe o que é isso? Discriminação! É isso!”

“De vez em quando você me faz pensar, Yonabaru”, Ferrell

disse, com sua voz metálica no link de comunicação. “Eu daria a minha pensão para o homem que inventasse uma forma de calar essa sua – merda, começou! Tentem não perder suas bolas senhores!”

Eu saltei para a batalha, doppler chiando, o zumbido de costume no meu capacete. Assim como das outras vezes.

Ali. Um alvo.

Um disparo. Um desvio. Um javelin passa zunindo pela minha cabeça.

“Quem está lá na frente? Você está muito avançado! Você quer se matar?”

Eu fingia seguir as ordens do líder de pelotão. Não importa quantas vidas você tenha, se você seguir as ordens de todo oficial recém-saído da academia, termina entediado ou morto.

Trovões irromperam e projéteis cruzaram o céu. Limpei a areia do meu capacete. Olhei para Ferrell e acenei com a cabeça. Levou apenas um instante para ele perceber que o fogo de supressão que eu atirei sobre o inimigo tinha frustrado uma emboscada inimiga.

Em algum lugar no fundo das tripas de Ferrel, seus instintos lhe diziam que este recruta chamado Keiji Kiriya, que nunca tinha posto os pés em uma batalha em toda sua vida, era um soldado que ele poderia usar. Ele foi capaz de ver além da imprudência no que eu tinha acabado de fazer. Foi esse tipo de adaptabilidade que o tinha mantido vivo por vinte anos.

Para ser honesto, Ferrel era o único homem no pelotão que eu poderia utilizar. Os outros soldados tinham visto apenas duas ou três batalhas, no máximo. Mesmo aqueles que sobreviveram no passado acabavam sempre mortos. Você não pode aprender com seus erros quando acaba morto. Esses novatos não sabiam o que era andar no fio da navalha, entre a vida e a morte. Eles não reconheciam que a linha dividindo as duas, a fronteira onde se empilhava corpos era o melhor lugar para se sobreviver. O medo que permeava todas as fibras de meu ser era implacável, cruel, e era minha melhor esperança para conseguir passar por isso.

Essa era a única maneira de lutar contra os Mimics. Eu não

sabia nada sobre quaisquer outras guerras, e, francamente, eu não me importava com elas. Meu inimigo é o inimigo da humanidade. O resto não importa.

O medo nunca me deixava. Meu corpo tremia com ele. Quando eu sentia a presença de um inimigo fora do meu campo de visão eu podia sentir o medo subindo por minha espinha. Quem foi que me disse que o medo tem uma forma de se infiltrar em seu corpo? Tinha sido o líder do pelotão? Ou tinha sido Ferrell? Talvez tenha sido algo que ouvi durante o treinamento.

Mas, mesmo com o medo atormentando o meu corpo, isso me acalma, me conforta. Soldados que se deixavam levar pela descarga de adrenalina não sobreviviam. Na guerra, o medo é como aquela a mulher que sua mãe lhe dizia para evitar. Você sabia que não era boa para você, mas você não conseguia livrar-se dela. Você tinha que encontrar uma forma de se dar bem, porque ela não iria embora.

A 17ª Companhia do 3º Batalhão, 12º Regimento da 301ª Divisão de Infantaria Blindada era bucha de canhão. Se o ataque frontal tivesse sucesso, os Mimics fugindo do cerco caíam sobre nós como uma inundação surgindo sobre um barranco. Se falhasse, estaríamos como um pelotão solitário no meio de um mar de inimigos. De qualquer maneira nossas chances de sobrevivência eram mínimas. O comandante do pelotão sabia disso, assim como o sargento Ferrell. Toda a companhia foi montada a partir de soldados que tinham sobrevivido à matança em Okinawa. Quem melhor para receber essa merda de atribuição? Em uma operação envolvendo vinte e cinco mil jóqueis de Mechs, se uma companhia solitária de 146 homens fosse massacrada não mereceria sequer um memorando dos chefões do Ministério da Defesa. Nós éramos as ovelhas cujo sacrifício lubrificava as engrenagens da guerra.

É claro, havia apenas três tipos de batalha para se entrar: fodida, sériamente fodida, e fodida além da sua capacidade de compreender. Não adianta entrar em pânico quanto a isso. Haveria muito caos ao seu redor. Até mesmo entre os soldados. Entre o inimigo. Ou mesmo entre amigos. Mesmo eu, com músculos que não estavam prontos para fazer tudo que eu exigia deles, gritariam

em protesto.

Meu corpo não mudou, mas o sistema operacional que o comandava tinha sofrido uma reformulação total. Eu comecei como um recruta novato, um boneco de papel sendo varrido pelos ventos da guerra. Eu havia me tornado um veterano que moldava a guerra à minha vontade. Como a máquina de guerra que me tornei, eu trazia comigo um fardo de batalhas intermináveis – uma máquina com sangue e nervos no lugar de óleo e fios. Uma máquina não se distrai. Não chora. Uma máquina usa o mesmo sorriso amargo, entra dia e sai dia. Ela lê a batalha que desenrola. Seus olhos fazem a varredura buscando o próximo inimigo antes de terminar de matar o primeiro, e sua mente já está a pensar no terceiro. Não existe sorte, nem azar. Apenas acontece. Então eu continuava lutando. Se isso duraria para sempre, que fosse para sempre.

Atire. Corra. Um pé depois do outro, fique em movimento.

Um javelin passou rasgando o local onde eu estava apenas um décimo de segundo antes. Ele cravou-se no solo antes de detonar atirando sujeira e areia no ar. Eu tive um descanso. O inimigo não podia ver através da chuva de terra que caía – eu podia ver. Ali, um, dois, três. Derrubei os Mimics através da cortina improvisada de poeira.

Eu acidentalmente chutei um dos meus amigos – o tipo de chute que você usa para abrir uma porta, quando os seus braços estão cheios. Eu tinha uma arma na minha mão esquerda e um machado de batalha na direita. Era uma coisa boa Deus ter nos dado dois braços e pernas. Se eu tivesse três membros para trabalhar eu não poderia ter ajudado esse soldado tirando-o do caminho, quem quer se fosse ele.

Quando me virei cortei outro Mimic com um único golpe. Corri até o soldado caído. Ele tinha usava um lobo usando uma coroa pintado em sua armadura – 4ª Companhia. Se eles estivessem aqui, isso significaria que nós tínhamos nos encontrado com a força de assalto principal. A linha estava cedendo.

Os ombros do soldado tremiam. Ele estava em choque. Se tinha sido causado pelos Mimic ou pelo meu chute, eu não poderia dizer. Ele estava obviamente alheio ao mundo ao seu redor. Se eu o

deixasse lá ele seria um cadáver dentro de três minutos.

Eu coloquei minha mão em sua placa de ombro e estabeleci uma linha de comunicação.

“Você se lembra por quantos pontos nós os vencemos no jogo?”

Ele não respondeu. “Você sabe, o que você perdeu da 17ª Companhia.”

“O..o quê?” As palavras raspavam em sua garganta.

“O jogo de rugby. Não se lembra? Foi uma espécie de recorde da base, então eu acho que nós devemos tê-los derrotados com pelo menos dez ou vinte pontos de vantagem.”

Eu percebi o que eu estava fazendo.

“Sabe, é engraçado eu falar com você assim. Ei, você não acha que ela iria me cobrar por roubar sua ideia, acha? Não é como se ela tivesse a patente para isso, ou coisa do tipo.”

“O quê? Sobre o que você está falando?”

“Você vai ficar bem.” Ele está saindo dessa bem rápido – ele não era um novato como eu tinha sido. Eu lhe dei um tapa nas costas. “Você medeve essa, 4ª Companhia. Qual o seu nome?”

“Kogoro Murata, e eu não devo merda nenhuma para você.”

“Keiji Kiriya.”

“Você está mostrando uma atitude e tanto. Não tenho certeza se gosto disso.”

“O sentimento é mutuo. Vamos esperar que nossa sorte continue.”

Nós batemos os punhos e nos separamos.

Eu vasculhei com minha cabeça da esquerda para a direita. Corri. Puxei meu gatilho. Meu corpo há muito tempo tinha passado da exaustão, mas uma parte de mim mantinha um elevado senso de alerta que seria impossível em circunstâncias normais. Minha mente era uma correia transportando maçãs que eram classificadas como boas ou ruins – qualquer informação que não era vital para a sobrevivência era descartada automaticamente.

Eu vi Rita Vrataski. O estrondo de uma explosão anunciava a sua chegada. Uma bomba guiada a laser caiu de um avião que circulava acima, longe do alcance do inimigo. Ela cobriu a distância

entre nós em menos de 20 segundos, detonando precisamente onde a Valquíria tinha ordenado.

Rita estava indo para o local que a bomba tinha atingido – uma mistura de destroços, partes iguais de vivos e mortos. Criaturas enxameavam da cratera em direção ao machado de batalha dela que girava.

Até mesmo no meio da batalha, ver o vermelho do Mech de Rita mexeu com alguma coisa em mim. Sua mera presença tinha imbuído de vida nossa linha de frente fragmentada. Sua habilidade era inigualável, o produto dos esforços das forças especiais americanas em construir um soldado para acabar com todos os soldados. Mas era mais do que isso. Ela realmente era nossa salvadora.

Apenas um vislumbre de seu Mech no campo de batalha faria soldados darem mais dez por cento, mesmo que não tivessem nada mais sobrando. Tenho certeza que alguns homens que a viam se apaixonavam, como um homem e uma mulher naufrágos vendo um ao outro enquanto afundavam entre ondas. A morte pode vir a qualquer momento no campo de batalha, então por que não? Os espertinhos que tinham a chamado de Full Metal Bitch tinham certamente sido pescados dessa forma.

Eu não acho que eles tinham esse direito. Ou talvez eu estivesse começando a sentir algo por Rita Vrataski. Isso seria ótimo. Preso nessa merda de loop, eu não tinha esperança com o amor. Mesmo que eu encontrasse alguém que pudesse me amar em apenas um dia, no próximo dia tudo estaria perdido. O loop me roubaria cada momento que passasse com alguém.

Rita me salvou uma vez, muito tempo atrás. Ela tinha me acalmado com sua conversa aleatória sobre chá verde. Ela tinha me dito que ficaria comigo até que eu morresse. Quem melhor para receber meu amor não correspondido do que minha própria salvadora?

Meu sistema operacional continuava a responder automaticamente, apesar das distrações que minhas emoções estavam produzindo. Meu corpo torceu. Plantei um pé no chão. Eu não precisava pensar na batalha que se desenrolava diante de

meus olhos. Pensar apenas atrapalhava. Decidir qual caminho seguir, e como, eram coisas que você fazia em treino. Se você parasse para pensar no campo de batalha a morte estaria esperando por você, pronta para balançar a sua foice.

Eu continuei lutando.

Foram 72 minutos desde que a batalha havia começado. Tanaka, Maie, Ube e Nijou foram todos KIA. Quatro mortos, sete feridos e nenhum desaparecido. Nijou era quem tinha pendurado o cartaz da modelo de maiô na parede. Maie era de algum lugar do interior da China. Ele nunca dizia uma palavra. Eu não sei muito sobre os outros dois. Eu gravava o rosto dos homens que eu deixava morrer no fundo da minha mente. Em poucas horas a dor deles terminaria, mas eu iria lembrar. Como um espinho em meu coração isso me atormentaria, e me endureceria para a próxima batalha.

De alguma forma o nosso pelotão estava conseguindo manter-se unido. Eu podia ouvir os motores dos helicópteros à distância. Eles não tinham sido derrubados do céu. Essa era a melhor tentativa até agora. O líder de pelotão não tinha palavras para o recruta que tinha assumido a batalha. De vez em quando Ferrell disparava alguns tiros na minha direção para ajudar.

E então eu vi – o Mimic que eu tinha lutado em minha primeira batalha e que tinha me prendido nessa merda de loop. Eu disparei três tiros de bate estacas naquele dia. Eu não sei como, mas eu sabia que este era o Mimic. Do lado de fora era o mesmo sapo inchado como todos outros, mas nessa minha 157ª passagem pelo loop eu ainda podia reconhecer o Mimic que havia me matado da primeira vez.

Ele tinha que morrer para valer.

De alguma forma eu sabia que se conseguisse mata-lo eu iria atravessar alguma fronteira. Isso poderia não quebrar o loop de batalha após batalha, mas algo iria mudar, ainda que fosse pouco. Eu tinha certeza disso.

Fique paradinho aí. Eu vou até você.

Falando em atravessar fronteiras, eu ainda não tinha avançado nem um pouco naquele romance de mistério. Não sei por

que ideia me ocorreu nesse momento, mas foi o que pensei. Eu gastei algumas das minhas preciosas últimas horas lendo aquele livro. Eu tinha parado justo quando o detetive estava prestes à revelar quem-fez-o-quê. Eu estive tão ocupado com o treinamento que não tive outro pensamento. Deve ter sido há quase um ano agora. Talvez fosse hora de voltar e concluir esse livro. Se eu matasse esse Mimic agora e avançasse para o próximo livro, eu começaria a ler o último capítulo.

Eu preparei o meu machado de batalha. Tomando cuidado com o vento, eu disparei.

Estática disparou em meus fones de ouvido. Alguém estava falando comigo. Uma mulher. Era nossa salvadora, a Full Metal Bitch, a Valquíria renascida, Mad Wargarita – Rita Vrataski.

“Com esse loop são quantos para você?”

Capítulo – 3

Full Metal Bitch



1

Um sol brilhante desenhava sombras nítidas no chão. O ar estava tão limpo que você poderia conseguir um tiro limpo de um franco-atirador à quilômetros de distância. Acima do campo a bandeira da 17ª Companhia agitava-se com a brisa úmida que sobrava do pacífico.

O ar do mar carregava um perfume que serpenteava o caminho através de seu nariz e fazia cócegas na língua a caminho de sua garganta. Rita franziu a testa. Não era o fedor de um Mimic. Era mais como uma fragrância que você encontra naquelas tijelas de molho *nuoc man*^[14].

Apesar da constante tensão dos tempos de guerra e da ameaça mortal ao lado, o Extremo Oriente não era de todo mal. O litoral, tão difícil de defender, proporcionava um belo pôr do sol. O ar e a água eram claros. Se Rita, que tinha cerca de um décimo do refinamento e da cultura de um indivíduo comum, considerava aqui um lugar maravilhoso, um verdadeiro turista poderia considerar o paraíso. Se havia alguma coisa negativa, seria apenas a umidade enjoativa.

O tempo à noite seria perfeito para um ataque aéreo. Assim

que o sol se pusesse, bombardeios equipados com armas guiadas por GPS decolariam para o céu em enxames para explodir a ilha transformando-a em uma paisagem lunar sem vida antes do assalto da próxima manhã. O belo atol, a flora e a fauna que o chamava de lar, todos teriam o mesmo destino que o inimigo, se tudo corresse como o planejado.

“Lindo dia, você não acha, Major Vrataski?” Uma câmera antiga pendia do pescoço grosso do homem, um tronco de sequóia em comparação com a média dos jóqueis de Mech, que estava mais para carvalho. Rita o ignorou de forma casual.

“Ótima iluminação. Dias como esses fazem até um avião de aço e rebites parecer com um Da Vinci.”

Rita bufou. “Você está fazendo fotografia de arte agora?”

“Isso não é maneira de falar com o único fotógrafo na expedição ao Japão. Eu tenho muito orgulho no papel que desempenho transmitindo as verdades desta guerra para público. É claro, 90 por cento da verdade não passa de iluminação.”

“Conversinha escorregadia. Eles devem amar você lá no PR. Quantas línguas você descobriu que têm?”

“Só aquela que Deus achou por bem conceder aos americanos. Entretanto ouvi falar que os Russos e Cretences têm duas.”

“Bem, e eu ouvi que existe um deus japonês que puxa a língua dos mentirosos. Não faça nada que o coloque em problemas.”

“Nem penso nisso.”

O canto do campo de treinamento em que Rita e o fotógrafo estavam recebia o vento do oceano com toda a sua força. No meio do campo gigante, 146 homens da 17ª Companhia da 301ª Divisão de Infantaria Blindada japonesa estavam congelados em fileiras ao longo do campo. Era uma espécie de treinamento chamado flexão de braço isométrica. Rita não tinha visto isso antes.

O resto do pelotão de Rita estava a uma curta distância, com os braços esticados projetando-se diante deles. Eles estavam ocupados fazendo o que os soldados faziam de melhor, que era zombar daqueles menos afortunados do que eles mesmos. *Talvez*

essa seja a forma como eles praticam curva-se para reverências. Ei, samurai! Tente pegar uma espada depois de uma hora fazendo isso!

Nenhum dos companheiros de pelotão de Rita chegaria perto dela com apenas trinta horas antecedendo um ataque. Era uma regra não escrita. A única pessoa que ousava aproximar-se dela era uma engenheira nativa americana que mal podia enxergar e um fotógrafo, Ralph Murdoch.

"Eles não se movem nem um pouco?" Rita parecia duvidosa.

"Não, eles apenas mantêm essa posição."

"Eu não sei se eles chamam isso de treinamento samurai. Parece mais com yoga para mim."

"É estranho encontrar similaridades entre misticismo indiano e a tradição japonesa?"

"Noventa e oito!"

"Noventa e oito!"

"Noventa e nove!"

"Noventa e nove"

Encarando o chão como fazendeiros observando o arroz crescer, os soldados latiam no tempo com o sargento. Os gritos dos 146 homens ecoavam na cabeça de Rita. Uma enxaqueca familiar enviava ondas de dor pela sua cabeça. Essa seria um bem ruim.

"Outra dor de cabeça?"

"Nada da sua conta."

"Eu não vejo como um pelotão de médicos não consegue encontrar uma cura para essa sua dor de cabeça".

"Nem eu. Por que você não tenta descobrir?" ela retrucou.

"Eles cuidam desses caras como uma bela réda curta. Eu não consegui nem mesmo uma entrevista."

Murdock ergueu sua câmera. Não estava claro o que ele pretendia fazer com as imagens do espetáculo que se desenrolava em perfeito silêncio perante ele. Talvez as vendesse a um tabloide sem ter nada melhor aonde publicá-las.

"Eu não tenho certeza se isso é de muito bom gosto." Rita não conhecia um soldado no campo, mas ela não tinha que conhecê-los para gostar deles mais do que Murdoch.

“Fotos não são coisas de bom ou mau gosto. Se você clica em um link e uma foto de um cadáver aparece, você pode ser alvo de uma ação judicial. Se a mesma foto aparece na página principal do New York Times, ela poderia ganhar um prêmio Pulitzer.”

“Isso é diferente.”

“É mesmo?”

“Foi você que invadiu o centro de processamento de dados. Se não fosse o seu deslize, esses homens não estariam sendo punidos, e você não estaria aqui tirando foto deles. Eu diria que isso qualifica a coisa como sendo de mau gosto.”

“Não tá rápido. Eu fui acusado injustamente.” O som do obturador de sua câmera tornou-se mais frequente, mascarando sua conversa.

“A segurança aqui é frouxa em relação ao comando central. Eu não sei o que você estava tentando desenterrar aqui nesses quintos dos infernos, mas não machuque mais ninguém tentando fazer isso.”

“Então você está do meu lado.”

“Eu apenas odiaria ver os censores caírem em cima de você justo quando você conseguisse o seu grande furo.”

“O governo pode nos dizer qualquer verdade que os agrada. Mas há verdades, e há *verdades*,” Murdoch disse. “Cabe ao povo decidir qual é qual. Mesmo que seja algo que o governo não gostaria de ver publicado.”

“Como é egoísta.”

“Diga o nome de um bom jornalista que não o seja. Você tem que encontrar uma história. Você conhece algum Sonhador?”

“Eu não estou interessada em histórias de religiões.”

“Você sabia que os Mimcs entraram em movimento quase exatamente ao mesmo tempo em que você iniciou essa grande operação na Flórida?”

Os Sonhadores eram um grupo pacifista – civis, é claro. O surgimento dos Mimics tinha causado um tremendo impacto nos ecossistemas marinhos. Organizações que protegiam os golfinhos, baleias e outros mamíferos morreram. Os Sonhadores continuaram de onde eles pararam.

Os Sonhadores acreditavam que os Mimics eram inteligentes, e eles insistiam que a incapacidade da humanidade em comunicar-se com eles tinha levado a essa guerra. Eles argumentavam que, se os Mimic podiam evoluir suas armas tão rapidamente tornando-as tão poderosas, com paciência eles poderiam desenvolver meios para se comunicarem também. Os Sonhadores tinham começado a conquistar mais membros vindos de um público cansado da guerra que acreditava que a humanidade jamais poderia triunfar sobre os Mimics, e nos dois ou três anos passados o tamanho do movimento aumentou drasticamente.

“Eu entrevistei alguns antes de vir para o Japão”, continuou Murdoch.

“Soa como um trabalho difícil.”

“Todos eles têm o mesmo sonho no mesmo dia. Nesse sonho, a humanidade perde para os Mimic. Eles acham que é algum tipo de mensagem que eles estão tentando enviar para nós. Não que você precise de mim para lhe dizer isso.” Murdoch lambeu os lábios. Sua língua era muito pequena para seu corpo, dando a ele a distinta impressão de um molusco. “Eu fiz alguma pesquisa, e verifiquei que são particularmente elevadas as concentrações desses sonhos nos dias anteriores às forças especiais americanas lançarem seus maiores ataques. E, ao longo dos últimos anos, mais e mais pessoas estão tendo esses sonhos. Ainda não veio à público, mas algumas dessas pessoas até mesmo são militares.”

“Você acredita em qualquer coisa que esses boatos contam para você? Escute o suficiente e você começará a pensar que os “Sea-Monkeys”^[15] são espertos como Einstens.”

“Círculos acadêmicos já estão discutindo a possibilidade da inteligência dos Mimics. E se eles forem não demorará muito que pensem que podem tentar se comunicar com eles.”

“Você não deveria assumir tudo que você não entende como uma mensagem”, disse Rita. Ela bufou. “Mantenha-se assim, e da próxima coisa que você irá contar para mim é que encontraram sinais de inteligência em nosso governo, e ambos sabemos que isso nunca poderia acontecer.”

“Muito engraçado. Mas há uma ciência aqui que você não

pode ignorar. Cada passo nessa escala evolutiva – do simples organismo unicelular, passando pelo organismo de sangue frio, até o organismo de sangue quente – tem mostrado um aumento de dez vezes no consumo energético.” Raph lambeu seus lábios novamente. “Se você observar a quantidade de energia que um humano da nossa sociedade moderna consome, verá que é dez vezes maior que a de animais de sangue quente de tamanho similar. Mas os Mimics, que supostamente são animais de sangue frio, consomem a mesma quantidade de energia que os humanos.”

“Isso quer dizer que eles são maiores do que nós na escala? Isso é uma bela teoria. Você deveria tê-la publicada.”

“Eu me lembro de você dizer algo sobre ter sonhos.”

“Certamente que tenho sonhos. Sonhos comuns.”

Para Rita, procurar significados em sonhos era uma perda de tempo. Um pesadelo era um pesadelo. E os loops temporais que ela enfrentava no curso da guerra, bem, eles eram algo totalmente diferente. “Nós temos um ataque para amanhã. Alguma das pessoas que você entrevistou recebeu alguma mensagem.”

“Com certeza. Eu chamei L.A. nesta manhã para confirmar. Todos três tiveram o sonho.”

“Agora eu sei que isso não é verdade. Isso é impossível.”

“Como você poderia saber?”

“Essa é a primeira vez que passamos por hoje.”

“Isso novamente? Como um dia pode ter uma primeira vez ou segunda vez?”

“Só espero que você nunca venha a descobrir.”

Murdoch encolheu os ombros teatralmente. Rita voltou seu olhar para os infelizes homens no campo de treinamento.

Jóqueis de Mech não precisam de muitos músculos. Resistência era a ordem do dia, não poder explosivo. Para construir sua resistência, o pelotão de Rita praticava a postura do kung fu conhecida como Ma Bu, que consistia em abrir as pernas como se estivesse montado em um cavalo mantendo a posição por um período prolongado de tempo. Além de fortalecer os músculos da perna, era uma forma extraordinariamente eficaz de melhorar o equilíbrio.

Rita não tinha certeza dos benefícios – se haveria algum – das flexões isométricas de braço. Parecia mais como simplesmente uma punição. Os soldados japoneses, próximos como sardinhas em uma lata, permaneciam congelados naquela posição. Para eles, essa era provavelmente uma das piores experiências de suas vidas. Mesmo assim, Rita invejava essa memória simples. Rita não compartilhava esse tipo de experiência descartável com ninguém há muito tempo.

O vento abafado agitou seu cabelo cor de ferrugem. Sua franja, ainda muito comprida, não importa quantas vezes ela a cortasse, coçava sua testa.

Esse era o mundo no início de seu loop. O que aconteceria aqui apenas Rita iria lembrar-se. O suor dos soldados japoneses, as zombarias e provocações das forças especiais americanas – isso tudo passaria sem deixar vestígios.

Talvez fosse melhor não pensar nisso, mas ao ver esses soldados treinando dessa forma no dia anterior ao ataque, com suas camisas encharcadas aderindo à suas peles no ar úmido, fez com que ela sentisse pena deles. De certa forma, era sua culpa ter trazido Murdoch com ela.

Rita decidiu encontrar uma maneira de encurtar o PT e colocar um fim neste exercício aparentemente sem sentido. Então isso imbuía eles com o espírito de luta samurai? Eles ainda borrarão as calças quando vissem um assalto Mimic. Ela queria parar o exercício, mesmo que fosse por um gesto sentimental que ninguém além dela mesma apreciaria.

Sondando o campo de treinamento, Rita viu por acaso um par de olhos desafiadores olhando diretamente para ela. Ela estava acostumada a ser observada com reverência, admiração e até mesmo medo, mas ela nunca tinha visto isso: um olhar cheio de tanto ódio desenfreado vindo de um completo estranho. Se uma pessoa pudesse disparar lasers com seus olhos, Rita provavelmente estaria mais tostada que um peru no dia de Ação de Graças em menos de três segundos.

Ela só tinha encontrado um homem com olhos que se aproximavam de tal intensidade. Os profundos olhos azuis de Arthur Hendrick que nunca conheceram o medo. Rita o tinha

matado, e agora aqueles mesmo olhos azuis estavam enterrados na terra fria.

A julgar por seus músculos, o soldado que a encarava era um novato, não há muito tempo na base. Nada como Hendricks. Ele tinha sido um americano, um tenente e comandante do pelotão americano das Forças Especiais.

A cor dos olhos desse soldado era diferente. Seu cabelo também. Seu rosto e seu corpo nem chegavam perto. Ainda assim, havia algo neste soldado asiático que Rita Vrataski gostava.

2

Rita sempre quis saber como o mundo seria se houvesse uma máquina que pudesse medir o potencial total das pessoas.

Se o DNA determina a altura ou o formato do rosto de uma pessoa, por que não as características menos óbvias também? Nossos pais e mães, avôs e avós – em última análise, todos os indivíduos eram o produto do sangue que correu nas veias daqueles que vieram antes de nós. Uma máquina imparcial poderia ler essa informação e determinar um valor para ela, como uma medição simples como altura ou peso.

E se alguém tivesse que tivesse o potencial de descobrir uma fórmula para revelar os mistérios do universo desejasse tornar-se um escritor de novelas populares? E se alguém que tivesse o potencial para criar pratos gastronômicos inigualáveis tivesse o coração preso à engenharia civil? Quando essas duas coisas não coincidem, qual o caminho que devemos tomar para encontrar a felicidade?



Quando Rita era jovem, ela tinha um dom para duas coisas: jogar ferraduras e fingir chorar. A ideia de que seu DNA tivesse o potencial para tornar-se uma grande guerreira não poderia nunca passar por sua mente.

Antes de perder seus pais quando tinha 15 anos, ela tinha sido uma garota comum que não costava de seu cabelo cor de cenoura. Ela não era particularmente boa nos esportes, e suas notas no colégio eram medianas. Não havia nada de errado com ela, exceto sua aversão ao pimentão e ao aipo. Apenas sua habilidade de fingir o choro era verdadeiramente excepcional. Ela não conseguia enganar sua mãe, cujos olhos de águia enxergavam cada um dos seus ardis, mas com todos os demais ela os tinha comendo na sua mão depois de alguns poucos segundos de irrigação. A única característica que distinguia Rita era o cabelo que ela tinha herdado de sua avó. Tudo mais era exatamente igual aos outros mais de 300 milhões de americanos.

Sua família vivia em Pittsfield, uma cidade pequena ao leste do rio Mississippi. Não a Pittsfield da Flórida, não a Pittsfield de Massachusetts, mas a Pittsfield de Illinois. Seu pai era a criança mais jovem em uma família de lutadores marciais – principalmente jiu-jitsu. Mas Rita nunca quis ir para uma academia militar ou praticar esportes. Ela queria ficar em casa e criar porcos.

Com a exceção dos jovens que se alistavam na UDF, a vida do povo de Pittsfield era pacífica. Era um lugar fácil para se esquecer de que a humanidade estava no meio de uma guerra contra uma espécie de inimigo estranho e terrível.

Rita não se importava de viver em uma cidade pequena e nunca mais nunca mais ver ninguém além das mesmas quatro mil pessoas, no máximo. Ficar ouvindo os gritos dos porcos no dia a

dia poderia ficar um pouco enjoativo, mas o ar era limpo e o céu era imenso. Ela sempre teve um lugar secreto onde ela podia ir sonhar acordada e procurar por trevos de quatro folhas.

Um velho comerciante aposentado tinha um pequeno armazém na cidade. Ele vendia de tudo, alimentos, materiais de construção e até pequenas cruces de pratas que supostamente manteriam os Mimics afastados. Ele tinha grãos de café natural que você não poderia encontrar em nenhum outro local.

Os ataques Mimics tinham transformado a maioria das terras aráveis nos países em desenvolvimento em um deserto, deixando alimentos de luxo como café natural, chá e tabaco, extremamente difíceis de encontrar. Eles tinham sido substituídos por produtos artificiais com um sabor que normalmente deixava a desejar.

A cidade de Rita era uma das muitas fazia a tentativa de produzir alimentos e carne para uma nação faminta e seu exército.

As primeiras vítimas dos ataques dos Mimics também eram os mais vulneráveis: As regiões mais pobres da África, da América do Sul e os arquipélagos do sudeste da Ásia. Países que não tinham os meios para defender-se viram o deserto invasor devorar suas terras. Pessoas abandonaram o cultivo de culturas rentáveis como café, chá, tabaco e especiarias que eram cobiçadas em nações mais ricas – e começaram a plantar campos de feijão, sorgo, e qualquer coisa que matasse a fome. As nações desenvolvidas tinham sido geralmente capazes de deter o avanço dos Mimics no litoral, mas a maior parte da produção que eles salvavam desaparecia dos mercados e prateleiras da noite para o dia.

O pai de Rita, que tinha crescido em um mundo onde até o povo do meio oeste podia ter sushi fresco todos os dias, foi, e não é exagero dizer, um viciado em café. Ele não fumava ou bebia – café era o seu único vício. Frequentemente ele levava Rita pela mão e entrava escondido na loja do velho homem quando a mãe de Rita não estava observando.

O velho tinha pele bronzeada e uma barba branca espessa.

Quando ele não estava contando histórias, ele mastigava uma biqueira de hookah^[16] entre uma baforada e outra. Ele passava o dia rodeado de mercadorias exóticas de países que a maioria das

peessoas nunca tinha sequer ouvido falar. Havia pequenos animais em prata forjada. Bonecas grotescas. Totens esculpidos com rostos de pássaros ou animais estranhos. O ar da loja era uma mistura do cheiro da fumaça do homem, especiarias desconhecidas, e um cheiro de grãos de café naturais que carregavam uma sugestão de como seria o solo rico onde elas tinham crescido.

“Esses grãos são do Chile. Esses são de Malawi, na África. E esses viajaram por toda a rota da seda, do Vietnam até a Europa,” ele dizia a Rita. “Os grãos pareciam os mesmos para ela, mas bastava ela apontar para o homem recitar os seus pedigrees.”

“Tem algum tanzaniano hoje em dia?” Seu pai era bem versado em café.

“O quê, você já terminou o último lote?”

“Agora você está começando a soar como minha esposa. Que eu posso dizer? Eles são os meus favoritos.”

“E quanto a esse aqui – é algo realmente especial. Café Premium Kona, cultivado na grande ilha do Hawaii. Raramente você conseguiria encontrá-los em New York ou Washington. Apenas sinta esse aroma!”

As rugas na cabeça do velho aprofundavam-se em vincos quando ele sorria. O pai de Rita cruzou os braços, claramente impressionado. Ele estava divertindo-se com esse difícil dilema. A bancada era um pouco mais alta que a cabeça de Rita, então ela tinha que ficar na ponta dos pés para conseguir dar uma boa olhada.

“Eles pegaram o Hawaii. Eu vi na TV.”

“Você está bem informada, mocinha.”

“Você não deveria tirar sarro. Crianças assistem mais notícias do que os adultos. Tudo o que eles se preocupam é beisebol e futebol.”

“Você está certamente certa sobre isso.” O velho acariciou sua testa. “Sim, estes são os últimos grãos. O último café Kona na face da Terra. Uma vez que ele se for, terá acabado.”

“Onde você consegue encontrar coisas assim?”

“Isso, minha querida, é um segredo.”

A bolsa de cânhamo foi embalada com grãos cor de creme.

Eles eram um pouco mais redondos que a maioria dos grãos de café, mas pareciam comuns em todos os outros aspectos.

Rita pegou um dos grãos e o inspecionou. O espécime não torrado era fresco e agradável ao toque. Imaginou os grãos torrando no sol sob um céu azul índigo que espalhava por todo lado até o horizonte. Seu pai lhe dissera sobre os céus e as ilhas. Rita não se importava que os céus em Pittsfield fossem de um azul opaco e aguado, mas apenas uma vez ela queria ver os céus que teriam enchido aqueles grãos com o calor do sol.

“Você gosta de café, mocinha?”

“Não muito. Ele não é doce, prefiro chocolate.”

“Que pena.”

“Tem um cheiro bom, no entanto. E estes definitivamente parecem melhores que os outros,” Rita disse.

“Ah, então existe esperança para você. O que você diz, gostaria de cuidar da minha loja quando eu me aposentar?”

O pai de Rita, que até então não tinha tirado os olhos dos grãos de café, interrompeu. “Não ponha ideias na cabeça dela. Nós precisamos de alguém para cuidar da fazenda, e ela é tudo o que temos.”

“Então talvez ela possa me encontrar um garoto ou garota promissores para eu passar minha loja, hien?”

“Eu não sei, vou pensar sobre isso,” Rita respondeu com indiferença.

O pai soltou o saco de café que esteve admirando e ajoelhou-se para olhar Rita nos olhos.

“Eu pensei que você gostaria de ajudar com a fazenda?”

O velho interrompeu apressadamente, “Deixe a criança ter suas próprias ideias. Esse ainda é um país livre.”

Uma luz brilhou nos olhos da jovem Rita. “Isso mesmo, pai. Eu tenho que escolher, certo? Bem, contanto que não me faça entrar no exército.”

“Não gosta do exército também, hein? O UDF não é de todo ruim, sabia?”

O pai de Rita fez uma careta. “É com a minha filha que você está falando.”

“Mas qualquer um pode se alistar ao fazer dezoito. Nós todos temos o direito de defender nosso país, filhos e filha da mesma forma. É uma grande oportunidade.”

“Eu só não tenho certeza se quero minha filha nas forças armadas.”

“Bem, em primeiro lugar eu não quero entrar no exército, pai.”

“Ah, por que isso?” Um olhar de curiosidade genuína atravessou o rosto do velho.

“Você não pode comer Mimics. Eu li em um livro. E você não pode matar animais que não pode comer só pelo gosto de metais. Nossos professores e nosso pastor e todo mundo mais diz isso.”

“Você pode ser muito útil quando crescer, não é?”

“Eu apenas quero ser como todo mundo.”

O pai de Rita e o velho olharam um para o outro e compartilharam um sorriso cúmplice. Rita não entendeu porque isso seria tão engraçado.

Quatro anos mais tarde os Mimics atacariam Pittsfield. O ataque veio no meio de um inverno especialmente rigoroso. A neve caía mais rápido do que podia ser removida das ruas. A cidade ficou congelada.

Ninguém sabia disso na época, mas os Mimics enviaram algo semelhante a um grupo de reconhecimento antes do ataque – um grupo pequeno e rápido, cujo objetivo era avançar o quanto fosse possível e depois voltar com informações para os outros. Em janeiro, três Mimics tinham passado indetectados pela quarentena da UDF, subindo pelo rio Mississippi.

Se o povo da cidade não tivesse percebido algo suspeito movendo-se nas sombras, dificilmente o grupo de reconhecimento teria prestado alguma atenção à Pittsfield, com suas criações de gado e terras cultiváveis. Mas, aconteceu de um tiro de um rifle de caça ser disparado à noite, levando a um massacre.

A guarda estadual tinha sido imobilizada pela neve. Levou horas até um pelotão da UDF ser deslocado de helicóptero. Até chegarem, metade dos edifícios da cidade já tinham sido queimados até o chão, e um em cada três dos moradores tinham

sido assassinados. O prefeito, o pastor e o homem velho do armazém estavam entre os mortos.

Homens que tinham escolhido cultivar milho em vez de juntar-se ao exército morreram lutando para defender suas famílias. Armas de pequeno porte não tinham utilidade contra Mimics. Balas sequer os arranhavam. Os javalins dos Mimics rasgavam através de paredes de madeira e até de tijolos com facilidade.

No fim, um grupo esfarrapado de pessoas derrotou os três Mimics com as próprias mãos. Eles esperaram até os Mimics estarem prestes a atirar e então fizeram com que disparassem seus javalins um na direção do outro. Eles conseguiram matar dois dos Mimics dessa forma, e expulsaram o terceiro.

Ao morrer, a mãe de Rita protegia a filha nos braços. Rita assistiu na neve enquanto seu pai lutava e era morto. Fumaça espiralava a partir das chamas. Cinzas brilhantes voavam pela noite. O céu brilhava vermelho sangue.

De baixo do corpo de sua mãe, já começando a congelar, Rita considerou. Sua mãe, uma cristã devota, tinha dito que fingir chorar era uma mentira, e se ela mentisse, quando Deus julgasse sua alma imortal ela não poderia entrar no céu. Quando sua mãe disse à Rita que se os Mimics não mentiam eles poderiam entrar no céu, a garota ficou furiosa. Mimics não eram sequer da Terra. Eles não tinham alma, tinham? Se eles tivessem, e se eles realmente fossem para o céu, Rita imaginou se as pessoas e os Mimics lutariam lá em cima. Talvez fosse isso que esperava os pais dela.

O governo enviou Rita para viver com alguns parentes distantes. Ela roubou um passaporte de uma refugiada três anos mais velha que vivia em um apartamento de aluguel ao lado e foi para a o escritório de recrutamento da UDF.

Por todo o país as pessoas estavam ficando cansadas da guerra. A UDF precisava de todos os soldados que poderia conseguir para as linhas de frente.

Desde que o alistado não tivesse cometido nenhum crime particularmente hediondo, o exército não recusaria ninguém. Legalmente Rita não tinha idade suficiente para se alistar, mas o oficial de recrutamento mal olhou para seu passaporte roubado

antes de entregar-lhe um contrato.

O exército concedia às pessoas um último dia para desistir do alistamento, caso pensassem melhor. Rita, cujo sobrenome agora era Vrataski, passou seu último dia em um banco duro fora do escritório da UDF.

Rita não pensou em desistir. Ela só queria uma coisa: matar cada Mimic que tivesse invadido seu planeta. Ela sabia que poderia fazer isso. Ela era a filha de seu pai.

3

Na próxima noite clara, olhe para cima na direção da constelação que a humanidade chama de Câncer. Entre as pinças da garra direita desse caranguejo gigante do céu, fica uma estrela fraca. Não importa o quanto você tente, você não vai conseguir vê-la a olho nú. Ela somente pode ser vista através de um telescópio com uma abertura de trinta metros. Mesmo se você pudesse viajar na velocidade da luz, rápido o suficiente para circundar a Terra sete vezes e meia em um segundo, levaria mais de quarenta anos para chegar a essa estrela. Sinais eletromagnéticos da Terra são dispersos e espalhados em sua jornada através do vasto abismo entre eles.

Em um planeta girando em torno dessa estrela existe vida em maior número e diversidade do que há na Terra. Culturas mais avançadas que a nossa surgiram e floresceram, e criaturas com inteligência que ultrapassava muito a do *H. Sapiens* dominavam. Para os propósitos desse conto de fadas, vamos chamá-los de pessoas.

Um dia, uma pessoa desse planeta inventou um dispositivo chamado bomba de ecoformação. O dispositivo poderia ser instalado no topo de uma espaçonave. Essa nave, muito mais simples do que uma nave necessária para transportar as criaturas e seu suporte de vida, poderia cruzar o espaço com relativa

facilidade. Chegando ao seu destino, a carga útil da nave seria detonada, inundando a superfície de um planeta com nanorobôs.

Imediatamente ao chegar, os nanorobôs começariam a remodelar o mundo, transformando qualquer ambiente hostil em um mundo adequado para a colonização daqueles que os construíram. O processo na realidade é bem mais complicado, mas os detalhes não são importantes. A espaçonave transportando os colonos para um mundo novo chegaria depois dos nanorobôs terem completado a transformação.

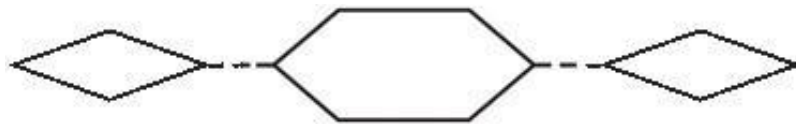
Os estudiosos entre essas pessoas questionaram se era ético destruir o ambiente existente de um planeta antes de examiná-lo. Afinal de contas uma vez feito, o processo não poderia ser desfeito. Parecia razoável concluir que um planeta tão facilmente adaptado para suportar a vida dessas pessoas poderia também ter formas de vida nativas, talvez até mesmo sua própria vida inteligente. Seria certo, eles questionavam, roubar um mundo, nunca antes visto, de seus habitantes nativos?

Os criadores do dispositivo argumentaram que a civilização deles foi construída sobre avanços que não poderiam ser desfeitos. Para expandir seu território eles nunca tinham se esquivado de sacrificar vidas inferiores no caminho. Florestas tinham sido desmatadas, pântanos drenados, barragens construídas. Houve incontáveis exemplos dessas pessoas destruindo habitats e levando espécies à extinção para seu benefício próprio. Se eles podiam fazer isso em seu próprio planeta, por que algum mundo desconhecido na imensidão do espaço mereceria um tratamento diferente?

Os acadêmicos insistiam que a ecoformação de um planeta que poderia abrigar vida inteligente necessitava de supervisão direta. Seus protestos foram registrados, considerados e finalmente ignorados.

Havia preocupações mais prementes do que a preservação de qualquer vida que inadvertidamente trombasse com o projeto de ecoformação deles. A população tinha crescido demais em seu próprio planeta, e então era necessário outro sistema para suportar essa população crescente. A estrela mãe do mundo escolhido não

poderia estar em uma distância muito grande, nem poderia ser uma estrela binária ou uma nova. O planeta em si deveria manter uma órbita em torno de uma estrela tipo G, onde a água pudesse existir em forma líquida. O único sistema estelar que atendia esses critérios era de uma estrela que chamamos de Sol. Eles não se preocuparam por muito tempo se essa estrela poderia ser a única nesse canto da Via Láctea que poderia ter sua própria vida inteligente. Nenhuma tentativa foi feita para se comunicar. O planeta estava a quarenta anos luz de distância, e não havia tempo para esperar oitenta anos por uma chance de resposta.



A espaçonave construída naquele planeta distante finalmente chegou a Terra. Ela não trouxe consigo nenhum membro da espécie deles. Não trouxe armas de invasão. Ela era nada mais que uma máquina de construção.

Quando foi detectada, a nave interestelar chamou atenção do mundo. Mas todas as tentativas de contato feitas pela Terra não obtiveram sucesso. Em seguida, a nave dividiu-se em oito partes. Quatro das partes afundaram nas profundezas dos oceanos, enquanto três caíram em terra. Uma parte final permaneceu em órbita. As partes que aterrissaram no norte da África e Austrália foram entregues a NATO. Rússia e China lutaram pela parte que aterrizou na Ásia, mas a China venceu. Depois de muita discussão entre as nações da Terra, a nave mãe que permanecia em órbita foi reduzida a pequenos pedaços de lixo espacial por uma saravanda de mísseis.

As máquinas berçário que vieram descansar no fundo do oceano começaram a realizar suas instruções silenciosamente e

metodicamente. Nas profundezas, elas encontraram espécies de equinodermos – estrelas do mar. As máquinas produziram nanorobôs que penetraram o endoesqueleto rígido das estrelas do mar e começaram a multiplicar-se simbioticamente com seus hospedeiros.

A criatura produzida alimentava-se de solo. Elas comiam e expeliam veneno. O que era excretado por seus corpos era tóxico para vida da Terra, mas adequado para as pessoas que as enviaram. Lentamente onde as criaturas alimentavam-se morria e tornava-se um deserto. Os mares onde elas se espalhavam tornava-se verde leitoso.

No início pensou-se que as criaturas eram o resultado de mutações causadas por produtos químicos, ou talvez alguma forma de vida pré-histórica liberada pela atividade tectônica. Alguns cientistas insistiam que era uma espécie evoluída de salamandra, embora não tivessem nenhuma evidência para apoiar suas conclusões. Eventualmente, essas criaturas formaram grupos e começaram a aventurar-se para fora da água. Elas continuaram seu trabalho para transformar a Terra sem nenhuma preocupação com a nossa civilização.

Quando elas apareceram pela primeira vez em terra, as xenofomas alienígenas não eram armas de guerra. Elas eram lentas, e um grupo armado de homens poderia facilmente despachá-las. Mas como baratas que desenvolvem resistência a pesticidas, as criatura alienígenas evoluíram. As máquinas berçário que as criaram concluíram que para completar seu objetivo de xenofomação do planeta, elas teriam que remover os obstáculos em seu caminho.

A guerra tomou conta do mundo. Os danos produzidos foram rápidos e maciços. Em resposta uma força mundial chamada de Força de Defesa Unida (UDF) foi estabelecida. A humanidade deu um nome para o inimigo que tinha levado o mundo a beira da ruína. Nós os chamamos de Mimics.

4

Rita juntou-se às forças especiais norte americanas depois da batalha que lhe valeu a Medalha de Valor de Thor. A medalha, que carregava uma semelhança com a referida divindade brandindo um martelo, era concedida a qualquer soldado que matasse dez ou mais Mimics em uma única batalha. Os Mimics tinham surgido como o único adversário capaz de enfrentar um pelotão de infantaria armada disparando uma chuva de balas. Poucas medalhas Thor tinham sido concedidas.

O oficial que pendurou a medalha brilhante no pescoço de Rita a elogiou por ter ingressar no grupo de elite que tinha matado dez ou mais Mimics em uma única batalha. Rita tinha sido a primeira soldado na história a receber a homenagem em sua segunda batalha. Havia alguns que se perguntavam, em voz alta, como Rita poderia ter conseguido as habilidades necessárias para completar tal tarefa apenas em sua segunda operação de campo. Rita respondia com outra pergunta:

“É perigoso cozinhar?”

A maioria responderia que não. Mas o que é um fogão a gás, se não um lança chamas de curto alcance? Umas grandes quantidades de materiais inflamáveis poderiam ser encontrados em qualquer cozinha mediana. Prateleiras com potes alinhados que poderiam cair como uma avalanche de ferro e aço. Uma faca de açougueiro que poderia matar tão facilmente quanto um punhal.

No entanto, poucas pessoas consideravam cozinhar uma profissão perigosa, e realmente o perigo é remoto. Qualquer um que passasse algum tempo em uma cozinha ficaria familiarizado com os riscos inerentes, tais como eles são, e saberia o que poderia ser feito com segurança e o que não poderia. Nunca atire água em uma panela com óleo fervendo, mantenha a faca apontada para longe da sua artéria carótida, não use veneno de rato quando a uma receita pede queijo parmesão.

Para Rita, a guerra não era diferente.

Os Mimics atavam de forma ingênua. Eles a lembravam dos

suínos que ela tinha criado em Pittsfield. Soldados concentrariam seu ataque em apenas um Mimic, mas estes faziam o contrário. Como uma vassoura varrendo o pó do chão, os Mimics atacavam grupos inteiros de soldados de uma só vez. Contanto que você soubesse como evitar a vassoura, não importa quantas vezes os Mimics atacassem você não seria varrido. O segredo para combater os Mimics não era evitar o perigo, mas sim correr direto para ele.

Tente isso na próxima vez. É fácil.

Normalmente isso era suficiente para que a deixassem em paz. Eles encolhiam-se e iam embora, atordoados.

Rita, que tinha acabado de completar dezesseis anos, não entendia por que ela era tão talentosa em batalha. Ela teria sido mais feliz com um talento especial para cozinhar tortas de carne, ou saber exatamente por que uma porca estaria se conçando, mas aparentemente Deus tinha um estranho senso de humor. Ele deve ter notado ela cochilando durante os sermões na igreja em que seu pai a levava todos os domingos.

As Forças Especiais era um lugar para individualistas, para pessoas com problemas com a autoridade. Todos no pelotão eram supostamente assassinos cruéis a quem tinha sido dada a escolha entre o exército e a força. Eram caras que poderiam tanto conversar com uma pessoa quanto atirar nela, e não separavam amigos de Mimics quando estavam deixando voar seus projéteis de 20mm. Era um trabalho difícil, e eles estavam sempre procurando novos corpos vivos para substituir aqueles KIA.

Na verdade, a unidade de Rita acabou tornando-se uma equipe apenas de veteranos endurecidos pela batalha. Se você derretesse todas as medalhas que eles tinham conquistado, você poderia fazer um altere que poderia ser utilizado em uma competição olímpica de levantamento de peso.

O pelotão estava cheio de valentões que tinham atravessado o Inferno do começo ao fim tantas vezes que eram íntimos do Diabo. Quando a merda começava a voar, eles começavam a contar piadas. Não era o tipo de piada que você contaria à sua mãe no jantar. Contrariando sua reputação, no entanto, havia alguns bons rapazes no grupo. Rita os tomou como seus camaradas

imediatamente.

Um primeiro tenente chamado Arthur Hendricks mantinha o pelotão unido. Ele tinha um reluzente cabelo loiro, olhos azuis penetrantes, e uma esposa tão delicada que você tinha que tomar cuidado para não quebra-la se a abraçasse. Não importa o quanto a operação fosse pequena, Hendricks sempre ligava para sua esposa antes, motivo pelo qual era sempre ridicularizado pelo resto do plantel.

Em um pelotão onde todos, homens e mulheres, usavam uma linguagem que causaria um ataque cardíaco em uma fleira, Hendricks era o único homem que nunca dizia vulgaridades. No começo ele tratou Rita como uma irmã mais nova, para sua consternação. Ela nunca admitiu, mas começou a gostar dele.

Rita já tinha estado no pelotão por cerca de seis meses, quando ficou presa no laço de tempo que desde então ditava o ritmo de sua vida. A batalha que transformaria Rita Vrataski na Valquíria foi uma operação especial até mesmo para os padrões das Forças Especiais americanas. O presidente pretendia a reeleição, e queria entregar uma vitória militar para garantir a sua própria.

Apesar das objeções de seus generais e dos meios de comunicação, ele despejou tudo o que tinha nessa operação, cada tanque de guerra, cada helicóptero de ataque que poderia voar, e mais de dez mil pelotões de soldados usando Mechs. Seu objetivo: reconquistar o controle da Península da Flórida. Era a batalha mais perigosa, mais imprudente e de longe a mais difícil que Rita já tinha visto.

As forças especiais tinham várias palavras de quatro letras em seu vocabulário, mas *medo* não era uma delas. Mesmo assim foi necessário mais que um pelotão para virar o jogo de uma guerra desesperada contra um inimigo superior. Um Mech concedia força sobrehumana, mas por si só ele não transformava as pessoas em super-heróis. Durante a Segunda Guerra Mundial, Erich Hartmann tinha abatido 352 aviões na frente russa, mas mesmo assim a Alemanha perdeu a guerra. Se os planos desenhados pelos chefões pediam o impossível, a missão estaria simplesmente fadada ao fracasso.

Após a batalha, Mechs arruinados espalhavam-se pela península da Flórida, seus cascos quebrados servindo como caixões para os cadáveres que continham.

Rita Vrataski de alguma forma conseguiu andar sobre a fina linha que serpenteava entre a vida e a morte. Ela tinha amassado seu bate estacas antes de perdê-lo por completo. Ela estava com pouca munição. Agarrava seu rifle de 20mm com tanta força que este poderia muito bem estar soldado à sua mão. Lutando contra a vontade de vomitar, ela retirou as baterias dos corpos de seus companheiros mortos. Ela embalou seu rifle em seus braços.

“Parece que você está tendo um dia ruim.”

Era Hendricks. Sentou-se ao lado de Rita, onde ela escondia-se em um buraco no chão e olhava para o céu, como se estivesse tentando encontrar formas nas nuvens. Bem na frente deles, um javelin passou gritando, afundando-se no chão. Uma fumaça negra e espessa saiu da cratera de impacto. Imagens de Pittsfield queimavam em um céu vermelho nos pensamentos de Rita.

Hendricks sabia que tinha que trazer Rita de volta de onde ela estava. “Minha mãe me disse uma vez que em algumas partes da China eles misturam sangue de animais com o chá.”

Rita não conseguia falar. Sua garganta estava áspera como lixa, e ela duvidava que pudesse engolir.

Hendricks continuou. “Todos os nômades podiam montar a cavalo. Homens, mulheres e até mesmo as crianças. Na Idade Média, era a sua mobilidade que lhes permitiu conquistar a maior parte da Eurásia. Nem mesmo a Europa foi poupada. Eles vieram do leste, movendo-se de um país à outro – forasteiros selvagens que bebiam sangue em xícaras de chá – aproximando-se mais e mais. É o suficiente para lhe dar pesadelos. Algumas pessoas acreditam que na verdade aqueles chineses nômades que deram origem às lendas dos vampiros da Europa Oriental”.

“...Tenente?”

“Minha pequena estória aborreceu você?”

“Eu estou bem agora, tenente. Sinto muito. Isso não vai acontecer novamente.”

“Ei, todos nós precisamos de uma pausa às vezes.”

Especialmente em uma maratona como esta. Só mais um pouco, e vai ser hora de irmos para os chuveiros. Eu prometo.” Ele terminou de falar e foi até o próximo soldado. Rita voltou à luta.

E então ela viu. Um Mimic que se destacava do resto. Não parecia diferente dos outros – apenas outro sapo inchado entre tantos anfíbios vindos do mar. Mas havia algo nesse que o diferenciava. Talvez passar tanto tempo lado a lado com a morte tenha aguçado sentidos que ela sequer sabia que tinha, revelando segredos que se escondiam da visão normal.

Quando ela matou aquele Mimic, o loop temporal começou.



Havia sempre um Mimic no coração de sua rede, uma espécie de rainha. Sua aparência exterior era a mesma dos outros. Assim como todos os porcos pareciam iguais a alguém que não estava no negócio de criação de suínos, a diferença entre esse Mimic e os demais somente Rita podia ver. De alguma forma, como já tinha lutado contra inúmeros Mimics, ela começou a distinguí-los. Era algo subliminar, na fronteira do instinto. Ela não poderia explicar a diferença mesmo se tentasse.

O lugar mais fácil para esconder uma árvore, era no meio de uma floresta.

O lugar mais fácil para esconder um oficial era entre os soldados.

O Mimic no coração de cada agrupamento estava escondendo-se à plena vista. Pense nele como um servidor em uma rede de computadores.

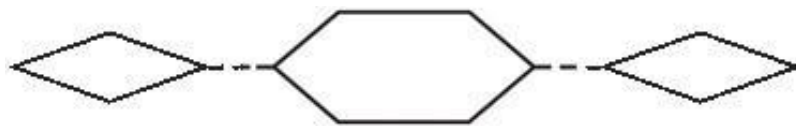
Quando você mata o servidor, a rede Mimic emite um tipo

específico de sinal. Os cientistas mais tarde identificariam o sinal como sendo um pulso táquion, ou alguma outra partícula que poderia viajar através do tempo, mas Rita realmente não entendia nada disso. O importante era que o sinal emitido pelos Mimics que tinham perdido seu servidor viajava de volta no tempo para avisá-los que enfrentariam um perigo iminente.

O perigo aparecia na memória dos Mimic como um presságio, uma janela para o futuro. Os Mimics que recebiam essa visão poderiam modificar suas ações para enfrentar o perigo que viria. Essa foi apenas uma das muitas tecnologias descobertas pela raça avançada em uma estrela distante. O processo, presente no projeto de cada máquina berçário, servia como um sistema de alerta para evitar que algum acidente insólito atrapalhasse o plano de xenoformação que tinha levado tanto tempo para entrar em movimento.

Mas os Mimic não eram os únicos que poderiam se beneficiar com esses sinais. Ao matar um servidor Mimic, enquanto em contato com ele, um ser humano receberia o mesmo sinal de clarividência que iria para a rede. O sinal táquion enviado para o passado não distinguia entre Mimics e humanos, e quando era recebido, os humanos o recebiam como um sonho hiper-realista, preciso em cada detalhe.

Para derrotar verdadeiramente uma força de ataque Mimic, primeiro você tinha que destruir sua rede, todos os backups que ela contém, para em seguida, destruir o servidor Mimic. Caso contrário, não importa quantas estratégias diferentes você tentasse os Mimic sempre desenvolveriam uma contra estratégia que garantiria sua sobrevivência.



1. Destruir a antena;
2. Massacrar cada Mimic servindo como backup de rede;
3. Quando destruir a possibilidade das transmissões para o passado, destruir o servidor.

Esses eram os três simples passos para escapar para o futuro. Rita precisou atravessar 211 loops para compreender isso.

Ninguém que Rita procurasse acreditaria nela. O exército estava acostumado a lidar com fatos concretos. Ninguém estava interessado em histórias pouco críveis envolvendo loops temporais. Quando Rita finalmente rompeu o loop e seguiu para o futuro, ela percebeu que Arthur Hendricks tinha morrido. Ele tinha sido um dos 28 mil mortos na batalha.

Nos dois dias que Rita tinha passado em um ciclo sem fim de lutas, ela conseguiu pesquisar a história da guerra, vasculhar as informações que circulavam sobre os Mimics, e conhecer uma engenheira atrapalhada a construir para ela um machado de batalha. Ela tinha conseguido quebrar o loop, e mudar o seu próprio futuro, mas o nome de Hendricks acabou em uma lista com as letras KIA impressas ao lado.

Rita finalmente compreendeu. Isso era a guerra na realidade. Cada soldado morto em batalha não era nada mais que outro número no cálculo de casualidades. Seus problemas, alegrias e medos nunca entravam na equação. Alguns viveriam, outros morreriam. Estava tudo nas mãos do imparcial deus da morte chamado de probabilidade. Com o benefício de sua experiência no loop temporal, Rita seria capaz de derrotar algumas probabilidades para salvar algumas pessoas no futuro. Mas sempre haveria aqueles que ela não poderia salvar. Pessoas com pais, mães, amigos, talvez até mesmo irmãos, irmãs, esposas, maridos e filhos. Se ela pudesse repetir mais uma vez o loop 211, talvez ela pudesse encontrar uma forma de salvar Hendricks – mas a que custo? Rita Vrataski estava sozinha no loop temporal, e para sair dele alguém

teria que morrer.

Hendricks fez uma última chamada antes da batalha. Ele tinha acabado de tornar-se pai, e estava bravo porque a foto do seu filho que estava preso na parte interna do exosqueleto tinha se sujado. Ele queria ir para casa, mas colocou a missão em primeiro lugar. Rita tinha ouvido a conversa ao telefone 212 vezes. Ela a conhecia de cor.

Rita tinha sido condecorada com uma medalha por sua distinção em batalha – a Ordem da Valquíria, dada a soldados que matassem mais de 100 Mimics em uma única batalha. Eles criaram a honraria só para ela. E por que não? A única soldado do planeta que poderia matar tantos Mimics em uma única batalha era Rita Vrataski.

Quando o presidente espetou a medalha brilhante no peito de Rita, ele a comparou a um anjo da vingança no campo de batalha, e declarou que ela era um tesouro nacional. Ela tinha pago por essa medalha com o sangue de seus irmãos e irmãs.

Ela não derramou uma lágrima. Anjos não choram.

5

Rita foi transferida para outro grupamento. O apelido Full Metal Bitch era motivo de admiração e inspiração por todas as fileiras. Uma time de pesquisadores ultrassecretos foi criado para estudar os loops temporais. Depois de picá-la, cutuca-la e sondá-la, os ratos de laboratório elaboraram um relatório alegando que era possível que os loops tivessem alterado o cérebro de Rita, e que esta era a causa de suas dores de cabeça, e meia dúzia de outras coisas que não respondiam quaisquer outras perguntas. Se esse fosse o custo por varrer os Mimics da face da Terra, ela não se importaria se os loops dividissem o seu crânio em dois.

O presidente tinha concedido a Rita para agir com total autonomia no campo de batalha. Ela falava cada vez menos com os

outros membros de sua equipe. Ela tinha alugado um armário de metal em New York, onde guardava as medalhas que iam se empilhando.

6

Rita foi transferida para a Europa. A guerra continuou.

7

Norte da África.

Quando descobriu que sua próxima missão seria em alguma ilha no extremo oriente, ficou feliz. Cadáveres asiáticos seria uma novidade comparados aos negros e brancos usuais da frente ocidental. Claro, não importa quanto peixe cru fosse comido ali, o sangue ainda jorraria com o mesmo tom vermelho quando um javelin Mimic rasgasse um homem e seu Mech. Quanto tudo tivesse terminado, ela provavelmente estaria cansada de vê-los também.

8

Rita estava familiarizada com a pesca cormorão, uma técnica tradicional japonesa. Os pescadores amarram um laço na base do pescoço do cormorão treinado, apertado apenas o suficiente para que não consiga engolir qualquer peixe grande que pegue, e o prende com uma corda comprida o suficiente para permitir que ele mergulhe na água para pescar. Quando o cormorão pega um peixe o pescador o puxa de volta e o faz cuspir sua presa. Rita sentia que

sua relação com o exército era muito parecida com o relacionamento do pescador com um cormorão.

Rita estava no exército porque foi assim que decidiu levar sua vida. Seu trabalho consistia em sair para matar Mimics e trazer seus corpos de volta a seus mestres. Em troca, eles a proviam com tudo que precisava para viver e cuidavam de quaisquer pequenos aborrecimentos em sua vida sem que ela sequer tomasse conhecimento deles. Era um relacionamento 'dar e receber', e ela o considerava justo.

Rita não tinha prazer com a ideia de ser a salvadora do mundo, mas se era isso que o exército queria que assim fosse. Em tempos sombrios o mundo precisava de uma figura para as pessoas se apoiarem.

A linha de quarentena japonesa estava à beira do colapso. Se o inimigo conseguisse atravessar Kotoiushi, os Mimics enxameariam o complexo industrial da ilha principal. Com a perda das fábricas de tecnologia de ponta japonesas, haveria uma perda de aproximadamente 30 por cento na efetividade dos Mechs utilizados na guerra. As ramificações seriam sentidas por toda UDF.

Sem alguém para interromper as transmissões táquions, a batalha não terminaria nunca. Tecnicamente era possível leva-los a recuar com uma demonstração de força esmagadora. Depois de vários loops os Mimics perceberiam que não poderiam vencer, e que deveriam recuar com o menor número de casualidades possível. Mas isso não era o mesmo que derrotá-los. Eles simplesmente recuariam para o fundo do oceano, fora do alcance da humanidade, e reagrupariam suas forças. Assim que tivessem montado uma força insuperável, iriam atacar novamente, e então não haveria forma de barra-los uma segunda vez.

Lutar uma guerra com os Mimics era como jogar um jogo com uma criança. Eles tinham decidido que iriam ganhar antes do jogo começar, e não desistiriam até conseguirem. Pouco a pouco, a humanidade estava perdendo terreno.

A duração dos loops dos Mimics era de aproximadamente 30 horas. Rita precisava repetir cada loop apenas uma vez. Na primeira vez pela batalha ela avaliava as casualidades de seu

pelotão; na segunda vez ela os vencia. Nessa primeira passagem ela podia ver as estratégias e aprender com quem morreu. Mas a vida de seus amigos estava nas mãos implacáveis do destino. Isso não podia ser alterado.

Antes de cada batalha Rita isolava-se para clarear sua mente. Um dos privilégios da sua posição era que Rita tinha seu próprio quarto privado onde ninguém estava autorizado a entrar.

O esquadrão de Rita compreendia que as 30 horas que antecediam uma batalha eram horas especiais para ela. Os soldados médios do pelotão não estavam cientes do loop temporal, mas eles sabiam que Rita tinha razões para não desejar falar com ninguém nessas horas. Eles mantinham uma distância respeitosa. Mesmo que espaço fosse tudo o que ela precisasse, isso a fazia sentir-se sozinha.



Rita estava admirando as águas cristalinas do Pacífico a partir de seu ponto de observação no mirante. A única estrutura na base Linha Florida mais alta do que a torre de Rita era uma antena de rádio próxima. A torre estava praticamente implorando para ser o primeiro alvo dos Mimics, quando esses viessem à tona. Você poderia achar graça da audácia dos oficiais por terem escolhido um local tão vulnerável. Esse era o problema com os países que ainda não tinham sido invadidos.

O Japão tinha, em grande parte, conseguido escapar dos estragos da guerra. Se a ilha estivesse um pouco mais distante do continente asiático, teria se transformado em um deserto há muito

tempo atrás. Se estivesse mais próxima do continente, os Mimics poderiam invadi-la antes de mover-se para a Ásia continental. A paz que o Japão desfrutava resumia-se à sorte.

A área reservada para a ala dos oficiais era desnecessariamente grande e quase completamente vazia. A vista que ela tinha do oceano era digna de um hotel cinco estrelas. Em contraste, a cama com estrutura metálica pesada que ficava no meio do quarto parecia ter sido colocada para fazer alguma piada.

Rita apertou um botão. O cristal líquido incorporado no vidro resistente à impactos ficou opaco, obscurecendo a vista. Ela tinha escolhido a sala de recepção como quarto porque era o local onde os outros membros do pelotão não estariam propensos a visitar. O sistema operacional embarado nos corpos dos soldados tinha sido projetado para a guerra. Eles não colocariam os pés em um prédio feito para ostentação. Rita não se importava consigo mesma.

Para apelar seus temores, um técnico japonês tinha explicado que o vidro tinha sido entrelaçado com fibras de carbono, dando-lhe uma força comparável a um escudo de Mech. Se o material era assim tão bom, Rita perguntou-se, por que então ele não seria utilizado nas linhas de frente? Pelo menos aqui ela está sozinha. No próximo dia ela poderia ter que ver seus amigos morrerem. Ela não queria ter que olhá-los nos olhos.

Uma batida suave tirou Rita de seus pensamentos. O vidro na entrada da sala de recepção também tinha cristal líquido incorporado. Estava opaco como os demais.

“Eu não gosto de distrações dentro de menos trinta horas. Apenas me deixe sozinha.”

Não houve resposta. Ela sentiu uma presença incomum do outro lado da porta. Parecia um pequeno animal sendo caçado por uma matilha de lobos, ou uma mulher sendo perseguida em um beco escuro. Só podia ser Shasta.

Rita apertou o botão. O vidro clareou para revelar a pequenina mulher americana de origem indígena parada em frente à porta. A Primeira Tentente Shasta Raylle era mais velha que Rita e, tecnicamente, superior à ela, mas a Valquíria não tinha que curvar-se para qualquer engenheiro. Mesmo assim, Rita

considerava a deferência e polidez de Shasta cativante.

Tuff.

Shasta bateu a testa contra o vidro. Ela havia confundido o vidro que ficou transparente de repente com uma porta aberta e foi direto para ele. Estava segurando algo na mão que levou até a cabeça. Ela foi ao chão, tremendo como uma folha. Era difícil acreditar que o cérebro naquela cabeça poderia ser tão brilhante. Talvez fosse assim que os gênios fossem. Algumas pessoas chamavam Rita de gênio militar, mas ela não era diferente dos outros. A única coisa especial nela era sua habilidade em manter o foco. Os pensamentos de Shasta provavelmente estavam sendo consumidos por qualquer coisa que ela estivesse segurando em sua mão, assim como os de Rita eram consumidos pela batalha que se aproximava.

Rita abriu a porta pela metade. Os óculos de Shasta ainda estavam tortos por causa do impacto com o vidro. Ela o ajustou ao levantar.

“Sinto muito incomodá-la. Mas eu tinha que mostrar uma coisa para você. Eu sinto muito mesmo.” Shasta baixou a cabeça e batendo-a novamente contra a porta que ainda bloqueava metade da entrada. Dessa vez ela acertou a quina.

Tuff.

“Ai.” Shasta foi ao chão novamente.

“Não precisa se desculpar. Você sempre é bem vinda, tenente. Sem você quem cuidaria do meu Mech?”

Shasta levantou-se, com os olhos úmidos.

“Você me chamou de tenente novamente! Me chame de Shasta, por favor.”

“Mas, tenente –”

“Shasta! Eu só gostaria que todos falassem comigo como uma pessoa normal.”

“Tudo bem, tudo bem. Shasta.”

“Assim é melhor.”

Rita sorriu. “Então... o que você gostaria de me mostrar?”

“Certo,” Shasta disse. “Olhe para isso. Você não vai acreditar.”

Shasta abriu a mão. Rita olhou fixamente para um estranho

objeto descansando em sua pequena mão. Apenas um pouco maior que uma bala de 9mm, tinha sido primorosamente modelado e pintado em vermelho brilhante. Rita tinha ouvido falar de pessoas que pintavam pontas de balas com cores diferentes para distinguí-las entre vários tipos de munição, mas nunca a bala inteira.

Ela pegou a bala. Tinha a forma de uma pessoa.

Shasta falou rapidamente. "Isso supostamente deveria ser um segredo, certo? Alguém na base me contou sobre eles. Eu fui até Tateyama para conseguir um. Custou quase todo o dinheiro que eu tinha para ganhar isso."

"Ganhar?"

"Você põe dinheiro na máquina, vira um botão, e uma dessas figuras sai em uma pequena bolha de plástico."

"É algum tipo de brinquedo?"

"Ah, não, é um valioso item colecionável. Os mais raros podem ser trocados por mais de cem dólares cada."

"Cem dólares por *isso*?"

"Isso mesmo." Shasta assentiu com gravidade.

Rita segurou a pequena figura para cima, em frente às luzes brancas da sala. Após um exame mais detalhado, ela claramente tinha sido desenhada para se assemelhar a um soldado usando um Mech. Que tivesse sido pintado de vermelho e que estivesse usando um machado de batalha só poderia significar que deveria representar o Mech de Rita. "Eles fizeram um bom trabalho. Até mesmo as barbatanas parecem com as reais. Eu acho que segredos militares não são mais o que costumavam ser."

"Eles usam modeladores profissionais. Tudo o que precisam é de um vislumbre de algo para fazer uma representação igual ao original. As miniaturas feitas no Japão são as melhores. Elas podem ser leiloadas por uma grande quantia."

"Que desperdício de talento." Rita virou a figura em sua mão. Gravado nos pés da figura estavam as palavras MADE IN CHINA. "A China ainda tem tempo de fabricar brinquedos? Eu ouvi que eles não conseguem sequer dar conta da produção dos chips de controles dos Mechs."

"Eles têm uma grande força de trabalho. Lembra-se daquele

senador que foi forçado a renunciar depois de ter dito que a China podia se dar ao luxo de perder tantas pessoas quanto existiam em todos os Estados Unidos que ainda teriam mais um bilhão de sobra? Bem, na verdade eles realmente perderam milhões de pessoas no sul, mas foram capazes de reunir recursos suficientes para resistir.”

“É difícil acreditar que somos do mesmo planeta.”

“América em Guerra, mas ainda veremos outros filmes horríveis serem lançados.”

Rita não podia argumentar contra isso.

A UDF existia para proteger um mundo obcecado com a criação de pilhas de lixo inútil, Rita pensou. Era incrível como as pessoas podiam dedicar seus corações e almas em coisas tão triviais. Não que isso fosse necessariamente uma coisa ruim. Ninguém apreciava isso mais que Rita, cuja única habilidade consistia em prosseguir matando.

“Eu tenho muitos mais.” Shasta puxou um punhado de miniaturas de seu macacão.

“O que é isso? Alguma espécie de sapo-boi de algum grotão da Amazônia?”

“Isso é um Mimic.”

“Pelo menos para seus modeladores profissionais.”

“Isso é o que eles costumam ver nos filmes. Então, a coisa real está distante do que as pessoas conhecem, de qualquer forma. acredite em mim, isso é o que está nos filmes, até a última rula.”

“E quanto a esse aqui?”

“Você deveria saber. É Rita Vrataski – você!”

A miniatura era magra, prodigiosamente dotada, ostentando cabelos loiros encaracolados. Era difícil encontrar uma única característica que mesmo remotamente lembrasse Rita. Acontece que Rita realmente tinha conhecido uma vez a atriz escalada para interpretá-la nos filmes. Era difícil dizer que ela não se encaixava no papel de um jóquei de Mech, considerando que ela mesma dificilmente se encaixaria. Mas a mulher que eles pegaram para o papel era muito glamourosa para um simples soldado que lutaria nas linhas de frente.

Rita comparou sua mimiatura com a do Mimic. Subitamente, o modelador do Mimic não parecia mais tão longe da realidade.

“Se importa se eu ficar com isso?” Rita pegou a mimiatura da Full Metal Bitch que não tinha nenhuma semelhança com ela.

“O quê?”

“Você não vai sentir falta dessa, não é?”

A reação de Shasta era algo entre a de um gato dormindo que tinha sido chutado de seu lugar preferido na cama e a de uma garotinha de cinco anos que tinha sido pega roubando o último pedaço de chocolate com macadâmia pela tia que guardava o pedaço para si. O olhar em seu rosto teria feito o MIT receber uma enxurrada de pedidos de matrícula se os estudantes soubessem que ela era a aluna formada com a alta mais alta de sua classe.

Rita reconsiderou seu pedido. Pessoas como Shasta que frequentaram universidades hipercompetitivas eram mais propensas a explodir, se provocadas. “Desculpe, piada de mau gosto. Eu não deveria provoca-la dessa forma.”

“Não, eu que devo desculpas”, disse Shasta. “É só o que é uma miniatura do tipo... realmente rara. Quero dizer, eu comprei cada bolha da máquina, e essa foi a única que saiu.”

“Não se preocupe. Eu não sonharia em tirar isso de você.”

“Obrigada por compreender. Eu realmente sinto muito. Aqui, porque você não fica com essa no lugar? Deve ser bastante rara também.”

“O que é isso?”

“É a engenheira designada para o pelotão de Rita no filme. Então, basicamente sou... eu.” Uma risada nervosa escapou dos lábios de Shasta.

Era o pior clichê de uma engenheira que Rita já tinha visto. Magérrima, sardenta, com características faciais exageradas no fim da curva de probabilidade. Se houvesse uma perfeccionista que nunca correria o risco de deixar de apertar corretamente um parafuso ou de beijar alguém do sexo oposto, seria isso. É claro que a brilhante engenheira real em que supostamente foi baseada essa mimiatura provavelmente batia a cabeça na porta do armário pelo menos duas vezes ao dia, digamos apenas a título de

informação.

Shasta olhou para Rita com preocupação em seus olhos. "Você não gostou?"

"Não se parece nada com você."

"Nem a sua."

Elas olharam uma para a outra.

"Tudo bem, obrigada. Vou ficar com ela. Para sorte."

Shasta ergueu outra mimiatura quando Ralph Murdoch, com uma câmera pendurada em seu pescoço grosso, entrou.

"Bom dia, senhoras."

Rita ergueu uma sobrancelha vermelha com a chegada do visitante indesejável. Seu rosto ficou duro como aço. A súbita mudança de comportamento de Rita assustou Shasta, que parecia não conseguir decidir se queria esconder-se de Rita por trás daquele armário de jornalista ou o contrário. Depois de alguns momentos difíceis de hesitação, ela optou por esconder-se atrás de Rita.

"Como você chegou aqui?" Rita não fez nenhuma tentativa de esconder seu desdém.

"Eu sou um membro registrado da sua equipe. Quem iria me impedir?"

"Você é a sua própria equipe, e nós dois sabemos disso. Pode sair agora." Rita não se importava muito com esse homem e sua atitude nunca-vi-a-lama-do-campo-de-batalha-nas-botas. Pessoas como ele e Shasta podiam encontrar-se e falar com total segurança sempre que desejassem. Suas palavras nunca eram delineadas pelo medo de saber que você iria ver seus amigos morrerem na próxima batalha. Era esse medo que, certamente, mantinha Rita afastada de seus colegas de pelotão, a única família que ela ainda tinha. Nada com que esse tolo tivesse lidado em toda sua vida.

"Isso seria uma pena depois de andar todo esse caminho até aqui", disse Murdoch. "Eu encontrei alguns pedaços de notícias interessantes, e pensei em compartilhar com você."

"Envie-as para o *New York Times*. Ficarei feliz em lê-las amanhã."

"Acredite em mim, você vai querer ouvir isso."

“Eu não estou interessada no que você considera interessante.”

“As tropas japonesas vão enfrentar um PT. Punição pelos problemas da última noite.”

“Eu pedi para você sair. Eu nunca fico de bom humor antes da batalha.”

“Não quer vir assistir? Eles vão fazer algum treinamento estilo samurai. Eu adoraria ouvir a opinião da Valquíria sobre o assunto.”

“Sua mãe deve ter ficado desapontada quando o aborto acabou matando apenas sua consciência.” Rita disse.

“Que conversa vindo de uma garota agradável e doce como você.”

“Eu diria isso novamente, mas não posso me incomodar.”

“Vamos lá?”

“Acredite, melhor não.”

Murdoch ergueu uma sobrancelha. “Okay, então você fala bobagens sem sentido. Dois por um.”

“Eu acho que estou pegando o jeito.”

“Tudo bem, então eu não tenho consciência e vou direto para o inferno. Você me disse a mesma coisa na Indonésia quando eu tirei aquelas fotos do garoto fugindo chorando de um grupo de Mimics.”

“O Inferno é muito bom para você. Você vai acabar se disfarçando de Satã e entrando pela porta dos fundos do Céu.”

“Eu vou levar isso como um elogio.”

Um sorriso apareceu nos lábios da Valquíria. Era o mesmo sorriso que vinha até ela nas horas mais escuras da batalha, quando estava bem escondida pelo capacete. O corpo de Shasta ficou tenso. Murdoch deu um passo para trás sem perceber.

“Bem,” a Full Metal Bitch disse, “Eu estou prestes a ir para o Inferno. E até que eu faça isso, não quero ver sua cara novamente.”

9

Rita acabou indo assistir o PT. Shasta não. A única pessoa próxima de Rita era o maldito Murdoch. O resto de seu pelotão mantinha uma distância respeitosa.

Foi quando os olhos de Rita encontraram aquele desafio vindo do campo, o olhar que carregava o peso do mundo. Havia algo no garoto que Rita gostava. Ela começou a andar em direção a ele.

Ela caminhou com um propósito, cada passo um movimento perfeito projetado para impulsionar um Mech através do campo de batalha com total eficiência. Ela avançou através do campo silenciosamente e sem esforço. Para obter 100 por cento de um Mech, um soldado tinha de ser capaz de caminhar por uma sala cheia de ovos sem quebrar um. Isso significava ser capaz de distribuir perfeitamente o peso corporal em cada passo.

O soldado ainda estava encarando Rita. Ela caminhou direto até ele, em seguida virou noventa graus na direção de onde o general de brigada estava sentado. Ela fez uma continência regulamentar.

O general de brigada lançou um olhar cheio de dúvida na direção de Rita. Rita era sargento major por patente, mas ela também era membro das forças americanas, então os lugares relativos na hierarquia militar eram um pouco confusos.

Rita lembrava-se desse homem. Ele havia sido o general responsável por apertar a mão de Rita no início da recepção frívola feita para saudar as Forças Especiais. Havia muitos oficiais que tinham subido de patente sem nunca lutar nas linhas de frente, mas esse parecia ter um talento especial para a arrogância e bajulação.

Eles conversaram brevemente, o general aparentemente confuso enquanto Rita demonstrava uma postura e linguagem corporal bem treinada. Então Rita voltou para o campo, caminhando através das fileiras de homens que pareciam estar curvados perante ela. Escolheu um lugar ao lado do soldado que esteve olhando fixamente para ela e começou a fazer a flexão de

braço isométrica. Ela podia sentir o calor que o corpo dele irradiava através do ar frio entre eles.

O soldado não se moveu. Rita não se moveu. O sol estava alto no céu, assando lentamente a pele deles. Rita falou com uma voz baixa o suficiente para que apenas o soldado ao seu lado pudesse ouvir:

“Eu tenho algo em meu rosto?”

“Nada que eu possa perceber.”

Exceto por uma entonação um pouco estranha, o *Burst* do soldado era claro e fácil de compreender. Nada como o falado no norte da África. As pessoas das antigas colônias francesas não poderiam falar *Burst* nem para salvar suas próprias vidas.

O *Burst*, ou inglês simplificado, era a linguagem criada para lidar com o problema da comunicação em um exército composto de soldados de dezenas de países. Ele tinha um vocabulário simplificado e o menor número de irregularidades gramaticais possível. Quando eles desenharam a linguagem, foram deliberadamente incluídos todos os palavrões do vocabulário oficial, mas mesmo assim você não conseguia evitar que um bando de soldados adicionasse o “foda” com todas suas variações de substantivos, verbos e adjetivos em qualquer lugar e de qualquer forma.

“Você estava me encarando por um bom tempo.”

“Eu acho que estive,” ele disse.

“Você quer algo de mim?”

“Nada que eu queira discutir assim.”

“Então vamos esperar até que isso termine.”

“Cabeça de merda Kiriya! Você está escorregando!” o tenente latiu. Rita, com a expressão desinteressada de alguém que nunca teve uma necessidade de contato humano em toda sua vida, continuou sua flexão de braço isométrica.

Flexões de braço isométricas eram muito piores do que pareciam. Gotas de suor formaram-se ao longo da linha de seu cabelo, fluíram pela sua têmpora, correram para seus olhos – queimando-os com seu sal – e traçaram linhas em seu pescoço antes de cair de seu peito. Ter de suportar a coceira que elas

produziam em seu caminho pelo corpo era parecido com o que um soldado tinha que suportar dentro de um Mech.

Esse treinamento samurai não é completamente inútil, no fim das contas, Rita decidiu.

Quando as coisas ficam muito difíceis de suportar, o melhor a fazer é deixar a mente vagar. Rita deixou seus pensamentos saírem de seu corpo que gritava em protesto. O general de brigada do Escritório Geral parecia perplexo com a intrusa em seu procedimento. Talvez para ele, um homem que nunca tinha experimentado um verdadeiro conflito armado, esse treinamento sobre a brisa gentil do oceano fosse parte da guerra. Para as pessoas que nunca tinha respirado a mistura de sangue, poeira e metal incandescente que permeava um campo de batalha, era fácil imaginar que os preparativos eram guerra, que o treinamento era guerra, que subir na carreira era guerra. Havia apenas uma pessoa para quem a guerra estendia-se também a esse dia tranquilo antes da batalha: uma mulher chamada Rita Vrataski e seus loops temporais.



Rita tinha frequentemente sonhado que um dia iria se deparar com outra pessoa que experimentava os loops. Ela até mesmo tinha imaginado uma frase que poderia ser utilizada para identificarem-se uns com os outros. Uma frase que apenas Rita conhecesse. Uma frase que os dois pudessem compartilhar.

Para outra pessoa pega em um loop de tempo, isso significaria que alguém, que não seria Rita, tinha destruído um

servidor Mimic por acidente. Assim como Rita tinha sido forçada a deixar pessoas para trás em seu loop temporal, essa pessoa também não teria outra escolha. Ela estaria sozinha.

Ela não seria capaz de viajar através do loop temporal com ele – no entanto se talvez também pudesse esse pensamento a aterrorizava – mas ela poderia dar conselhos para a outra pessoa de qualquer forma. Compartilhar sua solidão. Dizer-lhe como quebrar o loop – conhecimento que ela tinha levado 211 mortes para aprender. Ele poderia lutar com suas dúvidas, seguir o caminho de Rita. Ele poderia tornar-se um grande guerreiro.

No fundo do coração de Rita, ela tinha certeza que ninguém jamais viria lhe dizer as palavras que só ela conhecia.

O sinal táquion dos Mimics era tecnologia alienígena de ponta, uma tecnologia que tinha possibilitado a eles conquistarem a vastidão do espaço. O aprisionamento de Rita no loop temporal durante a batalha para recapturar a Flórida tinha sido um inacreditável golpe de sorte para a humanidade. Se não fosse por essa sorte, a humanidade teria perdido para a xenoformação. Não apenas os humanos, mas virtualmente todas as espécies do planeta já estariam extintas.

A fama de Rita crescia a cada batalha, e sua solidão com ela. Ela tinha quebrado o loop temporal, mas sentia como se ainda vivesse sempre o mesmo dia. Sua única esperança era que a vitória da humanidade, o dia em que até o último Mimic tivesse sendo extinto, de alguma forma a livraria desse terrível isolamento. Até então, ela continuaria desempenhando seu papel solitário no conflito.

Rita não se importava com as batalhas. Ela não tinha que pensar para lutar. Quando ela subia em seu Mech vermelho, a tristeza, a alegria, as memórias que mais a assombravam – isso tudo desaparecia. O campo de batalha, com fumaça de pólvora rodopiando, era a casa de Rita.



O PT terminou menos de uma hora mais tarde. O general, com gosto de bile em sua boca, apressouse para seu escritório.

Quando Rita levantou-se, o homem ao seu lado cambaleou aos seus pés. Ele não era particularmente alto para um jóquei de Mech. Ele era jovem, mas usava seu uniforme como se tivesse nascido nele. Suas roupas pareciam ter acabado de sair da fábrica, assim havia algo estranho em sua aparência. Seus lábios retorceram-se em um sorriso de Mona Lisa que fazia um bom trabalho em esconder sua idade.

O número 157 tinha sido rabiscado em algarismos arábicos na parte de trás de sua mão. Rita não sabia o que isso significava, mas era uma coisa estranha de se fazer. Estranho o suficiente para Rita pensar que não esqueceria o número tão cedo. Ela nunca tinha ouvido falar de um soldado que fazia notas com canetas esferográficas nas costas da mão.

“Então você deseja conversar. O que é?”

“Ah, certo”, ele disse.

“Bem? Vamos logo com isso, soldado. Eu sou uma garota paciente, mas haverá uma batalha amanhã e tenho coisas para fazer.”

“Eu, hã, tenho uma resposta para a sua pergunta.” Ele hesitou como um estudante lendo um roteiro ruim em uma peça de teatro do colegial. “Restaurantes japoneses não cobram pelo chá verde.”

Rita Vrataski, a salvadora da humanidade, a Valquíria, a garota de dezenove anos, deixou sua máscara cair.

A Full Metal Bitch começou a chorar.

Capítulo - 4

Killer Cage



1

“Merda, começou! Não explodam suas bolas, senhores!”

Batalha 159.

Eu salto para frente, o doppler do meu Mech no máximo.

Eu vejo um alvo, disparo, abaixo. Um javelin passa assobiando pela minha cabeça.

“Quem está ali na frente? Você está muito avançado! Você quer se matar?”

O tenente dizia a mesma coisa toda vez. Limpei a areia do meu capacete. Trovões irromperam dos projéteis que cruzavam o céu. Olhei para Ferrell e assenti.

Dessa vez a batalha poderia terminar. Se eu ficasse e visse Yonabaru e Ferrell morrendo, eles não voltariam mais. Tudo terminaria assim. Não haveria repetição dessa batalha. O medo que arranhava minha coragem não era o medo da morte, era o medo do desconhecido. Eu queria jogar fora meu rifle e meu machado e encontrar uma cama para me enfiar embaixo.

Uma reação normal – o mundo não tinha sido feito para ficar se repetindo. Eu sorri, apesar das borboletas em meu estômago. Eu

estava lutando com o mesmo medo que todo mundo enfrentava. Eu estava colocando minha vida – a única que eu tinha – em jogo.



“Você não está realmente preso em um loop de tempo”, Rita tinha explicado para mim. Minhas experiências nas 158 batalhas anteriores eram reais; era eu que não existia realmente. Quem quer que tenha estado lá e tenha sentido a dor excruciante, o desespero, e o urina quente no Mech, era apenas uma memória agora.

Rita me disse que do ponto de vista da pessoa com a memória, não havia diferença entre ter tido a experiência na realidade ou ter apenas a lembrança dela. Parecia um monte de besteira filosófica para mim. Rita também não parecia entender muito bem isso tudo.

Eu me lembro de ler uma revista em quadrinhos, no tempo em que eu ainda lia quadrinhos, sobre um cara que usava uma máquina para mudar o passado. Pareceu-me que, se o passado mudava então o cara que voltava no tempo para muda-lo deveria desaparecer – como o cara naqueles antigos filmes De Volta Para o Futuro – mas a revista ignorava esses detalhes.

Eu tinha me tornado um voyeur dos sonhos dos Mimics. Na minha primeira batalha, aquela em que Rita salvou minha vida, eu tinha, sem saber, matado um daqueles Mimics chamados de “servidores”. Em todas as batalhas, desde então, a partir do segundo até o loop 158, Rita tinha matado o servidor. Mas a rede entre mim e o servidor já tinha sido estabelecida no momento em

que o matei, significando que eu tinha ficado preso no loop, enquanto Rita estava livre.

Os Mimics usavam o loop para alterar o futuro para vantagem deles. O javelin que errou Yonabaru na segunda batalha tinha na verdade sido disparado para mim. Meu encontro com o Mimic quando eu fugi da base não teve nada a ver com acaso. Eles estavam me caçando o tempo todo. Se não fosse por Rita, eles me teriam no café da manhã, no almoço e no jantar.



A luta continuou. O caos espalhou-se pelo campo de batalha.

Eu deslizei em uma cratera com o resto do meu pelotão para evitar ser retalhado por um franco atirador de javelins. O pelotão tinha se movido uma centena de metros em direção à costa desde o início da batalha. O furo cônico em que tínhamos nos escondido era cortesia do bombardeio com bombas guiadas por GPS da noite anterior. Um disparo caiu perto dos meus pés, lançando areia no ar.

“Assim como em Okinawa”, comentou Ferrell, com as costas contra a parede de terra.

Yonabaru disparou outra rajada. “Deve ter sido um arranca rabo daqueles.”

“Nós estávamos cercados, assim como agora. Com a munição no fim e as coisas ficando realmente feias.”

“Vira essa boca para lá.”

“Eu não sei –” Ferrell saiu da cobertura, disparou seu rifle e então afundou novamente protegendo-se contra a parede de terra. “Eu tenho a impressão de que essa batalha está tomando outro rumo. Apenas estou sentindo isso.”

“Merda, o sarja está vindo com aquela conversa mole. Melhor

tomar cuidado para não sermos atingidos por um raio.”

“Se você tem alguma dúvida, basta ver o nosso mais novo recruta em ação”, disse Ferrell. “Eu não ficaria surpreso em vê-lo levantar-se para dançar o jitterbug^[17] só para irritar os Mimics.”

“Eu não sei dançar jitterbug,” eu disse.

“Não me diga.”

“Talvez eu devesse dar uma chance à esse lindo machado de batalha.” Yonabaru acenou para o reluzente pedaço de carboneto de tungstênio no punho do meu Mech.

“Você vai conseguir apenas se machucar.”

“Isso é discriminação, isso sim.”

Mesma coisa de sempre, mesma coisa. Todos falando uns com os outros, ninguém escutando.

“*Bogies* às duas horas!”

“Nosso trigésimo quinto cliente do dia!”

“Qual dos bundões aqui me mandou essa merda? Nós estamos no meio da merda de uma guerra, se vocês ainda não perceberam!”

“Cara, eu precisava de um cigarro.”

“Cale a boca e atire!”

A linha de frente saiu da cobertura e mirou seus rifles para o sapo que se aproximava. Balas riscaram o ar, mas o Mimic continuou vindo. Eu apertei o punho do meu machado.

Sem aviso, uma bomba caiu do céu. A bomba guiada a laser enterrou-se fundo no chão antes de detonar. O Mimic caiu na cratera.

Um Mech vermelho apareceu em meio a uma chuva de terra e barro. O carboneto de Tungstênio rasgou os membros e o torso espesso do sapo. Depois de alguns minutos, nada mais estava se movendo. Nada alienígena, de qualquer maneira.

Estática encheu meus ouvidos, então sua voz veio. “Desculpe tê-lo feito esperar.” A Full Metal Bitch ergueu-se, levantando seu enorme machado de batalha no meio do nosso pelotão cor de areia. Sua armadura vermelho metálica brilhava ao sol.

Eu levantei minha mão para que ela pudesse me encontrar no meio da multidão. “Nós acabamos de chegar.”

“O quê a Full Metal Bitch está fazendo aqui?” Yonabaru esqueceu tudo sobre o que significava ficar sob cobertura e ficou parado encarando o Mech dela estupidamente. Eu poderia ter pago um bom dinheiro só para ver essa cara.

Rita dirigiu-se à Ferrell. “Eu preciso falar com quem está no comando deste pelotão. Libere o canal.”

Ferrell abriu um canal entre Rita e o tenente. “Pode prosseguir.”

“Aqui quem fala é Rita Vrataski. Eu tenho um pedido para o oficial encarregado do 3º Pelotão da 17ª Companhia, 3º Batalhão, 12º Regimento, 301ª Divisão de Infantaria Blindada. Eu preciso de Keiji Kiriya emprestado, está tudo bem com isso?”

Ela não anunciou sua patente ou divisão. Em uma cultura militar onde o céu era de qualquer cor que seu oficial dissesse que era, somente a Valquíria era livre para operar fora da cadeia de comando. Até mesmo naquela primeira batalha, não tinha sido a Full Metal Bitch que tinha segurado minha cabeça enquanto eu morria. Era Rita Vrataski.

A resposta do tenente foi insegura. “Kiriya? Talvez você precise de alguém com mais experiência, alguém –”

“Sim ou não?”

“Bem, ah, sim.”

“Eu agradeço sua ajuda. Sarja, e quanto a você? Se importa se eu pegar o Kiriya emprestado?”

Ferrell ergueu os ombros em sinal de aprovação, os ombros de seu Mech erguendo-se como ondas no oceano.

“Obrigado, sarja.”

“Veja se ele não vai fazer nenhuma *jitterbug* perto do nosso pelotão.”

“Jitterbug? O que é isso, algum tipo de código?” Perguntou Rita.

“Só uma figura de linguagem.”

“Keiji, o que significa isso?”

“Desculpe, sarja. Eu explico mais tarde,” eu disse.

“Nós vamos atacar eles nas 12 horas.”

“Uh, certo.”

“Ei, Keiji! Se você encontrar uma máquina de venda automática, me pegue alguns cigarros!” Yonabaru chamou logo antes de eu desligar o link de comunicação.”

Rita riu da piada de Nijou. “Você tem um bom pelotão. Está pronto?”

“Seja gentil.”

“Eu sempre sou gentil.”

“Não é o que costumamos ouvir.”

“Só se preocupe com os Mimic, ok?”

Batendo contra os lados da cratera de impacto, arranhando, e finalmente subindo um por cima do outro, os Mimic estavam começando a encontrar um caminho para fora do buraco que Rita tinha aberto no chão. Nós mergulhamos sob a matilha primeiro. Era uma parede de sapos inchados.

Corra. Dispare. Recue. Trocar o pente. Correr mais. Dispare. Respire.

Bombas de precisão caçavam os Mimics onde eles se escondiam. Fumaça espiralava em direção ao céu onde haviam encontrado sua presa. Areia e sujeira seguiam a fumaça no ar, e pedaços de carne Mimic não estavam muito atrás. Nós disparamos para a cratera e pegamos tudo que as bombas tinham deixado para trás. Arrancando raízes, carpindo o mato.

Até mesmo quando você está apenas repetindo o mesmo dia, uma vez depois da outra, a vida no campo de batalha não tem nada de rotina. Se o ângulo do movimento de seu machado estivesse fora por apenas um grau, isso poderia desencadear uma série de eventos em cadeia que mudariam todo o desenrolar da batalha. Um Mimic que você deixasse escapar em um minuto estaria correndo sobre seus amigos no próximo. A cada soldado morto a linha ficava mais fraca, até que eventualmente colapsaria devido a tensão. Tudo porque seu machado girou a 47 graus no lugar de 48.

Havia mais Mimics do que eu podia contar. Pontos enchiam minha tela doppler. A regra de ouro era que seria necessário um esquadrão de dez Mechs para derrubar um Mimic. Mesmo assim, para fazer dessa uma luta justa seria necessário que o esquadrão

pulverizasse a maldita coisa com balas até que se esgotasse a munição. Rita estava em movimento constante. Ela balançava seu machado com a facilidade que uma criança balançava uma espada de brinquedo. O ar estava pesado com pedaços de Mimic. Outro passo, outro balanço do machado, outro membro. Lave, enxágue, repita a operação.

Eu nunca tinha visto nada assim. Javelins carregavam a morte pelo ar. Eu estive perto o suficiente para tocar meia dúzia de Mimics. A despeito do perigo em volta de mim, senti uma calma estranha. Eu tinha alguém para cuidar da minha retaguada. Rita era um filtro que destilava e neutralizava o medo. Eu era o vale das sombras da morte, não tem outra forma de descrever isso, mas eu tinha Rita do meu lado.

Eu aprendi a sobreviver imitando a técnica de Rita com o machado, e no processo eu vim a conhecer cada movimento dela - qual pé ela movia primeiro, qual Mimic ela golpearia quando cercada. Eu sabia quando ela iria girar o machado, e quando ela fugiria. Tudo isso e mais foi gravado no meu sistema operacional.

Rita evitava o perigo e movia-se pelas fileiras inimigas, esculpindo um caminho de destruição perfeitamente executado. As únicas coisas que ela deixava para trás eram os alvos que não importavam para ela matar. Eu ficava muito feliz em concluir o trabalho para ela. Nós nunca tínhamos treinado juntos, mas nos movíamos como gêmeos, veteranos de incontáveis batalhas um do lado do outro.

Quatro Mimics vieram na direção de Rita de uma vez - uma dificuldade até mesmo para a Valquíria. Ela ainda estava desequilibrada devido ao último giro do machado. Com a mão livre dei-lhe um pequeno empurrão. Por uma fração de segundo ela se assustou, mas não demorou muito para entender o que eu tinha feito.

Ela realmente era um mestre. Em menos de cinco minutos, ela tinha aprendido a trabalhar em equilíbrio comigo. Quando ela percebeu que eu poderia usar um braço ou uma perna livre para livrá-la de um ataque, ela virou-se e encarou o próximo chefe inimigo, sem qualquer intenção de se esquivar. A pata dianteira do

Mimic voou passando a um palmo de seu rosto e ela nem sequer piscou.

Nós trabalhávamos como uma única unidade. Nós rasgávamos o inimigo com um poder assustador, matando sempre os Mechs um do outro no canto de nossos olhos. Nós não precisávamos de palavras ou gesto. Cada movimento, cada passo, dizia tudo o que precisava ser dito.

Nosso inimigo podia ter desenvolvido a capacidade de voltar no tempo, mas a humanidade tinha desenvolvido alguns truques próprios. Havia pessoas que poderiam manter um Mech funcionando como um relógio, pessoas que podiam desenvolver estratégias e lidar com logística, pessoas que podiam providenciar suporte nas linhas de frente, e por último mas não menos importante, pessoas que eram assassinos por natureza. Pessoas capazes de adaptar-se ao ambiente e às experiências de inúmeras maneiras. Um inimigo que pudesse olhar para o futuro e enxergar a ameaça que enfrentaria caía vítima de sua própria atrofia evolutiva. Nós aprendíamos mais rápido do que eles podiam.

Eu tinha enfrentado a morte 158 vezes de forma que nenhuma outra criatura neste planeta poderia ter subido até onde eu subi em uma única vida. Rita Vrataski tinha subido ainda mais. Nós caminhamos para a frente, para longe do resto da força, um exército feito de dois. Nossos Mechs traçavam graciosas espirais no sentido horário enquanto avançávamos - um hábito que tinha aprendido com Rita. Montes de carniça retorcendo-se era tudo o que deixávamos em nosso rastro.

Aos quarenta e dois minutos de batalha, nós o encontramos. O Mimic na raiz do maldito loop. O fio que nos unia. Se não fosse por esse servidor, eu nunca teria me afogado em meu próprio sangue e visto minhas entranhas sendo cuspidas no chão dezenas de vezes, nem vagado sem rumo por esse inferno sem saída. Se não fosse por esse servidor, eu nunca teria conhecido Rita Vrataski.

“É esse, Keiji. Você tem que ser o único a derrubá-lo.”

“Com prazer.”

“Lembre-se: Antena primeiro, então os backups, por último o servidor.”

“E então poderemos ir para casa?”

“Não é bem assim. Quando o loop termina, a verdadeira batalha começa. Não acaba até ainda exista um Mimic movendo-se.”

“Nada nunca é fácil.”



Genocídio era a única maneira de vencer esta guerra. Não se pode destruir as forças deles em 30 por cento e declarar vitória. Você tem que destruí-los até o último. Derrube o servidor, e então você poderia continuar a guerra. Tudo que Rita e eu podíamos fazer era livrar nossas tropas do atoleiro do loop temporal dos Mimics. Uma vitória completa exigiria mais força do que apenas dois soldados poderiam suportar. Mas no dia em que nós venceríamos, eu poderia morrer, Rita poderia morrer, Yonabaru, Ferrell, e todo o resto do nosso pelotão poderia morrer, mesmo aqueles babacas do 4º poderiam morrer, mas o tempo não se repetiria novamente. Um novo dia iria amanhecer na Terra.

Rita disse que derrubar um servidor Mimic era tão fácil como abrir uma lata de conservas. Tudo o que você precisava era de um abridor de latas. A coisa era que, até então, ela era a única pessoa no planeta que tinha um abridor.

Povo da Terra, comemorem! Keiji Kiriya acaba de o encontrar outro abridor de latas! Compre um, e para cada Rita Vrataski que você comprar você leva um segundo abridor de latas Keiji Kiriya INTEIRAMENTE GRÁTIS!

É claro, você não podia comprar-nos separadamente se

desejasse. Suponho que Rita e eu não faríamos vendedores muito honestos. O que esse loop temporal vindo das entranhas do inferno uniu, nenhum homem poderia separar. Somente Rita e eu entendíamos a solidão um do outro, e nós ficaríamos lado a lado, retalhando Mimics em pedacinhos até o amargo fim.



"Antena derrubada!"
"Para os Backups."
"Copiei isso."

Eu ergui meu machado de batalha e trouxe-o para baixo em um golpe rápido e limpo –



Eu abri meus olhos. Estava na cama.
Eu peguei uma caneta e escrevi "160" nas costas da minha mão. Então chutei a parede o mais forte que pude.

2

Não é fácil dizer algo a uma pessoa que você sabe que a fará chorar, muito menos em público. E se Jin Yonabaru estiver nesse público, você então estaria em um rio de merda navegando em

uma canoa com um buraco no fundo.

Na última vez, tinha saído um tanto forçado. Eu estava pensando em uma melhor forma de dizer isso, mas não conseguia pensar em nada mais direto ou suave de que eu estava experimentando os loops de tempo. Talvez eu devesse simplesmente falar. Que inferno, eu não tenho nenhuma ideia melhor.

Nunca fui particularmente esperto, e o pouco cérebro que eu tinha estava preocupado em tentar descobrir por que o loop não tinha se rompido, como o planejado. Eu tinha feito tudo como Rita me disse, mas aqui estava eu no meu dia 160 antes da batalha.

O céu sobre o Campo de Treinamento nº 1 estava claro como estive na 160ª vez. O sol das dez horas caía sem piedade sobre nós. O PT tinha terminado, e as sombras combinadas aos nossos pés estavam salpicadas com manchas de suor.

Eu era um completo estranho para esta mulher com cabelo cor de ferrugem e pele muito pálida para um soldado. Seus ricos olhos castanhos estavam fixos em mim.

“Então você deseja conversar. O que é?”

Eu estava sem tempo, e tinha acabado meu estoque de ideias brilhantes. Teria sido melhor chamá-la de lado antes do PT. Tarde demais agora.

Olhei para Rita e disse a mesma coisa sobre o chá verde que eu tinha dito antes. *Ei, até que não foi tão ruim desta vez, eu pensei. Talvez ela não vá – oh, não. Fodeu.*

Lágrimas escorriam pelo rosto de Rita e pingavam de seu queixo, então caíram sobre a palma da mão que ergui para pegá-las. Eu ainda estava quente devido ao exercício, mas as lágrimas queimaram como cápsulas de 20mm. Meu coração estava batendo forte. Eu era como um estudante colegial convidando uma garota para dançar. Nem mesmo a batalha aumentava minha pressão arterial tanto assim.

Rita agarrou a parte inferior de minha camisa, apertando com tanta força que as pontas de seus dedos ficaram brancas. No campo de batalha eu conseguia antecipar cada movimento antes dela o fazer, mas agora eu não tinha pistas. Fui programado para

desviar de milhares de ataques Mimics facilmente, mas onde estava o meu excelente Sistema Operacional quando eu realmente precisava? Minha mente vagou, procurando por uma saída. Eu imaginei se minha camisa estaria suada onde ela a agarrava.

Na última vez eu tinha ficado como uma estátua até Rita recuperar a compostura e falar. Talvez depois de mais dez viagens isso tudo seria rotina. Eu saberia exatamente o que dizer para acalmá-la enquanto segurava gentilmente sua cabeça em meu ombro. Mas isso significaria reduzir minhas interações com a única pessoa no mundo que me compreendia em detalhes. Algo me disse que era melhor ficar ali e continuar com isso.

Yonabaru estava olhando boquiaberto para nós como um turista em um jardim zoológico que subitamente viu um urso levantar e começar a dançar uma valsa. Pelo menos eu finalmente descobri uma situação que o mantinha calado. Ferrell educadamente desviou os olhos, mas só até metade do caminho. E foi mais ou menos assim que o resto do pelotão se comportou. Foda-se. Eu era um urso dançarino. *Não olhe. Não diga nada. Apenas atire o seu dinheiro na lata e continue andando.*

O que você deve fazer quando está nervoso – imaginar todo mundo nú? Não, isso era para falar em público. No treinamento eles nos ensinavam a nos controlar pensando em algo que gostávamos. Algo que te faça feliz. Na batalha isso provavelmente seria uma dessas coisas felizes para se pensar novamente, então por que agora isso me deixava tão nervoso? Se Deus sabia a resposta, Ele não queria dizer.

Peguei o pulso de Rita. Ela parecia perdida.

“Eu sou Keiji Kiriya.”

“Rita. Rita Vrataski.”

“Eu acho que deveria começar com um ‘Prazer em conhecê-la.’”

“Por que você está sorrindo?”

“Eu não sei. Apenas estou feliz, acho”, eu disse.

“Você é um tipinho estranho.” O rosto de Rita suavizou-se.

“Vamos fazer uma pausa.” Olhei de relance por cima do ombro. “Às duas horas. Está pronta?”

Nós corremos para longe, deixando os homens no campo de treinamento coçando as cabeças. Passamos pelo alambrado na divisa do campo. A brisa do mar estava sobrando agradavelmente sobre nossa pele. Por algum tempo corremos apenas pelo prazer de correr. A linha costeira estava à nossa esquerda, água azul cobalto espalhando-se além da inútil barricada de arame farpado que delineava a praia. O oceano ainda estava azul porque estávamos lutando para mantê-lo dessa forma. Um barco de patrulha seguia um curso paralelo ao nosso, deixando uma esteira branca ao longo da linha que dividia o mar do céu.

O grito profundo dos soldados desapareceu. Os únicos sons eram o rugido do mar, os ruídos embaralhados de distantes botas militares sobre o concreto, a batida forte do meu coração e a respiração de Rita.

Eu parei abruptamente e fiquei sem ação, assim como tinha feito antes de iniciar a corrida. Rita não conseguiu parar a tempo e trombou em mim. Outro deslize do Sistema Operacional. Eu dei alguns passos desajeitados. Rita cambaleou e recuperou o equilíbrio. Apoiamo-nos um ao outro para evitar a queda. Meu braço ficou em volta do corpo de Rita e o dela ao redor do meu.

A trombada arriscou quebrar vários regulamentos. Sua pele tensa pressionou contra a minha como uma armadura reativa. Um cheiro agradável agrediu meus sentidos. Sem meu Mech eu estava sem defesa contra as substâncias químicas que vagavam pelo ar.

“Oh, desculpe.” Rita foi a primeira a se desculpar.

“Não, foi minha culpa. Eu não deveria der parado dessa forma.”

“Não. Quero dizer, me desculpe, mas –” ela disse.

“Não precisa se desculpar.”

“Eu não estou tentando me desculpar. Apenas – você se importaria de soltar minha mão?”

“Ah –” Um anel vermelho apareceu no pulso de Rita onde meus dedos estiveram agarrados em sua pele. “Sinto muito.”

Para mim, Rita era uma velha amiga, uma companheira de muitas batalhas. Mas para ela, Keiji Kiriya era um estranho que tinha acabado de conhecer. Nada mais que uma silhueta esmaecida

de outro tempo. Só me lembrava do alívio que sentia ao ficarmos com as costas um contra o outro. Apenas eu tinha sentido essa eletricidade que corria entre nós, quando nossos olhos encontraram-se num entendimento implícito. Só eu conhecia esse sentimento de saudade e devoção.

Antes de me juntar ao exército, eu assisti a um filme sobre um homem apaixonado por uma mulher que tinha perdido a memória em um acidente. Ele deve ter passado por algo como o que eu enfrentava agora. Assistir desesperadamente tudo que você ama no mundo ser levado para longe de você pelo vento enquanto você está impotente para impedi-lo.

"Eu – bem..." Eu não sabia o que dizer a ela, desta vez, depois do último loop.

"Essa é sua maneira inteligente de nos tirar de onde estávamos?"

"É, eu acho."

"Bom. Agora onde estamos exatamente?" Rita girou sobre seus calcanhares enquanto olha ao redor.

Estávamos em um amplo espaço limitado pela barricada de arame farpado na praia e a tela de alambrado em uma ampla área do outro lado. Mato começava a brotar entre rachaduras no concreto que cobria cerca de dez mil metros quadrados de área.

"O campo de treino nº 3."

Eu tinha conseguido nos levar de um campo de treinamento para outro. Genial. Eu estava passando tempo demais com Ferrell. Seu amor pelo treinamento beirava uma doença mental grave, e isso devia ser contagioso.

Rita virou para mim. "Isso é ermo."

"Sinto muito."

"Não, eu gosto do vazio daqui."

"Você tem gostos estranhos."

"Isso é mesmo um gosto? O lugar onde eu cresci era desesperadamente ermo. No entanto, nós não tínhamos oceanos. O céu aqui é – tão brilhante," ela disse, com a cabeça inclinada para trás.

"Você gosta? Do céu?"

“Não tanto do céu quando da sua cor. Esse azul cintilante.”

“Então porque seu Mech é vermelho?”

Alguns momentos passaram-se entre nós antes dela falar novamente.

“O céu de Pittsfield era desbotado. Como a cor da água depois de lavarmos um pincel com tinta azul nele. Como se água tivesse corrido pelo céu e diluído sua cor.” Eu olhei para Rita. Ela olhou de volta para mim, com seus ricos olhos castanhos encarando-me. “Sinto muito. Esqueça isso,” ela disse.

“Como assim?”

“Não é uma coisa muito Rita Vrataski para a se dizer.”

“Eu não sei nada quanto a isso.”

“Eu sei.”

“Bem, eu achei bacana,” eu disse.

Rita arregalou os olhos. Por um instante eles brilharam com o brilho da Full Metal Bitch. O resto de seu rosto permaneceu inalterado. “O que você disse?”

“Disse que soava bacana.”

Ela parecia surpresa com isso. Uma mecha de cabelo cor de ferrugem caiu sobre sua testa, e ela ergueu a mão para brincar com ela. Eu tive um vislumbre de seus olhos por entre os dedos. Eles estavam com uma luz estranha. Ela parecia com uma garota cujo coração parecia ter começado a se abrir, uma criança cujas mentiras tinham sido expostas pelo olhar penetrante de sua mãe.

Eu quebrei o silêncio constrangedor. “Tem alguma coisa errada?”

“Não.”

“Eu não estava brincando com você. É apenas algo que eu queria ter dito. Acho que o momento estava errado.”

“Nós tivemos uma conversa como essa no loop anterior, não tivemos? Mas apenas você se lembra.” Rita disse.

“Sim, sinto muito.”

“Não, isso não me incomoda.” Ela disse, balançando a cabeça.

“Então o que está errado?”

“Diga-me o que você está planejando.”

“Bem, há muita coisa que ainda não compreendo,” eu disse.

“Preciso que você me explique como terminar esse loop, para início de conversa.”

“Eu estava perguntando o que você planeja fazer a seguir, para que eu não precise pensar nisso.”

“Você está brincando?” Eu perguntei.

“Eu estou falando muito sério.”

“Mas você é Rita Vrataski. Você sempre sabe o que fazer.”

“Será engraçado estar fora do loop só para variar.”

“Não é muito engraçado para mim,” eu disse. Estava imaginando o que ela queria dizer com ‘será’, e pensei que como ela tinha se libertado do loop depois de 211 vezes na Flórida. Eu abri minha boca para perguntar, mas ela me interrompeu.

“Eu acho que ganhei o direito de sentar e ficar assistindo,” ela disse. “Eu já tive que lidar com bastante dessa merda. É sua vez. Quanto antes você aceitar isso, melhor.”

Eu suspirei. “Eu sei.”

“Ei, não me culpe.”

“Bem, ainda é cedo, mas minha próxima parada é o refeitório. Espero que você esteja no clima para comida japonesa.”

O refeitório estava barulhento. Em um canto um grupo de soldados estava competindo para ver quem conseguia fazer mais flexões em três minutos. Outro grupo pelo qual passamos estava jogando frango gastronômico com um misterioso líquido que parecia uma mistura de ketchup, mostarda e suco de laranja. No outro lado do refeitório um cara estava cantando uma música – ou talvez fosse um tema de um desenho animado antigo – que deve ter sido popular a cerca de 70 anos, acompanhado de um banjo. Alguma religião deve ter usado como tema de uma canção contra a guerra, mas não era o tipo de detalhe que incomodava os caras que se alistavam para a UDF. A melodia era fácil de lembrar, o que era tudo que precisava para ser um sucesso entre uma multidão de jôqueis de Mech.

Let’s all join the ar-my!

Let’s all join the ar-my!

Let’s all join the ar-my!

And kill ourselves some things!



Eu tinha visto tudo isso 159 vezes. Mas desde que tinha sido pego no loop, eu quase não tinha nada sobre o mundo fora da minha cabeça, que não dizia respeito diretamente a encontrar uma forma de sair disso. Sentei-me em silêncio em um pequeno refeitório cinza, desprovido de som, levando metodicamente a comida sem sabor até minha boca.

Mesmo se a batalha de amanhã corresse bem, alguns dos soldados daqui não iriam voltar. Se fosse mal, menos ainda iriam voltar. Todos sabiam disso. A Infantaria Blindada era o Papai Noel, e a batalha era o nosso Natal. O que mais restava para os elfos do que se preparar para a véspera do Natal, e beber uma gemada?

Rita Vrataski estava sentada em frente a mim, comendo o mesmo almoço pela 160ª vez. Ela examinou seu *umeboshi* nº 160.

“O que é isso?”

“*Umeboshi*. É feito de ume – algumas pessoas chamam de ameixa, mas é mais parecido com um damasco –... secas ao sol, em seguida é preparada uma conserva como pickles. É para comer.”

“Qual é o gosto?”

“Comida é como a guerra. Você tem que experimentar por si mesmo.”

Ela cutucou a conserva com seu hashi duas ou três vezes, em seguida jogou a coisa toda dentro da boca. A acidez a atingiu como um golpe de um lutador peso pesado e ela curvou-se, agarrando o pescoço e o peito. Eu podia ver os músculos se contraindo em suas costas.

“Gostou?”

Rita mexia a boca sem olhar para cima. Seu pescoço ficou

tenso. Algo saiu voando de sua boca – um caroço perfeitamente limpo deslizou até parar na sua bandeja. Ela enxougou o canto da boca enquanto ofegava.

“Não é tão azedo assim.”

“Não nesse refeitório,” eu disse. “Muitas pessoas vem do exterior. Você encontrará a coisa original em um restaurante local.”

Eu peguei o *umeboshi* da minha bandeja e atirei na minha boca. Exibi-me saboreando a coisa. Verdade seja dita, era azedo o suficiente para torcer minha boca tão apertada quanto o trazeiro de um caranguejo na maré baixa, mas eu não estava disposto a dar-lhe a satisfação de ver isso.

“Muito bom.” Lambi os lábios.

Rita ficou de pé, sua boca fechada em uma linha severa. Ela me deixou sentado à mesa enquanto caminhava pelo corredor entre as mesas, através de soldados apinhados, até o balcão onde os alimentos eram servidos. Lá Rachel falava com um gorila que era capaz tocar o teto ao esticar a mão – o mesmo gorila da 4ª cujo punho tinha encontrado minha mandíbula alguns loops atrás. A Bela e a Fera estavam obviamente surpresos por verem o assunto de sua conversa caminhar até eles. Todo o refeitório podia sentir que algo estava acontecendo, as conversas esmaeceram, a música parou. Graças a Deus.

Rita limpou a garganta. “Eu pegar algumas ameixas secas em conserva?”

“*Umeboshi*?”

“Sim, essas.”

“Bem, claro, se você quiser.”

Rachel tirou um pequeno prato e começou a enchê-lo de *umeboshi* a partir de um balde plástico.

“Eu não preciso do prato.”

“Desculpe, não entendi.”

“Essa coisa que você está segurando em sua mão esquerda. Sim, o balde. Vou levar todos eles.”

“Hum... normalmente ninguém consegue comer tanto assim,” Rachel disse.

“Tem algum problema?”

“Não, acho que não.”

“Obrigado por sua ajuda.”

Com o balde na mão, Rita voltou triunfantemente. Ela o colocou no meio da mesa, bem na minha frente.

O recipiente tinha cerca de trinta centímetros de diâmetro na boca – um balde grande o suficiente para servir cerca de duzentos homens, já que normalmente ninguém nunca pegava mais que uma – cheio até o topo com *umeboshi* vermelho brilhante. Grande o suficiente para afogar um gato pequeno. A base da minha língua começou a arder apenas de olhar para isso. Rita pegou seu hashi.

Ela pegou uma das frutas enrugadas e avermelhadas do balde e atirou na boca, mastigou e engoliu. Cuspiu o caroço.

“Não é tão azedo assim.” Seus olhos estavam mareados.

Rita passou o balde para mim com um empurrão. Minha vez. Peguei o menor que pude encontrar e coloquei na boca. Comi e cuspi o caroço.

“O meu também.”

Nós estávamos jogando nosso próprio jogo de frango gastronômico. As pontas do hashi de Rita tremeram quando o mergulhou novamente no balde. Ela tentou pegar outro *umeboshi* duas vezes até que desistiu e espetou um com apenas um pauzinho, levando-o à boca. A fruta pingou gotas de líquido rosa que mancharam a bandeja onde caíram.

Uma multidão de curiosos começou a se reunir em torno de nós. Eles assistiam em silêncio um desconfortável no início, mas a emoção cresceu palpavelmente com cada cuspidinha na bandeja.

O suor pontilhava nossa pele como a condensação em uma lata gelada de cerveja em um dia quente. A pilha revoltante de caroços cuspidos cresceu. Rachel foi para o lado, observando com um sorriso preocupado. Vi também meu amigo da 4ª no meio da multidão. Ele estava divertindo enquanto via meu sofrimento. Cada vez que Rita ou eu colocávamos outro *ume* em nossas bocas, uma onda de aplausos percorria a multidão.

“Vamos lá, mantenham o ritmo!”

“Não desistam agora, continuem mandando ver!”

“Você não vai deixar essa garota ficar se exibindo, vai?”

“Merda, você acha que pode derrotar Rita? Você está louco!”

“Coma, coma, coma!”

“Tomem conta das portas, não quero que ninguém venha interromper isso! Eu coloquei dez dólares no magrelo!” seguido imediatamente por “Vinte na Rita!” em seguida alguém gritou: “Onde está meu camarão frito? Perdi meu camarão frito!”

Estava quente, barulhento de uma forma que eu não conseguiria explicar, mas parecia que eu estava em casa. Havia um vínculo invisível que não esteve lá durante os outros loops. Eu tive um gostinho do que o amanhã traria, e derrepente todas as pequenas coisas que acontecem em nossas vidas, os insignificantes detalhes do dia a dia, assumiram uma nova importância. Neste momento, ficar rodeado por todo aquele barulho fazia com que eu me sentisse bem.

No final, nós comemos cada *umeboshi* que tinha sido embalado industrialmente no barril. Rita pegou o último. Argumentei que seria um empate, mas como ela disse que como tinha comido o primeiro, ela insistiu que ganhou. Quando objetei, Rita sorriu e ofereceu-se para resolvermos com outro barril. É difícil dizer se aquele sorriso significava que ela realmente poderia continuar comendo ou se a comida azeda tinha feito algum estrago em sua cabeça. O gorila da 4º trouxe outro barril cheio das frutas vermelhas do inferno e colocou no meio da mesa com um baque.

Nesse ponto eu me senti como se fosse feito de *umeboshi* da cintura para baixo. Eu acenei com a bandeira branca.

Depois disso, conversei com Rita sobre tudo – Yonabaru que nunca calava a boca, o sargento Ferrell e sua obsessão pelo treinamento, a rivalidade entre nosso pelotão e o 4º. Por sua vez, Rita contou-me coisas que ela não teve tempo de falar no último loop. Quando não estava envolta por um Mech, a Bitch tinha um sorriso tímido que caía muito bem nela. Seus dedos tinham cheiro de graxa de máquina, ameixa em conserva e uma pitada de café.

Eu não sabia com que variáveis eu estava mexendo, mas nesse 160º loop minha relação com Rita aprofundou-se como nunca antes. Na manhã seguinte, o cabo Jin Yonabaru não acordou no beliche superior. Ele acordou no chão.

3

Eu não encontrei paz alguma no sono. Um Mimic iria extinguir minha vida, ou então eu apagaria no meio da batalha. Depois disso, nada. Então, sem aviso, o nada cedeu. O dedo que esteve apertando o gatilho do meu fuzil estava apertando um trecho do meu livro de bolso. Eu me encontrava deitado na cama, cercado pela sua estrutura metálica, escutando uma voz esganiçada de DJ lendo a previsão do tempo. *Limpo e ensolarado aqui nas ilhas, o mesmo de ontem, com um alerta de UV para a tarde.* Cada palavra fez seu caminho através do meu crânio como vermes, onde ficaram presas.

No 'ensolarado' eu peguava uma caneta, no 'ilhas' eu estaria escrevendo o número em minha mão, e no momento em que ele chegava em 'alerta de UV' eu estaria fora da cama seguindo para o arsenal. Essa era minha rotina ao acordar.

O sono na noite antes da batalha era uma extensão do treinamento. Por alguma razão meu corpo nunca ficava cansado. A única coisa que eu trazia comigo eram minhas memórias e habilidades que desenvolvia. Passei a noite me mexendo, revendo os movimentos que tinha aprendido na noite anterior, movimentos que foram gravados na programação de meu cérebro. Eu tinha que ser capaz de fazer o que não tinha conseguido no último loop, de matar os Mimics que eu não tinha conseguido matar da última vez, de salvar meus amigos que não pude salvar anteriormente. Como fazer flexões isométricas em minha mente. Meu tormento noturno privado.

Acordei no modo batalha. Como um piloto conferindo interruptores antes da decolagem, eu inspecionava cada parte de uma vez, verificava cada músculo que poderia estar com um nó devido à noite mal dormida. Eu não pulei nem mesmo um dedo mindinho.

Girei noventa graus sentado, pulei da cama e abri os olhos. Pisquei. Minha visão ficou turva. A sala estava diferente. A cabeça do primeiro ministro não estava olhando para mim de cima de uma modelo de maiô. No momento em que notei, já era tarde demais, o meu pé não encontrou uma base de sustentação que deveria estar lá e a inércia me derrubou. Minha cabeça bateu no chão, e então finalmente percebi onde estava.

A luz solar brilhou através do vidro resistente a impacto e derramou-se sobre o grande quarto arejado. Uma brisa artificial vinda do purificador caiu sobre meu corpo enquanto estava deitado no chão. As grossas paredes de vidro bloqueavam completamente os sons da base que normalmente inundavam meus ouvidos.

Eu estava no Sky Lounge. Em uma base militar de aço aparente e madeira cáqui com tratamento para retardar chamas, este era o único quarto decente. Originalmente era a sala de reuniões dos oficiais que era conjugada com uma sala de recepção, com uma bela visão noturna de Uchibo através de uma cara camada de vidro.

Apesar de tão agradável vista, era um péssimo lugar para acordar, a não ser que você fosse um cabrito montês ou um eremita que amasse as alturas. Ou você poderia ser Yonabaru. Eu ouvi falar que ele tinha algum lugar secreto em um andar superior aonde até mesmo os oficiais não iriam. "Seu ninho do amor", ele assim o chamava.

Estava mais para um ninho de gavião.

Olhando para fora para o oceano eu podia ver a curva suave do horizonte. A praia de Uchibo estava vagamente visível através da névoa da manhã. Triângulos de ondas subiam, formavam espuma, e então desapareciam de volta no mar. Além dessas ondas estava a ilha que os Mimics tinham transformado em sua área de desova. Por um momento eu pensei ter visto um brilho verde na rebentação. Pisquei os olhos. Tinha sido apenas um reflexo do sol na água.

"Você certamente dormiu bem na última noite." Rita aproximou-se de mim, vindo da outra sala.

Eu olhei para cima lentamente a partir do piso. "Parece que já faz anos."

“Anos?”

“Desde que eu tive uma boa noite de sono. Tinha esquecido como é bom.”

“Isso é conversa louca de loop de tempo.”

“Você bem sabe.”

Rita acenou com a mão em simpatia.

Nossa salvadora, a Full Metal Bitch, parecia mais relaxada nesta manhã do que eu jamais a tinha visto. Seus olhos estavam mais suaves na luz fria da manhã, e a luz do sol fazia seu cabelo cor de ferrugem brilhar alaranjado. Ela me deu o tipo de olhar que daria a um cachorrinho que a seguiu até sua casa. Estava plácida como um monge Zen. Ela estava linda.

A sala de repente ficou muito brilhante, e eu estreitei os olhos devido a súbita claridade. “Que cheiro é esse?”

Era um cheiro estranho misturado com o ar limpo vindo do purificador. Não era necessariamente um cheir ruim, mas eu não iria longe a ponto de chamá-lo de agradável. Muito forte para ser alimento, muito salgado para ser perfume. Francamente eu não sabia que diabos era isso.

“Tudo o que fiz foi abrir o saco. Você tem um nariz afiado.”

“No treinamento eles nos dizem para tomar cuidado com alguns cheiros, já que isso poderia significar um problema com o filtro do Mech – não que eu esteja em um Mech agora.”

“Eu nunca conheci alguém que confunde alimentos com armas químicas antes,” disse Rita. “Você não gosta do cheiro?”

“Gostar não é a palavra que eu usaria. Cheira estranho...”

“Isso não são modos. É assim que você me agradece por preparar um bule de café para nosso café da manhã?”

“Isso é... café?”

“Com certeza.”

“Essa não é sua maneira de se vingar de mim por causa do *umeboshi*, é?”

“Não, isso é o cheiro de grãos de café torrados colhidos de árvores que cresceram naturalmente no chão. Nunca tinha sentido?”

“Eu tomo um copo da porcaria artificial todos os dias.”

“Espere até eu prepará-lo. Você ainda não sentiu nada.”

Eu não sabia que ainda existiam grãos de café naturais no mundo. Ou melhor, eu suspeitava que café de verdade ainda existisse, em algum lugar, mas eu não conhecia alguém que ainda tivesse o hábito de bebê-lo.

A bebida que passava por café atualmente era feita a partir de grãos cultivados em laboratórios com aroma e sabor artificial. Os grãos substitutos não tinham esse cheiro forte como os que Rita tinha moído, e não forçavam seu caminho através do seu nariz da forma com esses o fazia. Eu acreditava que você poderia extrapolar o cheiro da coisa artificial e eventualmente aproximar-se da coisa real, mas a diferença era tão impactante quanto a existente entre um projétil de 9mm de uma pistola e o de um de 120mm de um tanque.

“Isso deve valer uma pequena fortuna”, eu disse.

“Eu estive no norte da África antes de irmos para cá. Foi um dos presentes de uma das aldeias que libertamos.”

“Um dos presentes.”

“Ser a rainha não é de todo ruim, você sabe.”

Um moedor de café de mão estava no meio da mesa de vidro. Um pequeno dispositivo com uma forma característica – eu tinha visto uma vez um em uma loja de antiguidades. Ao lado, havia uma espécie de funil de cerâmica coberto com um pano marrom manchado. Imaginei que era para colocar o pó feito com os grãos naturais para jogar a água sobre eles.

Um fogareiro militar a gás e uma panela dominavam o centro da mesa. Um líquido claro borbulhava ruidosamente na panela. Duas canecas estavam nas proximidades, uma lascada e com a pintura rachada, e outra que parecia nova. No canto da mesa estava um saco de plástico hermeticamente fechado cheio de grãos de café marrom escuro.

Rita não parecia ter muitos itens pessoais. Não havia muita coisa mais na bolsa que parecia um saco semitransparente ao pé da mesa – parecia um pesado saco de pugilista. Sem o café e o equipamento para prepara-lo a bolsa estava quase vazia. Soldados tinha que estar prontos para serem enviados aos confins distantes da Terra a qualquer momento, e não eram autorizados a levar muita

carga, mas mesmo para esses padrões a bagagem de Rita era leve. Que uma das poucas coisas que ela trazia consigo fosse um moedor de café manual não mudava em nada a ideia de que ela era pouco estranha.

“Você pode esperar na cama, se quiser.”

“Eu prefiro assistir,” eu disse. “Isso é interessante.”

“Então eu vou começar a moagem.”

Rita começou a girar a manivela do moedor de café. Um som grave de esmagar encheu a sala e a mesa de vidro tremeu. Os cachos de Rita tremeram em sua cabeça.

“Quando a guerra terminar, eu vou servir a você o melhor chá verde que você já experimentou – em troca do café.”

“Eu pensava que o chá verde tinha vindo da China.”

“Ele pode ter começado lá, mas foi aperfeiçoado aqui. Levou um longo tempo antes mesmo de eles permitirem a exportação. Eu imagino que tipo nós teríamos aqui.”

“Eles servem ele de graça nos restaurantes?”

“Isso mesmo.”

“Depois da guerra...” Rita pareceu um pouco triste.

“Ei, essa guerra vai terminar um dia. Não tenha dúvidas quanto a isso. Você e eu veremos isso.”

“Você está certo. Eu estou certa que você irá.” Rita espalhou o pó sobre o pano que cobria o funil. “Você tem que cozinhá-los um pouco antes de coar.”

“Ah, é mesmo?”

“Muda completamente o sabor. Algo que um velho amigo uma vez me ensinou. Não sei por que, mas ele estava certo.”

Ela umedeceu os grãos moídos na hora com um pouco de água que ainda não estava fervendo completamente. Bolhas cor de creme assobiaram ganhando vida, onde a água tocou o pó. Um aroma marcante com notas de amargo, doce e azedo encheu o ar ao redor da mesa.

“Ainda cheira estranho?”

“O cheiro é maravilhoso.”

Fazendo um movimento circular, Rita cuidadosamente verteu a água. Gota a gota, um líquido marrom brilhante começou a encher

a caneca de aço que esperava logo abaixo.

Uma fina linha de vapor começou a subir da caneca quando um som ensurdecedor atravessou as paredes espessas de vidro resistente a impacto do Sky Lounge. O piso tremeu. Rita e eu pulamos para o chão em uma batida de coração. Nossos olhos se encontraram.

Não houve nenhum tilintar de lustre ou de vidros quebrados, apenas um som concusivo forte, como se alguém tivesse atirado uma espessa lista telefônica no chão. Fraturas com a forma de teias de aranha espalharam-se pelo vidro das janelas, onde um javelin cor de areia prendia-se. Cristal líquido púrpura escoava das rachaduras para o chão.

Muito atrasadas, as sirenes começaram a soar em toda a base. Três colunas de fumaça subiram do lado de fora da janela. A água ao largo da costa tinha ficado com um verde lívido.

“Um – um ataque?” Minha voz estava tremendo. Provavelmente meu corpo também. Em todas as 159 vezes pelo loop eu nunca tinha visto um ataque surpresa. A batalha deveria começar depois que desembarcássemos na ilha Kotoiushi.

Um segundo e terceiro impacto atingiram a janela. O painel de vidro ficou abaulado para dentro, mas de alguma forma resistiu. Rachaduras atravessavam o vidro de fora a fora. Finos raios de luz chegavam até meus olhos.

Rita tinha levantado e estava calmamente retornando a panela para o topo do fogareiro portátil. Ela extinguiu a chama com um gesto experiente.

“Esse vidro é realmente bom. Você nunca sabe quando não é apenas conversa”, Rita refletiu.

“Nós temos que reagir – não, eu tenho que encontrar o sargento – espere, nossos Mechs!”

“Você pode começar acalmando-se.”

“Mas, o que está acontecendo?” Eu não queria gritar, mas não pude evitar. Nada disso estava no roteiro. Eu estive no loop por tanto tempo que a ideia de novos acontecimentos me apavorava. Que o novo evento envolvesse javelins Mimics explodindo contra a janela do quarto onde eu estava não ajudava muito.

“Os Mimic usam os loops para ganhar a guerra. Você não é o único que se lembra do que aconteceu em cada loop.”

“Então isso tudo é porque eu estraguei tudo da última vez?”

“Os Mimic devem ter decidido que essa é a única maneira que poderiam ganhar. Isso é tudo.”

“Mas... a base”, eu disse. “Como é que eles conseguiram chegar aqui?”

“Eles foram até o interior do Mississippi uma vez para atacar Illinois. Eles são criaturas aquáticas, logo não é de se surpreender que consigam encontrar um caminho através de uma linha de quarentena criada por um bando de humanos acostumados com a terra firme.” Rita estava calma.

“Acho que sim.”

“Deixe a preocupação para os chefões. Para você e para mim, isso significa apenas que lutaremos aqui em vez de Kotoiushi”.

Rita estendeu as mãos. Eu as agarrei e ela me ajudou a levantar. Seus dedos estavam calejados nas juntas – marcas devido ao contato com o Mech. A mão que segurara a panela estava muito mais quente que a minha. Eu podia sentir a apreensão no meu peito começando a diminuir.

“O trabalho de um jóquei é matar cada Mimic à vista, certo?”

“Sim. Sim, é isso.”

“Vamos até o hangar americano primeiro. Eu vou vestir meu Mech. Você consiga armas para nós dois. Eu vou dar cobertura à você até o hangar japonês. Certo?”

“Certo!”

“Então nós pegaremos o servidor e o matamos. Fim do loop. Depois disso, só precisaremos limpar o que restou.” Eu parei de tremer. Rita mostrou um sorriso de metal. “Não temos tempo para nosso *cup o’joe*^[18].”

“Apenas vou terminar antes que esfrie,” eu disse, pegando um copo.

“Isso é uma tentativa de humor?”

“Vale a tentativa.”

“Isso seria bom. Café nunca tem o mesmo gosto quando você o requeenta. E se você deixar os grãos abertos, depois de três dias

começa a crescer mofo. Isso aconteceu comigo uma vez na África. Eu merecia um chute no traseiro.”

“Ficou bom?”

“Muito engraçado.”

“Se você não bebeu, como sabe se não ficou bom?”

“Você pode beber todo o café mofado que quiser. Só não espere que eu cuide de você quando ficar doente. Vamos.”

Rita afastou-se da mesa, deixando para trás o café natural recém-feito. Quando começamos a sair da sala, uma pequena mulher que estava apertando a porta veio cambaleando, com cocar de penas na cabeça e tudo mais. Seu cabelo negro estava trançado em um rabo de cavalo que caía para trás da sua bizarra indumentária na cabeça. A americana nativa favorita de todos, Shasta Raylle.

“Nós estamos sendo atacados! Nós estamos sendo atacados!” ela gritou, quase sem fôlego. Seu rosto estava com pintura de guerra vermelha e branca. Comecei a me perguntar se esse loop todo era apenas algum delírio louco em minha mente sendo que eu estaria vivendo meus últimos segundos de vida em alguma cratera fumegante lá fora.

Rita deu um passo para trás para apreciar o que uma das mentes mais brilhantes do MIT tinha para oferecer. “Que tribo está atacando?”

“Não é uma tribo! São os Mimics!”

“Então é assim que você sempre se veste para a batalha?”

“É assim tão ruim?” Perguntou Shasta.

“Eu não sou de criticar os costumes ou a religião das pessoas, mas eu diria que você está cerca de duzentos anos atrasada para o bang-bang.”

“Não, você não está entendendo!” Shasta disse. “Eles me forçaram a me vestir dessa forma para a festa de ontem à noite! Esse tipo de coisa sempre acontece quando você não está por perto.”

Eu suponho que todo mundo tem uma cruz para carregar, pensei.

“Shasta, por que você está aqui?” Rita disse com uma

paciência surpreendente.

“Vim para dizer-lhe que seu machado não está no hangar, está na oficina.”

“Obrigada pela informação.”

“Tome cuidado lá fora.”

“O que você vai fazer?”

“Eu não posso lutar, então imaginei se poderia encontrar um bom lugar para me esconder –”

“Use meu quarto,” Rita disse rapidamente. “Os javelins não podem atravessar as paredes de vidro. É mais resistente do que parece. Você precisa apenas me fazer um favor.”

“Um... favor?”

“Não deixe ninguém entrar até que eu volte.” Rita apontou um polegar na minha direção. Eu não acho que Shasta tenha sequer notado que havia alguém ao lado de Rita até então. Eu quase podia ouvir seus grandes olhos piscando atrás de seus óculos quando ela me viu. Eu não tinha encontrado Shasta Raylle ainda, neste loop.

“E você é...?”

“Keiji Kiriya. É um prazer.”

Rita foi em direção à porta. “Você não deixe ninguém entrar, não importa o que digam. Eu não me importo se for até o presidente, mande todos se foderem.”

“Sim, senhora!”

“Eu estou contando com você. Ah, e outra coisa –”

“Sim?”

“Obrigado pelo amuleto de boa sorte. Vou precisar dele.”

Rita e eu corremos para o hangar.

4

Enquanto Rita e eu fazíamos o percurso relativamente a partir do Sky Lounge, as Forças Especiais americanas já haviam estabelecido um perímetro defensivo em torno do hangar.

Dois minutos para Rita vestir o seu Mech. Um minuto e quarenta e cinco segundos para correr até a oficina de Shasta. Seis minutos e quinze segundos para liquidar com dois Mimics que encontramos no caminho até o hangar japonês. Ao todo doze minutos e trinta segundos haviam se passado desde que saímos do Sky Lounge.

A base tornara-se um caos. Línguas de fogo disparavam para o céu e veículos estavam capotados nas estradas. Fumaça enchia os corredores entre os prédios, prejudicando a visibilidade. Os estalidos parecidos com fogos de artifício de armas de fogo pequenas, inúteis contra Mimics, eram abafadas ocasionalmente por rugidos de lançadores de foguetes. Javelins encontravam helicópteros que vagavam pelo céu, encontrando as pás de seus rotores e enviando-os espiralando em direção ao chão.

Para cada pessoa correndo para o norte fugindo da carnificina, havia outra correndo para o sul. Não havia maneira alguma de saber qual lado estaria a salvo. O ataque surpresa tinha arrassado a cadeia de comando. Ninguém no topo tinha ideia do que estava acontecendo embaixo.

Quase não se encontrava corpos de Mimics, e dos mais de dez mil Mechs da base não se via sinal algum. Os corpos humanos estavam espalhados por todo lado. Não era preciso mais que um olhar de relance para perceber que eram todos KIAs.

Um soldado morto estava com o rosto para baixo no chão trinta metros na frente do hangar. Seu torso tinha sido transformado em carne moída, mas ele ainda segurava uma revista com as duas mãos. Debaixo de uma fina camada de poeira uma sorridente loira com seios à mostra estava na capa. Eu reconheceria aqueles seios prodigiosos em qualquer lugar. Era cara do beliche ao lado do meu que estava com a revista enquanto eu conversava com Yonabaru no alojamento. Era Nijou.

“O pobre bastardo morreu lendo pornografia,” eu disse.

“Keiji, você sabe o que nós devemos fazer.”

“Sim, eu sei. Não voltaremos dessa vez. Não importa quem irá morrer.”

“Não temos muito tempo. Vamos.”

“Eu estou pronto.” Eu pensei que estava, por um segundo. “Merda! Isso não é uma batalha é um massacre.”

A porta do hangar estava aberta. Havia marcas onde alguém tinha arrombado a porta com um pé de cabra. Rita atirou um dos machados de batalha no chão e pegou o rifle calibre 20mm que estava pendurado à suas costas.

“Você tem cinco minutos.”

“Eu só preciso de três.”

Eu corri para o hangar. Era uma construção comprida com Mechs alinhados dos dois lados do corredor no meio. Cada hangar abrigava Mechs suficientes para um pelotão, vinte e cinco em cada parede. O ar dentro hangar estava pesado e úmido. As luzes nas paredes piscavam. A maioria dos Mechs ainda estavam pendurados em seus suportes, sem vida.

O fedor pungente de sangue quase me derrubou. Uma enorme poça escura estava no centro do hangar, manchando o concreto. O bastante para encher uma bacia. Duas linhas que pareciam ter sido pintadas com uma brocha extendiam-se a partir da poça em direção à outra entrada no lado mais distante do hangar.

Alguém tinha sido terrivelmente ferido aqui, e quem quer que tenha arrastado essa pessoa não tinha a força ou equipamento adequado para fazer isso adequadamente. Se todo esse sangue tinha saído de uma pessoa, ela já estaria morta. Um punhado de Mechs estavam espalhados de qualquer forma pelo chão, como penas arrancadas de alguma besta com forma humana.

Um Mech estava parecendo um daqueles ridículos trajes que funcionários de parques de diversões usam em parques temáticos como um rato maniacamente sorridente. Quando eles estão vazios, simplesmente ficam pendurados na parede com buracos nas costas esperando alguém entrar neles.

Como os Mechs leem minúsculos sinais elétricos, cada um deve ser feito sob medida. Se você tentar usar o Mech de outra pessoa, não tem como saber o que irá acontecer. Ele pode até não se mover, ou então torcer seus ossos como gravetos, mas qualquer que seja o resultado, não será bom. Ninguém passa pelo treinamento básico sem aprender pelo menos isso. Os Mechs no

chão eram uma clara evidência de que alguém tinha ignorado essa regra básica devido a uma desesperada necessidade. Eu balancei a cabeça.

Meu Mech estava intocado em seu berço. Eu o escalei. Das trinta e sete checagens antes de inicia-lo, eu pulei vinte e seis.

Uma sombra movia-se no canto mais distante do hangar para onde tinha ido a trilha de sangue – a extremidade do hangar que Rita não estava vigiando. Meu sistema nervoso entrou no modo pânico. Eu estava a vinte metros da porta, talvez menos. Um Mimic poderia cobrir essa distância em menos de um segundo. Um javelin ainda mais rápido.

Eu poderia matar um Mimic com minhas mãos nuas? Não. Eu poderia lidar com ele? Sim. Mimics moviam-se mais rapidamente que um humano em um Mech, mas seus movimentos era fáceis de prever. Eu poderia desviar dele e ficar próximo à parede o suficiente para conseguir chegar até Rita. Inconscientemente, eu assumi postura de batalha, girando minha perna direita no sentido horário e minha esquerda no sentido anti-horário. Então a identidade da sombra finalmente revelou-se: era Yonabaru.

Ele estava coberto de sangue da cintura para baixo. Sangue seco endurecido na sua testa. Parecia um pintor descuidado. Um sorriso substituiu a tensão em seu rosto e ele começou a correr em minha direção.

“Keiji, merda, eu não vi você a manhã toda. Estava começando a ficar preocupado.”

“Com isso são dois. Que bom que você está bem.” Eu cancelei a programação evasiva que meu corpo estava executando e fui em direção às roupas que eu tinha deixado no chão.

“Que você pensa que tá fazendo?” perguntou ele.

“O que parece? Eu vou matar alguns Mimics.”

“Você está louco? Não é hora disso.”

“Você tem algo melhor para fazer?”

“Eu sei lá, e quanto a uma bela retirada, ou então encontrar algum lugar para onde os Mimics não estão indo. Ou talvez apenas correr dessa merda!”

“Os americanos estão se vestindo. Precisamos nos juntar a

eles.”

“Eles não são nós. Esqueça eles. Se não fugirmos agora, não teremos outra chance.”

“Se fugirmos quem irá ficar para lutar?”

“Você pirou? Escute o que você está falando!”

“É para isso que treinamos.”

“A base está perdida cara, estamos fodidos.”

“Não. Enquanto Rita e eu estivermos aqui, não está.”

Yonabaru agarrou o braço de meu Mech, tentando me puxar como uma criança faria com o braço do pai para tentar entrar na loja de brinquedos. “Você está falando merda, cara. Não tem nada que eu ou você possa fazer para ajudar.” Ele disse com outro puxão. “Talvez seja sua ideia de dever, honra, essa merda toda. Mas acredite, ninguém aqui se alistou para morrer por nada. Nós somos apenas soldados comuns. Nós não somos como Ferrell ou aqueles caras das Forças Especiais. A batalha não precisa de nós.”

“Eu sei.” Eu sacudi a mão de Yonabaru com o mais leve dos movimentos. “Mas eu preciso lutar.”

“Você realmente pretende fazer isso, não é?”

“Eu não expero que você compreenda.”

Rita estava esperando por mim. Eu já tinha levado quatro minutos.

“Não diga que não te avisei.”

Eu ignorei o comentário superficial de Yonabaru e corri para fora do hangar. Rita e eu não eramos os únicos soldados vestindo Mechs agora. Meu HUD estava pontilhado com ícones que indicavam outros amistosos. Agrupados em grupos de dois ou três, eles estavam sobre cobertura entre as construções ou atrás de veículos tombados de onde podiam sair a curtos intervalos para disparar rajadas curtas com seus rifles.

O ataque surpresa dos Mimic tinha sido impecável. Os soldados tinham ficado completamente sem comando. Mesmo aqueles Mechs agora não lutavam como um pelotão disciplinado – pareciam mais com civis armados. Para a Infantaria Blindada ser eficaz contra um Mimic, eles teriam que sair da cobertura e disparar tudo que tinham sobre o inimigo apenas para retardá-lo.

Isoladamente, ou em dupla, eles não teriam a menor chance.

Ícones amistosos piscavam no meu display, então apagavam. Certo número de amistosos estava mantendo-se apenas devido às Forças Especiais americanas. O número de ícones Mimics crescia cada vez mais. Metade do tráfego de comunicação era estática, e o resto era uma mistura de gritos de pânico e "Foda-se! Foda-se! Foda-se!" Eu não ouvi ninguém dar ordens. As previsões terríveis de Yonabaru não pareciam muito distantes da realidade.

Eu abri um canal de comunicação com Rita. "E agora?"

"Faça o que sabemos fazer melhor. Matar alguns Mimics."

"Alguma coisa mais específica?"

"Siga-me. Vou mostrar para você."

Nós entramos na batalha. O Mech vermelho de Rita era um estandarte para nosso exército fragmentado se apoiar. Passamos de um soldado solitário a outro, pastoreando e unindo eles. Até que o último Mimic morresse, precisaríamos ficar juntos.

A Valquíria foi de uma extremidade a outra da Linha Florida sem dificuldade, levando uma mensagem implícita de esperança para todos que a viam. Mesmo as tropas japonesas, que nunca tinham visto o Mech dela pessoalmente, muito menos tinham lutado ao seu lado, ganhavam um renovado senso de propósito com a visão do aço vermelho. Onde ela ia, o coração da batalha a seguia.

Em seu Mech, Rita era invencível. Seu ajudante, para ser sincero, poderia ter um calcanhar de Aquiles ou dois, mas eu era páreo para qualquer Mimic. O inimigo da humanidade tinha encontrado seus executores. Era hora de mostrar aos Mimics o quanto eles podiam cair dentro do Inferno.

Recolhendo baterias e munição dos mortos, nos movíamos como uma *jitterbug* da morte por todo campo de batalha. Se alguma construção estivesse em nosso caminho nós esculpíamos um novo caminho pelo campo de batalha. Detonamos um depósito de combustível para acabar com uma multidão de Mimics. Derrubamos parte da torre de rádio da base para usá-la como barricada. A Full Metal Bitch com seu escudeiro ao seu lado era a morte de aço encarnada.

Nós chegamos a um homem escondido atrás dos restos

incendiados de um carro blindado. Um Mimic ia em sua direção, e eu sabia sem que ninguém precisasse me dizer que eu que deveria cuidar dele. Eu o golpreei, e o Mimic caiu. Rapidamente fiquei entre o corpo do Mimic e o homem para protegê-lo da areia condutiva que espirrava do corpo. Sem um Mech para filtrar os *nanobots*, a areia seria mortal.

Rita protegeu o perímetro em torno do homem ferido. Fumaça subia espiralando do carro, reduzindo a visibilidade a quase nada. A dez metros de distância, por volta de seis horas, estava caída uma torre de aço que tinha tombado de lado. Além dela, nosso Doppler estava enxameando com pontos de luz. Se nós ficássemos aqui seríamos varridos pelos Mimics.

As pernas do homem estavam presas debaixo do veículo tombado. Ele era muito musculoso, e uma antiga câmera estava pendurada em seu pescoço que era muito mais grosso que o meu. Era Murdoch, o jornalista que esteve tirando fotos do lado de Rita durante o PT.

Rita ajoelhou e examinou sua perna. "Eu pensei que você tentaria ficar *fora* da batalha."

"Era uma boa foto, Sargento Major. Um Pulitzer com certeza, se eu conseguisse tirar. Não contava com a explosão, no entanto." Fuligem e sujeira sujavam os cantos de sua boca.

"Eu não sei se isso faz de você um sortudo ou um azarado."

"Encontrar uma deusa no Inferno deve significar que tenho alguma sorte," ele disse.

"Essa blindagem está enterrada fundo na sua perna. Eu vou levar muito tempo para tirar."

"Quais são as minhas opções?"

"Você pode ficar aqui tirando fotos até os Mimics lhe esmagarem, ou eu posso cortar sua perna e carrega-lo para a enfermaria. Pode escolher."

"Rita, espere!"

"Você tem um minuto para pensar. Os Mimics estão chegando." Ela ergueu seu machado, sem preocupar-se muito em fornecer todos os sessenta segundos.

Murdoch inspirou profundamente. "Posso perguntar algo?"

“O quê?”

“Se eu viver – você vai deixar em tirar uma foto decente de você? Sem mostrar a língua, sem mostrar o dedo do meio?”



As tropas japonesas e norte americanas encontraram-se cerca de duas horas depois do início do ataque. Nesse tempo o sol tinha escalado o céu oriental e brilhava diretamente sobre nossa cabeça, e os soldados uniam-se em algo que poderia chamar-se de linha de frente. Foi uma batalha feia, mas não foi uma derrota. Ainda havia muitos homens vivos, ainda se movendo, lutando.

Rita e eu corremos através do que restava da base.

5

A frente de batalha corria pelo meio da Base Linha Florida, cortando um grande meio círculo que enfrentava o litoral. Forças Especiais americanas estavam ancoradas no centro desse arco irregular onde o inimigo mostrava mais a sua força. Soldados empilhavam sacos de areia, escondiam-se entre os escombros e disparavam uma chuva de balas, foguetes e palavrões o máximo que podiam.

Se você desenhasse uma linha imaginária dos soldados americanos até a ilha Kotoiushi, o campo de treinamento nº 3 ficaria bem no meio. É aí que os Mimic tinham chegado a terra. Geralmente os Mimic comportavam-se com a inteligência de um

equipamento de jardinagem. Ataques surpresa não faziam parte de seu repertório militar. E você poderia ter certeza que seu ponto fraco – o servidor comandando – ficaria bem defendido, cercado por uma grande força Mimic. Mísseis que enterravam-se fundo sob a base rochosa, bombas de fragmentação que abriam-se em um milhar de pequenas ogivas, bombas incendiárias que queimavam tudo em seu raio de ação. Todas as ferramentas de destruição criadas pela humanidade eram inúteis sozinhas. Derrotar os Mimics era como desarmar uma bomba; você tinha que desarmar cada parte na ordem correta ou ela explodiria na sua cara.

O Mech de Rita e o meu combinavam perfeitamente, sangue e areia. Um machado cobria as costas do outro. Nós nos esquivávamos dos javelins, cortávamos através dos Mimics, abríamos buracos no concreto com o carboneto de tungstênio. Os dois em busca do Mimic cuja morte poderia acabar com isso.

Eu sabia a rotina bem o suficiente: destruir a antena e os backups para evitar que os Mimic enviassem o sinal para o passado. Pensei que estava fazendo direito no loop nº 159, e não parecia que Rita tivesse estragado as coisas. Mas de alguma forma tudo resetou novamente. Conhecer Rita um pouco mais intimamente nesse 160º loop foi bom, mas em troca a Linha Florida levou no seu queixo. Haveria pesadas baixas de pessoal não combatente e um monte de mortos quando finalmente a poeira assentasse.

Eu poderia dizer que Rita teve uma ideia. Ela tinha passado por mais loops do que eu, então talvez ela tenha visto algo que eu não vi. Pensei que iria me transformar em um veterano, mas ao lado dela eu ainda era um novato recém-saído do treinamento básico.

Estávamos no Campo de Treinamento nº3, com a barricada de arame farpado derrubada de um lado e o alambrado derrubado nos outros três lados. Os Mimic lotavam a área, ombro a ombro – como se tivessem ombros. Incapaz de suportar o peso dos enormes Mimics, o concreto estava afundado e rachado. O sol começou a descer no céu, lançando sombras complexas em todo o terreno irregular. O vento era tão forte como tinha sido no dia anterior, mas o filtro do Mech removia todos os vestígios de cheiros.

Então lá estava ele, o servidor Mimic. Rita e eu o vimos ao mesmo tempo. Eu não sei como sabíamos que se tratava dele, mas de alguma forma sabíamos.

“Eu não consigo pedir suporte aéreo no canal de comunicação. Nós não teremos suporte.”

“Nenhuma novidade.”

“Você lembra o que deve ser feito?”

Eu acenei afirmativamente com meu Mech.

“Então vamos lá.”

O campo estava lotado com dez mil metros quadrados de Mimics à espera de nossos machados para enviá-los para o esquecimento da morte. Avançamos na direção deles.

Quatro pernas curtas e uma cauda. Não importa quantas vezes eu tenha visto um Mimic, eu nunca seria capaz de pensar em algo diferente de um sapo inchado. Olhando para eles não havia como diferenciar o servidor dos clientes, mas nós conhecíamos a diferença.

Eles comiam terra e excretavam veneno, deixando para trás um deserto sem vida. A inteligência alienígena que os havia criado tinha dominado as viagens espaciais e aprendeu a enviar informações através do tempo. Agora eles estavam tomando nosso mundo para transformá-lo em uma cópia do seu próprio, até a última árvore, flor, inseto, animal e humano estariam condenados.

Dessa vez nós precisávamos destruir o servidor. Sem mais enganos. Se não conseguíssemos, essa batalha poderia nunca terminar. Eu coloquei toda inércia que usei no meu machado – um acerto limpo na antena. “Peguei!”

O ataque veio por trás.

Meu corpo reagiu antes que tivesse tempo de pensar. No campo de batalha, eu deixava minha consciência longe do trabalho de controlar meu corpo. Os cálculos frios e imparciais do meu sistema operacional subliminar eram muito mais precisos do que minha consciência poderia ser.

O concreto sobre meus pés dividiu-se em dois, enviando poeira cinza pelo ar como se o chão tivesse explodido. Minha perna direita girou para manter o equilíbrio. Eu ainda não podia ver o que

estava me atacando. Não havia tempo para girar meu massivo machado de batalha e coloca-lo no jogo.

Meus braços e pernas moveram-se para manter o equilíbrio com a mudança no meu centro de gravidade. Um choque percorreu meus nervos, que esforçaram-se para dar uma resposta evasiva no tempo necessário. Se minha espinha estivesse conectada à armadura nas minhas costas, ela estaria rugindo como uma tempestade.

Eu empurrei o punho do meu machado. Se fosse feito de forma adequada, poderia dar um golpe parecido com o de um bate estacas. Com a excessão da armadura frontal de um tanque, não existiam muitas coisas que poderiam resistir a um impacto pontual de 370 Kg de força perfurante.

O golpe apenas resvalou. *Foda-se!*

Uma sombra moveu-se na borda do meu campo de visão. Sem tempo para sair do caminho. Eu tinha prendido a respiração desde a tentativa do golpe com o punho do machado. O golpe estava chegando. Pronto. Em um instante meu corpo levantou-se do chão, então eu estava rolando, minha visão alternando entre o céu e o chão, céu e o chão. Eu parei de girar e fiquei em pé com um único e fluído movimento. Meu machado estava pronto.

Ali, com uma perna erguida no ar, estava um Mech vermelho metálico. *Rita!*

Talvez ela tenha me atirado para longe de um ataque que estava vindo, ou talvez eu tenha entrado no caminho dela. Mas definitivamente tinha sido ela que me atirou ao chão.

Que merda é...?

O Mech vermelho agachou-se e disparou em minha direção. O machado mostrava sua borda cortante brilhando. Eu entreguei meu corpo à batalha. Cento e cinquenta e nove loops tinham me ensinado a me mover facilmente, e assim o fiz. O primeiro golpe veio do lado, errando por um fio de cabelo. Eu desviei o segundo, um golpe mortal, com o punho do meu machado. Antes do terceiro, pulei para fora do caminho e coloquei alguma distância entre a atacante.

Prendi a respiração e a realidade da situação me atingiu.

“Que merda você está fazendo?”

Rita caminhou lentamente em minha direção, com o machado girando baixo, quase raspando no chão. Ela parou, e sua voz chiou no link de comunicação. Sua voz alta e delicada, tão deslocada do campo de batalha:

“O que parece que estou fazendo?”

“Parece que você está tentando me matar!”

“Humanos recebem transmissões Mimic como sonhos. Nossos cérebros são antenas que recebem essas transmissões. Mas não funciona em apenas um sentido. Nossos cérebros se adaptaram – nós tornamo-nos antenas transmissoras. Mesmo não estando mais no loop, ainda estamos conectados; Eu ainda posso sentir o servidor Mimic porque eu ainda sou uma antena também. As enxaquecas são um efeito colateral. Você as teve também, não é?”

“O que você está falando?”

“É por isso que o ciclo se repetiu da última vez, mesmo após você destruir os backups. Você não derrubou a antena – eu era a antena.”

“Rita, eu não estou entendendo.”

“Isso funciona nos dois sentidos. Se você transforma-se em uma antena, os Mimics ainda conseguirão fazer o loop. Eu sou uma antena. Você está preso em um loop. Se você me matar, o loop termina. Se eu mato você, é definitivo. Para sempre. Somente um de nós pode viver.”

Nada disse fazia sentido. Eu era um recruta novato preso em um loop temporal que não entendia. Rezei para ficar tão forte quanto a Valquíria que vi caminhando no campo de batalha. Eu tinha visto minha morte muitas vezes tentando seguir seus passos, e depois de 160 tentativas, eu finalmente mereci o direito de ficar ao seu lado. Nós lutamos, rimos, almoçamos e falamos bobagens juntos. Eu me arrastei pelo inferno para ficar próximo dela, e agora o mundo iria nos separar. Eu não podia ficar mais ferrado do que estava agora. O mesmo loop que me transformou em um guerreiro seria o que iria me matar.

“Se a humanidade deve vencer, nós precisamos de alguém que possa quebrar o loop.” A voz de Rita era fria e monotônica.

“Espere, tem que haver –”

“Agora nós temos que descobrir se esse alguém será Rita Vrataski ou Keiji Kiriya.”

Rita disparou.

Eu atirei meu rifle no chão, pois não teria o tempo necessário para mirar e apartar o gatilho contra a Full Metal Bitch. Segurei meu machado com as duas mãos.

Nossa luta se desenrolou por toda a base. Nós nos movemos do campo de treinamento nº3 ao campo de treinamento usado para o PT, passando por cima do que restava da tenda que o general usou para se abrigar daquele sol escaldante do meio dia. Nós passamos pelos restos escaldantes do alojamento da 17ª Companhia e cruzamos os machados em frente ao hangar. Nossas lâminas deslizaram uma sobre a outra. Eu desviei para evitar um gole e continuei correndo.

Os outros soldados paravam para olhar enquanto passávamos. Seus capacetes escondiam suas expressões, mas não o choque. E porque não? Eu mesmo não podia acreditar no que estava acontecendo. Minha mente estava em negação, mas meu corpo continuava a funcionar, obviamente, como a máquina bem lubrificada em que tinha se transformado. Com os movimentos afinados à perfeição eu pressionei o ataque.

Quando nos aproximamos da linha de frente das tropas americanas, uma luz verde em meu HUD piscou – comunicação de Rita. O link entre nossos Mechs em copiaram a comunicação.

“Chefe Criador para Calamity Dog.” A voz de um homem. Rita diminuiu quase imperceptivelmente. Eu aproveitei a oportunidade para aumentar o espaço entre nós. A voz continuou, “Operação de supressão do inimigo próxima do sucesso. Você parece ocupada, precisa de uma mão?”

“Negativo.”

“Ordens?”

“Mantenham os japoneses fora disso. Eu não me responsabilizo pelo que acontecer se entrarem na minha frente.”

“Copiei. Boa caçada. Chefe Criador desligando.”

O canal fechou-se, e eu gritei para Rita. “Isso é tudo que você

tem para dizer? Alô? Que merda!” Isso não teve resposta. O Mech vermelho de Rita aproximou-se. Acabou o tempo para falar. Eu estava muito ocupado lutando por minha vida.

Eu não sabia se Rita estava tentando me matar ou apenas me testando. Eu era uma máquina de precisão sem tempo entre os ciclos de processamento de dados para gastar em informações irrelevantes. Rita e qualquer coisa mais complicada que correr/bater/desviar teria que esperar. Quaisquer que fossem suas intenções, seus ataques eram mortalmente reais.

O portão principal da base estava à minha direita. Estávamos no caminho que eu tinha tomado todas às vezes em que me esgueirei para o lado americano da base para roubar um dos machados de Rita. A linha das Forças Especiais americanas estendia-se em frente ao local onde os dois sentinelas musculosos estavam.

Rita girava sua arma sem preocupar-se com o quê ou quem poderia ser atingido. Eu não via razão para colocar mais ninguém nisso, então comecei a recuar da linha. O Refeitório nº2 estava a cerca de cem metros à frente.

Os javelins tinham derrubado sua cobertura, mas contra todas as probabilidades, ainda estava resistindo. Estava a uma boa distância da linha – poderia servir. Uma batida de coração depois eu atravessei as centenas de metros e atravessei a porta no lado mais afastado do prédio.

A luz estava fraca dentro, apenas o suficiente para enxergar. Mesas estavam caídas, empilhadas para formar uma barricada improvisada na frente da porta oposta à qual eu tinha entrado. Comida e garrafas de molho de soja estavam espalhadas no chão de concreto. Não vi sinal de ninguém – morto ou vivo – no refeitório todo.

Foi aqui que passei inúmeros almoços assistindo Rita comer. Onde eu lutei contra o macaco superdesenvolvido da 4ª Companhia e onde joguei frango gastronômico com Rita e um balde de *umeboshi*. Que lugar melhor do que esse para nós decidirmos nossas vidas num duelo até a morte?

Luz laranja brilhava através de um buraco na parede oeste.

Quando olhei para o cronômetro no meu display eu mal podia acreditar que já tinha se passado oito horas desde o início da batalha. Já estava anoitecendo. Não admira que eu sentisse como se meu Mech estivesse forrado de chumbo, eu não tinha músculos para isso. Minhas baterias estavam sendo drenadas e meus sistemas estavam prestes a começar a desligar. Eu nunca tinha estado em uma batalha por tanto tempo.

O Mech vermelho de Rita entrou no refeitório. Eu bloqueei um giro horizontal com meu machado; A estrutura do meu Mech rangeu. Se eu tivesse parado subitamente o torque dos atuadores teria rasgado meu Mech de dentro para fora. O medo de saber do que Rita era capaz me dominou novamente. Rita Vrataski era um prodígio no campo de batalha e ela sabia como ler cada movimento meu.

Cada movimento na batalha acontecia no nível subconsciente. Isso tornava difícil compensar uma luta contra alguém que conhecia seus movimentos. Rita estava a meio passo de mim, já girando seu machado para liberar um golpe mortal no lugar onde eu estaria antes mesmo de eu chegar lá.

Ele me acertou. Eu instintivamente segui o arco do golpe de seu machado, por pouco evitando a força total do golpe. Minha blindagem do ombro esquerdo saiu voando. Uma luz vermelha acendeu-se em meu visor.

Rita chutou, e não havia forma de evitar. Eu viajei através do refeitório. Faíscas saíram do meu Mech ao arrastar-se no chão de concreto. Eu girei uma vez e bati em uma bancada. Um chuveiro de hashi caiu sobre minha cabeça.

Rita já estava movendo-se. Sem tempo para descansar. Cabeça, confere. Pescoço, confere. Torso, ombro direito, braço direito - tudo exceto a blindagem do meu ombro esquerdo conferia. Eu ainda podia lutar. Peguei meu machado. Enterrei minhas luvas na bancada, saltei para cima e sobre ela. Rita balançou, quebrando o balcão e fazendo voar madeira e metal.

Eu estava na cozinha. Perante mim estendia-se uma enorme pia de aço inox e um fogão a gás industrial. Panelas e frigideiras grandes o suficiente para cozinhar porcos inteiros estavam

pendurados ao longo de uma parede. Pilhas de talheres de plástico chegavam até o teto. Fileiras de bandejas estavam ordenadas para o almoço não servido, que agora esfriava.

Eu recuei, derrubando pratos no chão em uma avalanche de comida e de plástico. Rita estava vindo. Eu atirei uma panela nela e acertei em cheio. Soou como um gongo quando bateu no capacete vermelho cereja do Mech. Aparentemente não foi o suficiente para dissuadi-la. Talvez eu devesse ter tentado a pia da cozinha no lugar. Com um balanço de seu machado, Rita destruiu metade da pia e o pilar de concreto reforçado que a sustentava.

Recuei ainda mais – até uma parede. Caí no chão devido a um giro selvagem de machado na minha direção. O rosto do fisiculturista, ainda sorrindo estupidamente na cozinha, foi acertado em meu lugar. Mergulhei em direção às pernas de Rita. Ela saltou desviando-se. Deixei o impulso me levar de volta às ruínas do balcão do refeitório. Meu machado estava exatamente onde eu tinha o deixado.

Pegar uma arma que você já tinha jogado fora só podia significar uma coisa: você estaria pronto para lutar, pois ninguém pega uma arma que não planeja usar. Era claro que eu não poderia fugir para sempre. Se Rita realmente queria me matar – e eu estava começando a acreditar que sim – não haveria escapatória. Rechaçar um ataque após o outro estava esgotando a bateria do meu Mech. Era hora de decidir.

Havia uma coisa que eu não podia deixar de lado. Algo que eu tinha prometido há muito tempo atrás, quando decidi lutar para encontrar uma saída desse loop. Escondido debaixo da manopla na minha mão esquerda estava o nº160. Quando esse número era apenas 5, eu tinha tomado a decisão de fazer o que fosse necessário para chegar no próximo dia. Eu nunca tinha compartilhado o segredo desses números com ninguém. Rita, Yonabaru, nem mesmo Ferrell com quem eu treinei tantas vezes. Somente eu sabia o que ele significava.

Esse número era o meu melhor amigo, e enquanto ele estivesse lá eu não teria medo de morrer. Não importava se Rita me matasse. Eu nunca teria chegado tão longe sem ela, de qualquer

forma. O que seria mais apropriado do que redimir minha salvadora com minha própria morte?

Mas se eu desistisse agora, tudo teria sido em vão. As tripas que eu tinha espalhado naquela ilha devastada. O sangue em que sufoquei. O braço que vi caído no chão. Toda a merda do loop. Ele iria desaparecer como fumaça no cano de uma pistola. As 159 batalhas que existiram apenas na minha cabeça estariam perdidas para sempre, sem significado algum.

Se eu desse tudo o que tinha e perdesse, era uma coisa. Mas eu não morreria sem lutar. Rita e eu provavelmente estaríamos pensando a mesma coisa. Eu entendi pelo que ela estava passando. Que inferno, nós éramos os únicos nessa merda de mundo que poderíamos entender. Eu rastejei por cada centímetro da ilha de Kotoiushi tentando encontrar uma forma de sobreviver, assim como Rita tinha feito lá na América.

Se eu vivesse e ela morresse, eu nunca mais encontraria alguém como ela novamente. Se ela vivesse, eu deveria morrer. Não importa o quanto eu tentasse imaginar, não via outra saída. Um de nós tinha de morrer, e Rita não queria falar a respeito. Ela ia deixar nossa habilidade decidir. Ela escolheu falar com ação, e eu tinha que dar-lhe uma resposta.

Eu peguei meu machado.

Eu corri para o meio do refeitório e testei seu peso. Eu parei quase exatamente onde nós comemos todo aquele umeboshi. A vida não é engraçada? Apenas um dia atrás, mas parecia uma vida inteira. Rita me venceu naquela vez, também. Eu acho que é justo dizer que ela tem um dom para competir.

O Mech vermelho de Rita avançou passo a passo, me avaliando. Ela parou fora do alcance do meu machado, com sua arma brilhando agarrada fortemente em sua mão.

O som da luta do lado de fora se intrometeu na calma do refeitório. Explosões batiam como tambores distantes. Cápsulas rasgando o céu como notas agudas de flautas. Rifles automáticos tocavam percussão staccato. Nós erguemos nossos instrumentos de carboneto de tungstênio.

Não havia espectadores torcendo nas ruínas do refeitório.

Pilhas de mesas e cadeiras viradas eram nossos únicos espectadores, observadores silenciosos em uma dança mortal dos nossos Mechs vermelho e cor de areia. Nós nos movemos em uma espiral, como Rita sempre fazia, traçando um padrão no chão de concreto. Estávamos dançando o balé da guerra, envoltos na tecnologia de ponta da humanidade, com nossas armas rudimentares cantando um canto fúnebre com milhares de anos de idade.

A lâmina do meu machado estava entalhada e cega. Meu Mech estava cheio de cicatrizes, com a bateria quase esgotada. Meus músculos moviam-se por pura força de vontade.

Uma tremenda explosão balançou o refeitório. Nós saltamos com o som.

Eu sabia que seu próximo golpe seria mortal. Não havia como evitar isso. Sem tempo para pensar – pensar era para o treinamento. Batalha era apenas ação. A experiência gravada em meu corpo através das 159 batalhas iria guiar meus movimentos.

Rita recuou seu machado para fazer o giro. Meu machado respondeu da mesma forma. As duas lâminas gigantes encontraram-se e rasgaram placas da armadura.

Havia apenas uma diferença real entre nós. Rita tinha aprendido a lutar contra os Mimic sozinha. Eu tinha aprendido a lutar contra eles assistindo Rita. O momento exato que ela iria fazer seus movimentos, o próximo passo que ela daria – meu sistema operacional tinha tudo isso gravado. Eu sabia exatamente qual seria seu próximo movimento. Foi por isso que Rita apenas me arranhou, e por isso que meu golpe rasgou seu Mech.

Um buraco abriu-se na armadura vermelha de Rita.

“Rita!”

Seu machado de batalha tremeu em suas mãos. O Mech de Rita estava fazendo o possível para filtrar os comandos involuntários desencadeados pelas convulsões em seus músculos. O machado de carboneto de tungstênio bateu ruidosamente contra sua manopla. Sangue, óleo, e alguns fluidos não identificados escorriam da abertura em sua armadura. A cena era extranhamente familiar para mim, e eu senti um renovado senso de terror. Ela estendeu o braço

e ativou um contato em meu ombro. Um canal de comunicação. A voz de Rita era clara em meu capacete.

“Você venceu, Keiji Kiriya.” O Mech vermelho inclinou-se com força contra mim. A voz de Rita estava seca e cheia de dor.

“Rita – por quê?”

“Eu já sabia faz muito tempo. Desde peguei o primeiro sinal Mimic. A batalha sempre termina.”

“O quê? Não entendo –”

“Você é o único que importa neste loop.” Rita tossiu, um som mecânico através do link.

Eu finalmente entendi. Quando encontrei Rita ontem, ela já tinha decidido que iria morrer. Não entendi no momento. Pensei que acidentalmente tinha tropeçado em algum interruptor. Eu deveria ter tentado encontrar uma maneira de salvá-la, mas deixei o dia passar pelos meus dedos.

“Eu sinto muito, Rita. Eu – eu não sabia.”

“Não se desculpe. Você venceu.”

“Venci? Não podemos apenas... apenas repetir isso? Nunca deixar o loop, mas ficaremos sempre juntos. Para sempre. Nós podemos ficar juntos por mais tempo que uma vida. Cada dia será uma batalha, mas podemos lidar com a luta. Se eu tiver que matar mil Mimics, um milhão, eu os matarei. Nós faremo isso juntos.”

“Toda manhã você acordaria com uma Rita Vrataski que não saberia que você existe.”

“Eu não me importo.”

Rita balançou a cabeça. “Você não tem escolha. Você tem que quebrar o loop antes que aconteça com você o que aconteceu comigo. Acabe com essa maldita coisa enquanto você pode.”

“Eu não irei sacrificar você para isso.”

“O Keiji Kiriya que conheço não sacrificaria toda humanidade pensando apenas em si.”

“Rita –”

“Você não tem muito tempo. Se tem algo que você quer dizer, diga agora.”

O Mech vermelho soltou-se em meus braços.

“Eu vou ficar com você até que você morra. Eu – eu amo

você.”

“Bom. Eu não quero morrer sozinha.”

Seu rosto estava escondido sobre seu capacete, e por isso eu estava grato. Se eu fosse capaz de ver suas lágrimas, eu nunca poderia terminar esse loop e deixá-la para sempre. A luz do sol poente, avermelhada e baixa no céu ocidental, jogou-se sobre o Mech vermelho de Rita, envolvendo-a em um brilho rubi brilhante.

“A luta foi longa, Keiji. O sol já está se pondo.”

“É lindo.”

“Bastardo sentimental.” Havia um sorriso em sua voz. “Eu odeio céus vermelhos.”

Foi a última coisa que ela disse.

6

O céu estava luminoso.

Rita Vrataski estava morta. Depois que matei o servido Mimic e acabei com os retardatários, eles me atiraram em uma cela. Disseram que era por prevaricação. Por agir de forma imprudente e ignorar as ordens de um oficial superior, eu tinha colocado meus companheiros em perigo. Não importava que não havia nenhum oficial superior para dar as ordens de merda. Eles estavam tentando encontrar alguém para culpar pela morte de Rita, e eu não podia culpá-los por quererem um bode espiatório.

A corte marcial ocorreu três dias depois que me trancaram; fui absolvido das acusações. No final, eles decidiram me dar uma medalha no lugar.

Um general, aquele que tinha ordenado o PT, me deu um tapinha nas costas e falou do bom trabalho que eu tinha feito. Ele quase revirou os olhos quando disse isso. Eu queria dizer para ele enfiar a medalha no rabo por todo o bem que isso faria, mas resolvi me controlar. A morte de Rita era minha responsabilidade. Não fazia sentido descontar nele.

A medalha era a Ordem da Valquíria, concedida apenas a soldados que tinham matado mais de cem Mimics em uma simples batalha. Uma condecoração criada originalmente para um soldado muito especial. A única maneira de receber uma condecoração ainda maior seria morrer em batalha – como Rita morreu.

Eu realmente tinha matado um monte daqueles filhos da puta. Mais do que todas as mortes de Rita em uma única batalha. Eu não me lembro de muita coisa depois de ter destruído o servidor, mas aparentemente eu encontrei uma bateria para substituir a do meu Mech e parti para o combate corpo a corpo enfrentando sozinho algo como cerca de metade de todos os Mimic que atacaram a Base Linha Florida.

A reconstrução da base prosseguiu em um ritmo fervoroso. Metade dos prédios da base tinham sido queimados até o chão, e limpar os escombros era uma tarefa monumental em sim. O alojamento da 17ª Companhia estava perdido, e o livro de mistério que eu nunca terminei estava reduzido à cinzas.

Eu vaguei sem rumo enquanto as pessoas iam para lá e para cá na base.

“Lutar como um filho da puta maníaco? É assim que condecoram heróis agora.”

A voz era familiar. Eu virei apenas a tempo de ver um punho voar em minha direção. Minha perna esquerda reposicionou-se. Eu não tive tempo para pensar. Tudo o que eu podia fazer era decidir entre ligar ou não o botão de contra ataque em minha cabeça. Se eu ligasse o botão os reflexos queimariam em mim como nos 160 loops anteriores, como o corpo de um robô em uma fábrica.

Eu poderia deslocar meu peso para a perna esquerda, desviar o punho com meu ombro, e agarrar o cotovelo do meu atacante enquanto dava um passo à frente com meu pé direito e atirava meu cotovelo no lado de seu corpo. Isso cuidaria do primeiro soco. Executei a simulação em minha cabeça e percebi que estaria quebrando as costelas do meu agressor antes mesmo de saber quem ele era. Eu optei apenas por tomar o soco. O pior que aconteceria seria ficar com um olho roxo. Doeu mais do que eu esperava. A força do golpe me jogou para trás, e eu caí sentado. Pelo menos

não quebrei nada – tudo de acordo com o plano. Foi bom saber que eu poderia seguir carreira como saco de pancadas caso não me saísse bem no exército.

“Eu não sei quanto à essa coisa de você ser um prodígio, mas com certeza você é muito convencido.”

“Deixe ele em paz.”

Yonabaru estava sobre mim. Parecia que ele queria ficar dando socos, mas uma mulher em uma camiseta simples deu um passo para pará-lo. Seu braço esquerdo estava em uma tipóia. Ela devia ser a namorada de Yonabaru. Eu estava feliz pelos dois terem sobrevivido.

Havia uma luz nos olhos da mulher como eu nunca tinha visto antes, como se observando um leão acorrentado. Era um olhar reservado para algo que não seria humano.

“Vir aqui como se nada houvesse acontecido – fico enjoado só de olhar para você.

“Eu disse, deixe ele em paz.”

“Foda-se ele.”

Antes que eu pudesse levantar, Yonabaru foi até ela. Eu levantei lentamente e tirei a poeira de mim. Minha mandíbula não doía tanto assim. Não era nada comparado ao vazio que Rita deixou em mim.

“Ele deu um bom golpe,” Eu ouvi atrás de mim. Era Ferrell. Ele parecia o mesmo de sempre, com talvez uma ou outra ruga em sua testa devido à luta.

“Você viu isso?”

“Sinto muito, eu não tive tempo para impedi-lo.”

“Está tudo bem.”

“Tente não guardar rancor. Ele perdeu um monte de amigos naquele dia. Ele apenas precisa de tempo para aceitar.”

“Eu vi Nijou – o que restou dele.”

“Nosso pelotão perdeu dezessete homens. Estão dizendo que são três mil vítimas no total, mas não há nenhum número oficial ainda. Você se lembra da bela jovem do refeitório nº2? Ela não resistiu, também.”

“Oh.”

“Não é culpa sua, mas isso pouco importa em um momento como esse. Você sabe, você deu um belo chute na amiga de Yonabaru. Entre outros.”

“Outros?”

“Outros.”

Adicionar Ferrell à lista de pessoas que eu encontrei na batalha. Quem sabe o que mais eu tinha feito. Eu não conseguia me lembrar de coisa alguma, mas estava claro que eu me comportei como um maníaco homicida no campo de batalha. Talvez tenha sido eu o responsável por colocar o braço da namorada de Yonabaru naquela tipóia. Não me admiro dele estar tão bravo. Um chute de um Mech poderia ter feito muito mais do que isso. Que inferno, você poderia liquefazer órgãos internos com facilidade.

Eu espero que Yonabaru se lembre do medo. Ajudaria a mantê-lo vivo na próxima batalha. Ele pode não pensar mais em mim como um amigo, mas ele ainda o era para mim.

“Sinto muito.”

“Esqueça isso.” Ferrell definitivamente não estava com raiva. Na verdade ele parecia agradecido. “Quem te ensinou a pilotar um Mech dessa forma?”

“Você, sargento.”

“Estou falando sério, filho. Se estivéssemos falando de treinos padrão de formação seria uma coisa, mas não existe um soldado em todo exército japonês que pudesse ensiná-lo a lutar assim.”

O Sargento Bartolome Ferrell tinha mais batalhas em sua carreira do que qualquer pessoa na UDF. Ele sabia o que era um guerreiro. Ele entendeu que se eu não o tivesse chutado para fora do caminho ele estaria morto. Ele sabia que o recruta novato que estava na frente dele era um guerreiro melhor do que ele poderia ter a esperança de tornar-se. E ele sabia que no campo de batalha, a única posição que importava era o quanto você era bom.

Ele foi o responsável pela base em que construí minhas habilidades. Mas eu não podia explicar isso a ele, e não tentei fazer isso.

“Ah, quase esqueci. Uma mulher com jeito de camundongo americano está perguntando por você.”

Shasta Raylle. A Shasta Raylle que eu só tinha conhecido brevemente no Sky Lounge. Nós mal tínhamos nos falado. A Shasta de quem eu emprestei um machado de batalha em um dos loops.

“Onde está o alojamento temporário do 17? E o hangar? Eu gostaria de ver o meu Mech.”

“Acabou de sair de uma briga e você já quer verificar seu Mech? Você é uma coisa mesmo.”

“Não sou nada especial.”

“As forças americanas pegaram seu Mech. Vá entender isso. Esse camundongo foi um dos que vieram buscá-lo.”

O que eles querem com meu Mech?”

“Os chefões tem seus planos. Não se surpreenda se você acabar fazendo parte das Forças Especiais americanas.

“Sério?”

“Eles precisam de alguém para ficar no lugar da Valquíria. Tenho certeza que você se encaixará bem.” Ferrell deu um tapinha no meu ombro e nos separamos.

Eu fui para o lado americano da base e encontrei Shasta e meu Mech. Os prédios e estradas estavam tão danificados que era difícil dizer onde terminava o lado japonês e onde começava o americano. Até mesmo as sentinelas musculosas tinham desaparecido.

Eu encontrei meu Mech na oficina de Shasta. Shasta estava lá também. Alguém tinha rabiscado as palavras “Killer Cage” na placa de peito. ‘Cage’ era como os americanos pronunciavam o meu nome. Eu acho que esse seria meu apelido agora. Eles não perdiam tempo. Era um bom nome para crápula que ganhava medalhas por matar seus amigos. Eu tinha que agradecer quem pensou nisso. Que mundo de merda.

Shasta me viu encarando a inscrição. “Eu fiquei de olho nisso o máximo que pude, mas eles conseguiram fazer isso assim mesmo. Sinto muito.” Eu tinha a sensação de que ela tinha dito algo semelhante para Rita no passado.

“Não se preocupe quanto a isso. Eles me disseram que você estava procurando por mim?”

“Eu queria dar para você a chave do Sky Lounge.”

“Chave?”

“Que Rita deixou comigo. Ninguém entrou lá desde que você saiu. Não foi fácil manter as pessoas afastadas dali por três dias inteiros, mas eu sei alguns truques.” Shasta me entregou uma chave cartão. “Apenas ignore a coisa na entrada.”

“Obrigado.”

“Fico feliz em ajudar.”

“Posso perguntar algo?”

“O quê?”

“Você – você sabe por que Rita pintou seu Mech de vermelho? Não acredito que seja a cor favorita dela. Eu penso que talvez você saiba o motivo.”

“Ela disse que desejava ficar destacada. Eu não sei por que alguém iria querer se destacar em um campo de batalha. Apenas tornava ela um alvo mais fácil.”

“Obrigado. Isso faz sentido.”

“Eu suponho que você vai pedir para colocar alguns chifres no seu?” Eu devo ter franzido a testa porque ela adicionou imediatamente, “Desculpe! Eu estou apenas brincando!”

“Tudo bem. Preciso aprender a controlar essa minha cara. Obrigado mais uma vez pela chave. Vou verificar o Sky Lounge.”

“Antes de você ir –”

“Sim?”

“Não é da minha conta, mas estive imaginando...”

“O quê?” eu perguntei.

“Você era um amigo antigo de Rita?”

Eu apertei meus lábios em um sorriso irônico.

“Sinto muito. Não deveria ter perguntado.”

“Não, está tudo bem. Na verdade, nós –”

“Sim?”

“Nós tínhamos acabado de nos conhecer.”

“Claro. Nós tínhamos acabado de chegar na base. Foi uma coisa estúpida de se perguntar.”

Eu deixei Shasta e fui até o Sky Lounge. Abri a porta gentilmente, mesmo sabendo que não iria perturbar ninguém.

Fita amarela com as palavras "RISCO BIOLÓGICO" impressas em intervalos regulares estavam atravessadas através da sala. Tinha um extintor de incêndio próximo do meu pé, e um resíduo granuloso cobria a entrada. Imaginei que isso era Shasta sendo engenhosa. A base ainda estava coberta com a areia condutiva dos Mimic, e a descontaminação de instalações não vitais como o Sky Lounge não estavam no topo da lista de prioridades. Esperta.

Entrei na sala. O ar estava viciado. O cheiro de Rita já estava desaparecendo da sala. Nada tinha se movido de onde tínhamos deixado. A bolsa de vinil caída, o moedor de café, e o fogareiro portátil ressaltavam o quanto sua estadia havia sido breve. Eles eram os únicos vestígios de que ela estivera aqui. Quase tudo o que possuía era assunto militar. O jogo de café era seu único pertence pessoal. É claro que ela não tinha me deixado um bilhete – isso teria sido muito sentimental para a Full Metal Bitch.

A caneca na mesa de vidro ainda tinha o café que Rita tinha feito. Eu peguei a caneca. O café estava escuro e frio. Ele tinha ficado na temperatura ambiente há muitos dias atrás. Minhas mãos tremeram, derrubando parte do líquido na superfície de vidro. Era assim que Rita enfrentava sua solidão. Eu agora entendia.



Você é apenas uma peça no tabuleiro, e eu era a peça que tinha substituído você. Nada mais que um falso herói que o mundo precisava. E agora esse mundo que não prestava ia me enviar para o mesmo campo de batalha manchado de sangue e cheio de fumaça. Mas você nunca odiaria o mundo por aquilo que ele faria com você.

Eu não ia permitir que o mundo perdesse. Eles poderiam me

jogar em um campo de batalha cheio de Mimics com nada mais que um machado de carboneto de tungstênio e um Mech pintado que eu encontraria uma saída. Eu marcharia afundado até a cintura em sangue, através de mais massacres que todos os veterinários do UDF tivessem visto em conjunto, e sairia ileso. Eu treinaria até que soubesse o nanossegundo preciso para puxar o gatilho, o momento exato para dar cada passo. Eu não deixaria um javelin chegar próximo de arranhar meu Mech.

Enquanto eu vivesse e respirasse, a humanidade não cairia. Eu prometo isso. Isso poderá levar dezenas de anos, mas eu vencerei essa guerra para você. Até mesmo você não estando aqui para ver isso. Você é a única pessoa que eu desejava proteger, e você se foi.

Lágrimas quentes ameaçaram cair dos meus olhos quando olhei através do vidro rachado para o céu, mas eu não iria chorar. Não choraria pelos amigos que eu iria perder nas batalhas que se avizinhavam. Não pelos amigos que eu não poderia salvar. *Eu não chorarei por você até que essa guerra finalmente termine.*

Através da janela deformada eu vi o céu, azul cristalino, parecendo estender-se até o infinito. Uma nuvem vagava preguiçosamente por ele. Eu me virei para a janela e como uma esponja seca absorvendo água, meu corpo absorveu o céu sem limites.

Você odiava ficar sozinha, mas manteve distância dos alojamentos, dormiu e acordou na solidão, porque era muito difícil encarar os amigos que você sabia que iriam morrer. Presa em um cruel pesadelo sem fim, seus pensamentos eram para eles. Você não podia suportar perder nenhum deles, não importava quem.

Vermelho era sua cor, sua e de ninguém mais. Ela deve descansar com você. Eu vou pintar meu Mech de azul celeste, a cor que você disse que amava quando nos encontramos pela primeira vez. Em um campo de um milhão de soldados, eu vou me destacar dos demais, um para raios para os ataques inimigos. Eu serei o alvo.



Fiquei sentado ali por algum tempo, segurando a última xícara de café que ela tinha feito para alguém que ela mal conhecia. Seu aroma delicado produziu em mim uma saudade e tristeza insuportáveis. Uma pequena colônia de mofo verde azulado agitava-se na superfície do café. Levantando a caneca até meus lábios, eu bebi.

Posfácio

Eu gosto de vídeos game. Estive jogando-os desde que eu era um garoto com o nariz escorrendo. Eu cresci vendo-os crescerem comigo. Mas mesmo depois de terminar dezenas de jogos no modo de dificuldade mais difícil, eu nunca fiquei tentado a comemorar as vitórias até que as paredes tremessem. Eu nunca ri, chorei, ou saltei para comemorar uma vitória. Minha excitação vagava como gelo em um lago tranquilo, girando em torno de algo dentro de mim.

Talvez isso fosse apenas uma tendência que tenho de ficar me observando do lado de fora. Eu olho de baixo para cima e digo, "Depois de todo tempo que investi no jogo, é claro que eu acabaria vencendo ele." Eu via a mim mesmo como um sorriso de merda no rosto – um sorriso de veterano que só alguém que tenha estado lá também poderia apreciar.

O final era sempre o mesmo. O ancião da aldeia não podia pensar em nada melhor do que o mesmo clichê de sempre. "Muito bem, XXXX. Nunca duvidei que o sangue de um herói corria em suas veias." Bem, a piada é você, vovô. Não existe uma gota de sangue de herói em todo o meu corpo, por isso, poupe o elogio. Eu sou apenas um cara normal, e me orgulho disso. Eu cheguei até aqui apenas porque investi tempo nisso. Eu tenho as bolhas nos meus dedos para provar isso. Não tem nada a ver com acaso, sorte, ou ativação dos meus poderes maravilhosos. Eu reiniciei o jogo centenas de vezes até que meu ataque especial finalmente saísse perfeito. A vitória era inevitável. Então, por favor, adie essa conversa de herói.

Este é o tipo de coisa que passou pela minha cabeça enquanto eu estava escrevendo. Sem a ajuda de muitas pessoas, este

romance nunca teria chegado a este mundo. É uma estória sombria, com personagens morrendo para todo lado, mas estou contente com a forma como ela saiu.

Eu gostaria de agradecer a Yoshitoshi Abe por representar tão perfeitamente o mundo do meu romance em suas ilustrações; ao meu editor chefe, Miyuki Matsumoto, que fez mais que seu dever pelo livro; Depois a Takeshi Yamazaki por seu maravilhoso trabalho de design; a Jun Masuda e a seus incríveis amigos por me ajudar com as todas coisas militares; e finalmente a Chohei Kambayashi por suas muitas sugestões inteligentes.

Ah, e quase esqueci. Obrigado a todos os bons garotos e garotas lá fora, me mandando toda aquela força.

- Hiroshi Sakurazaka

Notas de Tradução

1. MIA: Missed in Action. (Perdido em Ação): é uma classificação para pessoal das forças armadas que são reportados como desaparecidos durante ações militares.
2. PX: Post Exchange. Armazém de uma base militar.
3. Zero-novecentos: nove horas (9:00).
4. PT: Physical Training. Treinamento Físico.
5. KIA: Kill In Action. Morto em ação.
6. Anne of Green Gables: best-seller de 1908 da autora canadense Lucy Maud Montgomery. Conta a estória de Anne, uma órfã enviada para a ilha de Prince Edward, onde passa a infância entre orfanatos e casa de estranhos.
7. Spin-off: Um novo produto de mídia derivado de uma ou mais obras já existentes.
8. AWOL: anacronismo de "absent without official leave", ou seja, ausente sem dispensa oficial. Termo utilizado para descrever deserções.
9. Half Nelson: Golpe utilizado em luta livre em que um lutador imobiliza o outro por trás, prendendo os braços deste e aplicando pressão com as mãos sobre o pescoço.
10. Hashi: Tradicionais pauzinhos utilizados como talheres no japonês.
11. Kojiro Sasaki: Um dos mais famosos espadachins do Período Sengoku, que viveu de 1585 à 1612. Fundador da escola kenjutsu Ganryu, o mesmo nome que adotou como nome de guerra. Era mestre no uso de uma katana longa, também chamada de nodachi. Desenvolveu um estilo próprio, o estilo Tsubame Gaeshi (Rasante de Andorinha), e diz-se que era capaz de cortar uma andorinha ao meio em pleno voo.

12. Umeboshi: Uma especialidade da culinária japonesa, uma espécie de conserva de um tipo de ameixa (umê). O umê apesar de ser chamado de ameixa é mais aparentado com o damasco. O Umeboshi é ácido e salgado, sendo servido acompanhado de arroz devido ao seu sabor muito forte. A concentração de ácido cítrico é tão elevada que se for servido diariamente em uma *bento* de alumínio pode provocar a corrosão deste. É considerado um remédio para gripes e resfriados, e é considerado saldável apesar da forte concentração de sal (é curtido em salmora). Atualmente novas técnicas foram desenvolvidas para reduzir a concentração de sódio.
13. Efeito Munroe: Também conhecido como efeito Munroe-Newmann. É a intensificação de uma onda de choque em uma direção particular dada pela configuração geométrica da carga explosiva. Em outras palavras, intensifica-se a onda de choque de uma explosão, focando-a em uma direção e forma de propagação, moldando a forma do explosivo em uma forma específica. Essa técnica revolucionou o desenvolvimento de armas anti-tanques, possibilitando a criação de armas eficazes contra tanques para serem carregadas por apenas um homem da divisão de infantaria.
14. Nuoc Man (Nước chấm): é o nome dado a uma variedade de molhos vietnamitas servidos como acompanhamento de peixes. É composto por vários condimentos, e é normalmente adocicado, azedo, salgado e apimentado.
15. Sea-Monkey: Nome popular dado a uma espécie de camarão da família das Artêmias, que possui uma cauda que lembra a de macacos. Nos anos 50 as fazendas de formigas chegaram ao auge da sua popularidade. Harold von Braunhut criou uma variação do produto, inicialmente chamado de "Instant Life", e depois rebatizado de "Sea-Monkeys" em 1962. O produto foi divulgado intensamente em revistas em quadrinhos, onde os camarões eram

mostrados como animais com feições humanas, sem nenhuma relação com a realidade. Muitos compradores ficaram desapontados com isso, e também com a curta vida dos animais. No entanto, Von Braunhut afirmou com orgulho: "Eu acho que contratei mais de 3.2 milhões de páginas de propagandas em revistas em quadrinhos em um ano. Funcionou maravilhosamente." O kit vinha com dois pacotes de ovos, o primeiro com sal e alguns ovos de camarão. Depois de 24 horas adicionava-se um segundo pacote intitulado "Instant Life Eggs", que continha mais ovos, uma levedura, borax (borato de sódio) e corantes, o que fazia os ovos do primeiro pacote chocarem quase que por mágica. Como não encontrei referência ao produto no Brasil, considere adequado manter o termo original em inglês.

16. Hookah: É o nome como o Narguilé é conhecido na Índia e outros países que falam inglês. É uma espécie de cachimbo de origem árabe, onde a fumaça passa pela água antes de chegar ao fumante.
17. Jitterbug: Um tipo de dança popular nos EUA no início do século XX. O termo vem de uma gíria da época utilizada para descrever os alcólatras que sofriam "jitters", ou tremedeiras devido ao delírium tremens. O termo começou a ser usado para descrever dançarinos que dançavam sem nenhum controle ou conhecimento de dança, parecendo enlouquecidos.
18. Cup o'joe: Expressão carinhosa utilizada para se referir a uma xícara de café. Também pode escrever-se como *Cup of joe* ou *cuppa joe*. Existem algumas teorias sobre a origem da expressão: 1 - Pode ser uma abreviação de 'a *cup of jamoke*', que é uma referência comum ao café. 2 - Poderia ser uma referência a *joe* como chapa, camarada, referindo-se então a algo como bebida do camarada. 3 - Existe uma lenda popular, mas falsa, que atribui a frase à uma piada a respeito de Josephus Daniels (1862-1948) que, quando secretário da marinha americana, aboliu o

vinho na frota. Assim o café tornou-se a bebida mais forte a bordo dos navios, sendo então chamado de *'a cup of Joe'*, *Joe* como apelido para Josephus.



Hiroshi Sakurazaka nasceu em 1970. Depois de uma carreira em tecnologia da informação, ele publicou seu primeiro romance, *Web do Wizard*, em 2003. Seu conto em 2004, "Saitama Chainsaw Massacre", ganhou o 16^o Prêmio da SF Revista Reader. Seus outros romances incluem "[Slum Online](#) and Characters" (co-escrito com Hiroki Azuma).